

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS

REITOR

José Rogerio da Costa Vargens

VICE-REITOR

Nadja Maria Valverde Viana

DIRETOR

Suzana Helena Longo Sampaio

COORDENADOR DO MESTRADO

Serafina Pondé

EDITOR

Celina Scheinowitz

CO-EDITOR

Evelina Hoisel

CONSELHO EDITORIAL

Antonia Herrera (UFBA)
Heloísa Prata e Prazeres (UFBA)
Luiz Antonio Marcuschi (UFPE)
Regina Zilberman (PUC/RS)
Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBA)
Sumaia Sahade Araújo (UFBA)

ASSESSORAMENTO EDITORIAL

Ana Maria Oliveira (UFBA)
Celeste Aída Galeão (UFBA)
Lúcia Mattos (UFBA)

Publicação semestral do Curso de Mestrado em Letras
da Universidade Federal da Bahia
Campus de Ondina - Biblioteca Central/Ondina
40.210 Salvador-Bahia-Brasil

CED / UFBA
Livraria da UFBA Posto 1
Rua Augusto Viana, 37
Canela - Livraria da
UFBA - Posto 2
Rua Barão de Geremoabo
S/N - Ondina
Biblioteca Central
Salvador - Bahia

SUMÁRIO

Notas sobre José Saramago e sua máquina de fazer voar Mirela Márcia Longo Vieira Lima	3
As máscaras na ficção de <i>A hora da estrela</i> Evandro Nascimento	27
Sátira e anti-história em João Ubaldo Ribeiro Luiz Fernando Valente	45
On some possible isoglosses between eurasian proto- nostratic and south-american proto-jê Alexandra Y. Aikhenvald Angenot e Jean-Pierre Angenot .	65
A posposição do sujeito em português: regra de inversão estilística ou mova SN Sumaia Sahade Araújo	93
Que é "que" na fala de analfabetos Claiz Passos, Ivone Novis, Maria Emiliana Passos	103
A realidade grafemático-fonética nos roteiros de Diogo Afonso (século XVI) Célia Marques Telles	115
Lexicologia contrastiva: subsídios para a tradução Celina Scheinowitz	135
Rastros de velho mistério! (Sobre estudos de variação e mudança na fase arcaica do português) Rosa Virginia Mattos e Silva	153

ESTUDOS; Lingüísticos e Literários,
nº 10, dezembro 1990. Salvador,
Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Letras, 1990, 177p.
22cm.

1. Letras - Periódicos I. Uni
versidade Federal da Bahia, Institu
to de Letras.

CDU 8(09)

Estudos	Salvador	nº 10	p. 1-177	dezembro/1990
---------	----------	-------	----------	---------------

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

"Um desejo, não de ser ave,
Mas de poder
Ter não sei quê do vôo suave
Dentro em meu ser".

Fernando Pessoa

RESUMO

Busca-se na literatura do escritor português José Saramago, particularmente no texto de *Memorial do Convento*, uma visão do homem enquanto criador. O pensamento literariamente expresso por Saramago é ainda posto em confronto com reflexões filosóficas análogas, desenvolvidas na contemporaneidade por Bachelard, G. Deleuze e H. Marcuse.

Em um primeiro momento, um rapaz vem do rio. Traz no peito "os primeiros pelos da puberdade". Espreitam-no "os olhos globulosos de uma rã". Passa uma ave azul rasando a água. No outro lado do rio, uma rapariga olha o rapaz que ergueu a mão livre, desenhando "o gesto de uma palavra que não se ouviu".

Num segundo momento, o rapaz sai do interior de uma casa onde se abrigara, atingido pelo som de "um apelo que não espera socorro". Testemunha, então, um espetáculo sangrento, onde dois homens e uma mulher imobilizam um porco, enquanto outro homem corta esse porco, arrancando-lhe os testículos que, em seguida, lança ao espaço, de modo que o mesmo porco venha a mastigá-los.

Em um terceiro momento, após beber e molhar-se de água, o rapaz sai de casa e reencontra uma rã, fazendo com a boca fechada "uma prega de escárnio". Sobre a água, um relâmpago azul. Despe-se o rapaz "como se estivesse curando uma cegueira de si mesmo". Olha-o de longe a rapariga que depois também se despe. O rapaz nada para a outra margem, enquanto o vulto branco e nu da rapariga recua para "a penumbra dos ramos"¹.

Os três momentos compõem Desforra, um dos contos da coletânea Objeto Quase, escrita por José Saramago. O primeiro nos coloca diante de um encontro que não se realiza. Incluído num universo natural, o homem é a parte de um quadro edênico, em meio a uma natureza dadivosa. Contudo, ao não completar o gesto deixa o mundo tal qual "um deserto suspenso da palavra povoadora"². O gesto omitido é equiparado ao próprio desenrolar da narrativa, já que são postos em coincidência gesto e palavra: "todo o seu corpo desenhou o gesto de uma palavra que não se ouviu". Dessa maneira, o personagem, ao omitir uma ação ameaça a fábula, a continuidade do discurso, fazendo com que a própria vida esteja a oscilar posta em suspensão.

Em sua obra José Saramago deixa evidente a sua opção pela palavra preferida, pelo gesto executado. A omisão do gesto tende a ser sempre recusada, relegada mesmo a um espaço de condenação, conforme declara o espectro de Fernando Pessoa a Ricardo Reis,

O pior, porque é irremediável definitivamente, é o gesto que não fiz, a palavra que não disse, aquilo que teria dado sentido ao feito e ao dito... os vivos ainda têm tempo, mas o mesmo tempo lho vai acabando, para dizerem a palavra, para fazerem o gesto³

desvendando o equacionamento entre a omissão e a instância da morte.

Que gesto, que palavra, Não sei, morre-se de

Estudos (10): 3-25, dez. 1990

a não ter dito, morre-se de não o ter feito, é disso que se morre, não de doença...³

Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, a trama é tecida em torno do questionamento lançado por Saramago sobre a sabedoria anunciada no verso de Ricardo Reis: "Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo". Curioso é que este questionamento, onde a omissão do gesto é signo de morte transparece no texto, tanto pela voz do narrador, cuja capacidade analítica demarca todo o espaço da narrativa, como na fala do espectro de Fernando Pessoa que, uma vez morto, é dotado de aguda consciência crítica acerca da obra de Ricardo Reis. Esses dois discursos que muitas vezes se interceptam decretam a impossibilidade da sabedoria contemplativa preconizada nos versos de Ricardo, logo que se queira instalar tal sabedoria no cerne da existência.

Ora, Ricardo Reis é um espectador do espetáculo do mundo, sábio se isso for sabedoria, alheio e indiferente por educação e atitude⁴

Você sabe lá que mulher seria a Lídia das suas odes, admitindo que exista tal fenómeno, essa impossível soma de passividade, silêncio sábio e puro espírito... Tão duvidoso como existir, de facto, o poeta que escreveu as suas odes⁵

Imerso no contínuo da vida, no horizonte de factua lidade desenhado pela mundaneidade do cotidiano, Ricardo Reis recebe os chamamentos emitidos pela vida, sem jamais ceder inteiramente aos seus convites de participação, tendendo mesmo a furtar-se para uma distância de pura contemplação que no texto se resolve como opção pela morte. Na cena final, Ricardo Reis conclui pela sua própria impotência diante do outro ser: entre a opção de ajudar Lídia — a amante desesperada pela perda do irmão assassinado — ou seguir o espectro de Fernando Pessoa em sua caminhada em direção ao túmulo, Ricardo Reis decide morrer.

Estudos (10): 3-25, dez. 1990

Contudo, ainda que equacione morte e suspensão de linguagem, José Saramago não vê a linguagem como seara de pura salvação, admitindo, ao contrário, os riscos inerentes a cada ato de fala: "milagre é não endoidecerem os homens de cada vez que abrem a boca para falar"⁶.

Reafirma a opção pela linguagem como risco supremo, perigo dos perigos; situando ainda uma espécie de tirania exercida sobre cada escritor

provavelmente, a língua é que vai escolhendo os escritores de que precisa, serve-se deles para que expressem uma parte pequena do que é⁶

O segundo momento de Desforra é recortado a partir da caminhada do rapaz que sobe a ladeira, "sem olhar para trás". A natureza já não se insinua como dãdiva, mas com a intensidade de um apelo ameaçador: "o sol calcinava os torrões dos alqueives". Segue-se aí a cena de violência, sugerindo metaforicamente uma situação de isolamento absoluto, prisão da natureza que, "insultada e ferida", é desviada de seu curso e alimenta-se de sua própria castração

a ferida alargou-se, o testículo apareceu, leitoso e raiado de sangue, os dedos do homem introduziram-se na abertura, puxaram, torceram, arrancaram... um dos homens baixou-se e apanhou os dois bagos grossos e macios... atirou-lhes. O porco abocou, mastigou sôfrego, engoliu⁷

Fica assim representado o ser que devora a si mesmo, ou mais precisamente mastiga a própria sexualidade. A viltada ao extremo, a natureza promove uma autofagia, voltando-se para as próprias entranhas. Imagem semelhante adota Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis* quando, ao tomar as páginas do jornal como um painel do mundo contemporâneo, faz emergir deste jornal a imagem dantesca da ca-

Estudos (10): 3-25, dez. 1990

dela Ugolina devorando a própria ninhada:

Pelas ruas ermas de Lisboa anda a cadela Ugolina..., mordendo furiosa o próprio ventre onde já está a gerar-se a próxima ninhada⁸

O mal-estar a que é submetida a natureza na civilização contemporânea é representado como isolamento autofágico. Estão em paralelo o rapaz que omite o gesto que o conduziria à rapariga e o porco que é levado violentamente à castração e à consequente devoração de si mesmo como expressão de sexualidade.

No terceiro momento, aquele que descortina a desforra, o rapaz executa uma espécie de purgação através da água — "encheu um púcaro e bebeu, deixando que a água lhe corresse pelos cantos da boca, pelo pescoço..." — que lhe possibilita trilhar um caminho de volta. Reinstala-se a primeira cena, sendo agora verdadeiramente outra. O silêncio, longe de ser omissão, retenção de linguagem, surge como harmonia, plenitude de sentido que se "assentava sobre a líquida pele daquele interminável corpo". Mergulham a rã e o rapaz que se desforra do isolamento autofágico de Thanatos, através do encontro de Eros na outra margem do rio.

* * *

Os três momentos de Desforra conduzem a um confronto situado pelo autor como base de sua narrativa. Trata-se de um Eros que se defronta com a intromissão de um Thanatos terrível capaz de revertê-lo em seu avesso, o que vale dizer, traduzir o princípio construtivo de Eros em castração e morte. Este confronto parece alicerçar uma teoria da criação intrínseca à obra literária de J. Saramago, encontrando um momento de excelência em *Memorial do Convento*, cuja narrativa é tecida em torno de um conjunto de re-

flexões acerca do homem enquanto criador. E embora seus focos se disseminem, na medida que acompanham as amplas relações do homem com a sua realidade, eles se dividem principalmente entre as construções da máquina de voar do Padre Bartolomeu de Gusmão e a de um convento em Mafra.

Versando sobre a capacidade produtiva do homem, "sobre como se mostram as obras de suas mãos"⁹, o texto se inicia com a questão da reprodução biológica: D. João V e D. Maria Ana Josefa não conseguem "dar infantes à coroa portuguesa". Por isso o rei promete erguer um convento de franciscanos na vila de Mafra no caso de vir a obter sucessão. Em paralelo, Blimunda — vidente que enxerga não o irreal, mas o real, a interioridade da terra e dos corpos — e Baltasar Mateus — soldado maneta — encontram-se em um Auto de Fé e se casam, na mesma ocasião em que se fazem amigos de Bartolomeu de Gusmão, o inventor da máquina voadora. Delineiam-se, assim, os grandes núcleos da narrativa que pouco a pouco começam a convergir para o trabalho de construção da máquina voadora a ser realizado pela "trindade terrestre"¹⁰ — Bartolomeu, Baltasar e Blimunda; e a construção de um enorme convento em Mafra, envolvendo centenas de operários.

É possível dizer que as duas edificações — o convento e a máquina — apresentam naturezas originalmente distintas. O convento nasce como um pagamento ao Deus, em reconhecimento de seu suposto poder. Desvendando o milagre, o narrador sugere que D. Maria Ana, em sua maníaca devoção, entrou em cumplicidade com o artifício franciscano. Quanto à máquina, em que pese o fato de ser padre o seu inventor, nasce de um desafio ao Deus, da inaceitação da condição de criatura, da constatação de que "o homem é o próprio Deus" e de que "Deus não fica no homem quando quer, mas quando o homem o deseja tomar"¹¹.

Este contraste original é ampliado à medida que

se desenvolve a narrativa e enquanto o convento é erguido com o esforço de milhares de operários que chegam oprimidos pelas circunstâncias, como Baltasar, ou arregimentados à força para o trabalho,

Foram as ordens, vieram os homens. De sua própria vontade alguns, aliciados pela promessa de bom salário, por gosto de aventura outros, por despreendimento de afetos também, à força, quase todos¹².

a máquina de voar é fabricada em segredo, pela eleição e pelo zelo de Baltasar e Blimunda que na comunhão do prazer dão corpo ao projeto concebido pelo Padre Bartolomeu.

Desta forma, o horizonte narrativo dimensiona-se entre as duas construções como espaço de confronto entre repressão e libertação. E é sobre este confronto entre produção opressiva e produção libertária que Saramago tece um dos principais fios de sua rede discursiva, opondo o esforço laborioso do trabalho alienado à busca de um sonho perseguido por um pequeno grupo de margem — Bartolomeu, Baltasar e Blimunda — três dos favoritos de Deus, "doidos, defeituosos, excessivos, mas não familiares do Santo Ofício"¹³.

Ao alistar-se para conduzir os carros-de-mão nas obras do convento, Baltasar se retira sem obter qualquer sensação de participação de sua própria subjetividade na ação que realiza, pois, de acordo com o narrador:

um homem deve ser capaz de ganhar o seu pão de qualquer maneira e em qualquer lugar, mas se é o caso de esse pão não lhe alimentar também a alma, satisfizesse o corpo, a alma padecer¹⁴

A produção opressiva — aquela que não satisfaz também a alma, na óptica do narrador do Memorial — é representada em sua potência maximamente destrutiva no episódio

Estudos (10): 3-25, dez. 1990

do transporte da pedra de Pêro Pinheiro para Mafra. Como em Desforra, aĩ se expõe mais uma vez a situação do homem que sob o recalçamento das forças de Eros, relaciona-se com uma natureza opressora.

Tão grande fora o sofrimento durante este arastado dia que todos diziam Amanhã, não pôde ser pior, e no entanto sabiam que iria ser pior mil vezes. Lembravam-se do caminho que descia para o vale de Cheleiros, aquelas apertadas curvas, aqueles declives espantosos... Em todo aquele Verão não houve dia mais quente, a terra parecia uma braseira, o sol uma espora cravada nas costas¹⁵

A anulação do impulso vital de ordem erótica dá-se pela interferência de um poder destrutivo que determina a aniquilação do desejo e a presentificação das forças de morte. Assim, os anseios amorosos de Francisco Marques — "esta noite em companhia da mulher é que ninguém lha tiraria" — são postos em confronto com a castração e a morte do trabalhador esmagado pelo peso da pedra de Pêro Pinheiro.

Tiraram Francisco Marques de debaixo do carro. A roda passara-lhe sobre o ventre, fei to numa pasta de vísceras e ossos, por um pouco se lhe separavam as pernas do tronco, falamos da sua perna esquerda e da sua perna direita que da outra, a tal do meio, a inquieta, aquela por amor da qual fez Francisco Marques tantas caminhadas, dessa não há sinal, nem vestígio, nem um um simples farrapito¹⁶.

Inserido em um contexto, onde as energias são canalizadas para a destruição, o homem desenvolve uma ação da qual se dissocia. Neste aspecto, a pedra de Pêro Pinheiro adquire função quase alegórica, atingindo tanto o presente da narrativa como a época contemporânea que a todo momento é posta em cena pela voz do narrador. O peso da pe

dra indicia o esmagamento do ser que luta unicamente pela sobrevivência sob destrutivas relações de produção, indicando ainda, e em última instância, o peso de uma história adversa contra a qual se age, sem que seja possível acrescentar a esta ação o combustível de um impulso desejante

que é realmente um homem quando só for a força que tiver, quando mais não for que o medo de que lhe não chegue essa força para reter o monstro que implacavelmente o arrasta¹⁷

O episódio do transporte da pedra que serviria de sustentáculo para a varanda do convento em Mafra ilustra a reversão das forças produtivas em forças destrutivas, ficando a cargo da construção da máquina de fazer voar a representação da produção libertária, sedimentada no desejo e orientada para a busca de uma satisfação.

Revedo o discurso de Freud, que enxerga a existência de uma aversão original do homem em relação ao trabalho¹⁸, Marcuse sustenta a possibilidade de uma civilização não repressiva, onde o instinto erótico seja alimentado por novas relações de trabalho

a correlação freudiana "repressão instintiva — labor socialmente útil — civilização" pode ser significativamente transformada na correlação libertação instintiva — trabalho socialmente útil — civilização¹⁹

Para estabelecer o seu modelo de civilização não-repressiva, Marcuse recorre à arte como forma de trabalho gratificante;

há um modo de trabalho que oferece um elevado grau de satisfação libidinal, cuja execução é agradável. O trabalho artístico — sempre genuíno — parece brotar de uma constelação instintiva não-repressiva e visar finalidades não-repressivas²⁰

elegendo o processo de criação artística como modelo de produção não-repressiva e arauto da civilização que propõe. Assim, também a construção da máquina de voar apresentada em *Memorial do Convento* como exercício de libertação pode ser vista como uma imagem da produção artística, ou mais precisamente da produção literária, tal como fica anunciado por Luís de Sousa Rebelo.

Na sua construção põe-se tal delicadeza e há nela tal engenho e arte em domar o ferro, o lenho e o pano à vontade e ao sonho do homem, que a obra se iguala à obra fina cujos materiais de composição são a palavra e o som²¹

A analogia existente entre a máquina de voar e a produção da obra de arte emerge de forma explícita no próprio texto do *Memorial*, quando Bartolomeu Lourenço informa a Domenico Scarlatti sobre um segredo capaz de anular o peso da matéria e impulsionar a máquina em direção ao sol. Este segredo contido nas esferas que, ficamos sabendo mais tarde, é o princípio das "vontades" dos homens aproxima-se dos sons musicais de Domenico Scarlatti

Padre Bartolomeu de Gusmão, decerto não quer dizer-me que estas esferas vão conter música. Não, mas quem sabe se com ela não subiria também a máquina, tenho de pensar nisso, afinal, pouco falta para que me erga eu ao ar quando o ouço tocar no cravo. É um gracejo, menos do que parece, senhor Scarlatti²²

* * *

A aproximação criada entre a máquina de fazer voar e a obra de arte faz emergir, no texto de Saramago, um nível metapoético, conferindo ao discurso um índice acentuado de auto-referência. Assim sendo, é possível inferir a partir da descrição da máquina e de seu funcionamen-

to uma teorização acerca do próprio processo de criação artística.

O impulso ascensional a que se refere Bartolomeu — "pouco falta para que me erga eu ao ar" — é dado tanto pela música de Scarlatti como o será pela passarola que se está a construir. De acordo com Bachelard, que o focaliza nos depoimentos poéticos e particularmente nos relatos das experiências de vôos oníricos, este impulso liga-se a uma necessidade de libertação e de renovação inerente ao psiquismo humano.

Esta leveza de todo o ser se mobiliza sob um impulso ligeiro, fácil, simples: um rápido golpe de calcanhar contra a terra nos dá a impressão de um movimento libertador. Parece que este movimento parcial libera em nós um poder de mobilidade que desconhecíamos...²³

A busca do vôo surge então em correspondência a um impulso libertador, deslocamento para um outro espaço, saída para uma realidade nova e diferente da que se demonstra hostil e opressiva. Nestes termos, o texto de *Memorial do Convento* situa tanto a máquina de fazer voar como a música de Scarlatti como engenhos propulsores deste vôo, configurado como movimento de saída, deriva, ruptura para com o espaço vigente sem que seja contudo definido que novo espaço se procura. Importa antes o ar, na própria dinâmica do vôo:

Então Blimunda perguntou, Aonde vamos, e o padre respondeu, Lá aonde não possa chegar o braço do Santo Ofício, se existe esse lugar²⁴.

No discurso de *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari chamam movimento de desterritorialização²⁵ a este ato de levantar-se do chão, implicando perda de território, movimento antiedipiano de ruptura exercido por uma polaridade

revolucionária inerente ao processo de criação artística. Para Saramago, trata-se de representar o momento da aventura criativa através do exercício de um voo alimentado pela força do desejo.

A máquina tem a aparência de uma barca com asas, seu funcionamento dá-se sob o princípio da atração entre os diversos elementos que a compõem

o sol atrai o âmbar, e o âmbar atrai o éter,
e o éter atrai o iman, e o iman atrai o ferro²⁶

A libertação do peso e a consequente obtenção do impulso ascensional advém do éter que deveria estar contido nas esferas e que, segundo declara Bartolomeu, é o lugar onde ficam as estrelas, o ar que Deus respira. Fazendo ressoar na sua a voz de Dante, Saramago afirma ser "a vontade dos homens que segura as estrelas". Tal concepção se completa na visão de uma continuidade de fluxos entre o homem enquanto máquina produtora de desejos e a própria natureza. Assim é que este éter, inalcançável pelas artes da alquimia, inacessível no céu para aqueles que não voam, só pode ser obtido pelo estranho exercício de captação dos desejos humanos. Captado dos que dele se desprendem, o éter será guardado nas esferas de âmbar e fará a máquina voar.

o éter... antes de subir aos ares e ser o onde as estrelas se suspendem, vive dentro dos homens e das mulheres... o éter não se compõe das almas dos mortos, compõe-se, sim, ouçam bem, das vontades dos vivos²⁷

Fica assim sediada no desejo — que Saramago rotula como "vontade dos vivos" e representa sob a forma de uma nuvem fechada — a energia produtiva que leva o homem ao passo da invenção, ou seja, ao voo, aqui compreendido como movimento de desterritorialização, dinâmica revolucionária. Cabe a Blimunda a captação dos desejos, o recolhi-

mento das "vontades" que estão para abandonar os corpos. Compreende-se, dessa forma, que o combustível da máquina voadora — o que equivale dizer o impulso libertador que leva ao processo de criação poética — não se encerra no âmbito de um único indivíduo, mas antes corresponde a um fluxo de desejo que se propaga na história; é assim de natureza histórica e pressupõe um trânsito sem barreiras entre as instâncias do individual e do coletivo.

esse é o indecifrável mistério das vontades, onde couber uma, cabem milhões, o um é igual ao infinito²⁸

Enquanto movimento de ruptura, o ato de invenção não se alimenta apenas no horizonte do indivíduo, mas se revela como mecanismo propulsor da história. É interessante notar que um dos principais motivos da narrativa do *Memorial do Convento* encontra-se no exercício de denunciar a presença virtual de uma época futura, velada no cotidiano, e analisar como esta existência em potencial conduz a história a uma contínua transformação. Assim é que, ao longo de todo o romance o narrador do *Memorial* lança-se num permanente trânsito entre a época dos fatos que narra e a época contemporânea, onde situa a sua voz...

indo Domenico Scarlatti à quinta, viu, já chegando perto, levantar-se de repente a máquina, num grande sopro de asas... não há nada mais triste que uma ausência, corre o avião pista fora, levanta-se ao ar, só fica uma pun gente melancolia, esta que faz sentar-se Domenico Scarlatti ao cravo e tocar um pouco, quase nada¹⁹

de modo a fazer com que aportem no seu outros textos que navegam na história literária. Este é por inúmeras vezes o seu modo de descobrir uma linguagem nova que só virá à tona como fruto de uma transformação de velhos textos, es-

tando consciente este autor de que "entre a mão e o fruto, há um espigão de ferro"³⁰

Neste ponto, podemos situar a figura do criador que, embora se enfatize em Bartolomeu, assume a imagem tripartida da "trindade terrestre": Bartolomeu, Baltasar e Blimunda. Esta última traz em si a polaridade vidente, a percepção aguçada do artista, estigmatizado por uma demasiada intuição, uma excessiva atenção dedicada à realidade.

Blimunda... ver como tu vês é a maior das tristezas... este é o dia de ver, não o de olhar, que esse pouco é o que fazem os olhos tendo, são outra qualidade de cegos... o poder de Blimunda tinha mais de condenação que de prêmio³¹

A tristeza de Blimunda — que em determinado ponto da narrativa quase a faz perecer, sendo salva tão somente pela beleza da música de Scarlatti — completa-se na tortura de Bartolomeu, cujo desvario consubstancia a angústia do criador como ser que rompe as fronteiras individuais e aproxima-se de uma subjetividade excêntrica, pluralizando-se através de um passeio por múltiplas identidades

pregador na igreja, erudito na academia, cortesão no paço, visionário e irmão de gente mecânica e plebéia em São Sebastião da Pedreira, e que torna ansiosamente ao sonho para reconstruir uma frágil, precária unidade, estilhaçada mal os olhos se lhe abrem³²

A visão do processo de criação poética, como descentramento da subjetividade, passeio por várias identidades, está assinalada em *Memorial do Convento* nesta exploração que se apresenta em Bartolomeu, como também está amplamente discutida em *Manual de Pintura e Caligrafia*, quando H, executando um processo de criação artística que corres-

ponde a uma busca de si mesmo, compreende que encontrar-se é antes perder-se na experimentação de várias identidades.

Nasci no ano de 1632, na cidade de York... meu apelido era Robinson Kreutznaer, mas devido às habituais corruptelas das palavras em Inglaterra somos agora chamados, ou, melhor, chamamo-nos a nós próprios... Crusoé... Nasci em Genebra, em 1712, do cidadão Isaac Rousseau e da cidadã Susanne Bernard... Marguerite Yourcenar memoriza Adriano, é Adriano na memória que lhe inventa³³

Para H, não se trata de uma identificação com as pessoas, mas da experimentação de nomes que identificam de terminadas intensidades e efeitos. A partir de Nietzsche — "cada nome da história sou eu" — Deleuze e Guattari analisam este processo como destruição da idéia de um ser estagnado numa unidade.

Nunca se trata, ..., de identificar-se a personagens, como se diz erradamente de um louco que "se tomaria por...", não há um eu que se identifica com raças, com povos, com pessoas, sobre uma cena da representação, mas nomes próprios que identificam raças, povos e pessoas com regiões, com limiares ou com efeitos numa produção de quantidades intensivas³⁴

Dilacerado, Bartolomeu dissocia-se em efeitos múltiplos, atingindo a experimentação do que ele mesmo compreende como lugar da divindade, visto agora não mais como a indeloscável origem, mas como um efeito passível de ser instalado a cada gesto

O homem é quase Deus, ou será afinal o próprio Deus, sim, sim, se em mim está Deus, eu sou Deus³⁵

De Bartolomeu jorra a principal vertente reflexiva do discurso que termina por aprofundar a tendência filosófica do

narrador principal. Este último veste suas reflexões com altas doses de humor que disfarçam o halo trágico de muitas das suas constatações. Em Bartolomeu, ao contrário, a angústia é inteiramente desvelada. Como se atingisse o próprio caos, chega ele a um momento de intensa agitação discursiva. A esta turbulência dionisíaca da obra por criar opõe-se a limpidez da forma já expressa, a linguagem já apolineamente organizada do discurso musical de Scarlatti

poderia Blimunda ver os órgãos e também as vontades, mas não pode ler os pensamentos, nem ela a estes entenderia, ver um homem pensando, como em um pensamento são, tão opostas e inimigas verdades, e com isso não perder o juízo, ela se o visse, ele porque tal pensa.

A música é outra coisa... Scarlatti põe-se a tocar... organizando os sons em pequenos segmentos, como se escolhesse entre o certo e o errado, entre a forma repetida e a forma perturbada, entre a frase e o seu corte, enfim articulando em discurso novo o que parecerá fragmentário e contraditório³⁶

Para além da limpidez de uma forma medida, Bartolomeu surge na deriva dionisíaca do caos criativo.

A percepção exacerbada — o ver demais e o demais sentir — que estigmatiza Blimunda amplia-se, desta forma, na deriva de Bartolomeu, que delinea em si a imagem do criador como aquele que atravessa uma crise de onde surgirá a obra de arte, produto que se deve inserir no curso da história. Esta crise inventiva de Bartolomeu encontra ressonância em um dos pontos de reflexão de H que, em *Manual de Pintura e Caligrafia*, a situa como vivência do deserto, recorrendo às figuras do Cristo no Jardim das Oliveiras e Lawrence da Arábia, para melhor expressá-la.

Será agora tempo de deserto? E porquê de deserto?... Transposta e sem os discípulos... é esta a cena de Lawrence, voltado, em ago-

nia, para o deserto, durante uma noite inteira... se no Monte das Oliveiras tivesse Jesus morrido daquela hemorragia que benignamente e não fatalmente o acometeu, haveria de pois cristianismo? Não havendo, a história teria sido outra, a história dos homens e de suas obras³⁷.

A imagem do criador surge, no texto de Saramago, o princípio de uma representação descontínua que transita nos três pontos da "trindade terrestre", oscilando do devotário de Bartolomeu para a vidência de Blimunda e reafirmando-se ainda em Baltasar que traz em si a imagem do homem como "faber", aquele que, domando os ferros e o arame, é capaz de dar corpo ao projeto e atingir a materialidade de uma forma. Trata-se do Deus maneta que agrega em si a imperfeição do homem e a sua máxima potencialidade. A ausência da mão esquerda, no caso de Baltasar, e a paralisia desta mesma mão esquerda, no caso de Marcenda em *O ano da morte de Ricardo Reis*, parecem representar um ponto de limitação humana, uma falha, uma falta essencial que leva à imperfeição, na medida mesma que confere uma certa divindade.

Eu não sei nada, sou um homem do campo, mais do que isso são me ensinaram a matar, e assim como me acho sem esta mão, com essa mão e esse gancho podes fazer tudo quanto quiseres... e há coisas que um gancho faz melhor que a mão completa... e eu te digo que maneta é Deus, e fez o universo... Se Deus é maneta e fez o universo, este homem sem mão pôde atar a vela e o arame que hão de voar³⁸.

Em *A negação da morte*, Ernest Becker apresenta a existência humana como a contínua manifestação de um conflito entre uma identidade simbólica que se recusa à morte, buscando expandir-se na permanência, e uma materialidade sujeita às leis naturais e particularmente ao avanço para

a morte.

O homem possui uma identidade simbólica que o destaca nitidamente da natureza... Esta imensa expansão dá ao homem praticamente o "status" de um pequeno Deus na natureza... No entanto, ao mesmo tempo, ..., o homem é comida para vermes... ele está fora da natureza e irremediavelmente dentro dela³⁹

Nestes termos, Baltasar representa o artista, aquele que se volta para a permanência ao buscar a construção de uma forma menos transitória que o seu próprio corpo; ciente de que "mais duram afinal as obras da pedra e da cor do que esta fragilidade de carne"⁴⁰; "a obra é longa, a vida é curta"⁴¹. Baltasar é ainda cada homem em sua sede de produzir, projetando formas numa tentativa de suplantar a certeza do desaparecimento de sua própria individualidade. Como criador, Baltasar é ilimitado, doma o ferro e, contrariando as leis, constrói uma máquina de voar. Como o homem é limitado, devendo guardar dos olhos de Blimunda o espetáculo da própria finitude, de sua invencível perecibilidade.

Nunca te olharei por dentro... Vejo o que está dentro dos corpos, ..., o que está por baixo da pele... o interior destes animais não era realmente um gosto para a vista... com este sangue não vale a pena benzer-nos, porque não é de vida, sim de morte⁴²

O paradoxo entre a busca da permanência e a certeza da transitoriedade manifesta-se como uma extensão do debate entre as forças vitais e a instância da morte, conduzindo mais uma vez à temática de Eros x Thanatos. Tal confronto que se presentifica no artista projeta-se na própria obra. É assim que, em *Memorial do Convento*, o voo da máquina situa a experiência da máxima libertação diante do risco da morte — "a vida... sendo excessiva mata"⁴³. O *mo*
Estudos (10): 3-25, dez. 1990

vimento ascensional que distancia o grupo de margem do braço do Santo Ofício pode conduzir diretamente ao sol ou à queda vertiginosa sobre a terra. Evidencia-se a necessidade de que a aventura criativa encontre o ancoradouro de uma linguagem; necessidade de conduzir o voador a um território de passagem, de modo a evitar-se a dupla ameaça de interrupção ou absolutização do processo.

se não abrirmos a vela, continuaremos a subir, aonde iremos parar, talvez ao sol... Se abrirmos de repente a vela, cairemos na terra como uma pedra⁴⁴

A aventura do voo — aqui relacionada ao processo de criação artística — reproduz as tensões entre vida e morte. Como atesta H, em *Manual de Pintura e Caligrafia*.

Entre morte e vida, entre grafia de morte e grafia de vida, vou escrevendo estas coisas, equilibrado na estreitíssima ponte, de braços abertos, agarrando o ar, a desejá-lo mais denso — para que não fosse ou não seja demasiado rápida a queda⁴⁵

Podemos afirmar, contudo, que embora sediando a tensão entre vida e morte, o texto de Saramago aponta para uma vitória das forças vitais, ao situar a existência de um mecanismo de captação do desejo, capaz de dissociá-lo do corpo perecível do indivíduo. Tal mecanismo parece ser a emersão do desejo em uma linguagem que o dissemine, tendendo a universalizá-lo. Assim, morre Baltasar, mas a sua nuvem fechada permanece na terra, captada por Blimunda que pela primeira vez o vê por dentro. Morre o homem, não o seu desejo, se este dele mesmo se desprende, se ultrapassa as fronteiras daquele que o produz. Morrem os homens, não os seus desejos que se inserem no curso histórico através do objeto artístico. Assim, num diálogo entre Baltasar e Blimunda, a linguagem é apontada como o novo nascimento

Estudos (10): 3-25, dez. 1990

O pecado não existe, só há morte e vida... morreu quem fomos, nasce quem somos, por isso é que não morremos de vez. E quando vamos para debaixo da terra, e quando Francisco Marques fica esmagado sob o carro de pedra, não será isso morte sem recurso. Se estamos falando dele, nasce Francisco Marques. Mas ele não o sabe. Tal como nós não sabemos bastante quem somos e, apesar disso, estamos vivos⁴⁶.

Nestes termos, o discurso de *Memorial do Convento* abala a noção do fundamento da existência localizado no pensamento consciente, privilegiando a linguagem; desfaz-se a máxima potencialidade da morte na vida que emerge em um ato criativo de enunciação.

RÉSUMÉ

Ce qu'on cherche dans la littérature de l'écrivain portugais José Saramago, en particulier dans le texte de *Memorial do Convento*, c'est une vision de l'homme en tant que créateur. La pensée littéraire exprimée par Saramago est confrontée à des réflexions philosophiques analogues, développées dans le monde contemporain par Bachelard, G. Deleuze et H. Marcuse.

NOTAS

1. SARAMAGO, José. Desforra. In: *Objeto Quase*. Lisboa, Caminho, 1984. p.135-58.
2. _____. Centauro. In: _____. Op.cit., p.130.
3. _____. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa, Caminho, 1984. p.148.
4. Ibid., p.90.

Estudos (10): 3-25, dez. 1990

5. Ibid., p. 118.
6. Ibid., p. 62
7. SARAMAGO, José. Desforra. In: *Objeto Quase*. Lisboa, Caminho, 1984. p. 136.
8. _____. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa, Caminho, 1984. p. 31.
9. _____. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p. 165.
10. Ibid., p. 169.
11. Ibid., p. 173.
12. Ibid., p. 291.
13. Ibid., p. 198.
14. Ibid., p. 213.
15. Ibid., p. 256.
16. Ibid., p. 259.
17. Ibid., p. 257.
18. FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos. V. XXI*. Rio de Janeiro, Imago, 1974/75. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).
No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens... A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e esta natural aversão humana pelo trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis.
19. MARCUSE, H. *Eros e civilização; uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 143.
20. Ibid., p. 88.
21. REVELO, Luís de S. Os rumos da ficção de José Saramago. In: SARAMAGO, José. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa, Caminho, 1983. p. 16-7.
22. SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p. 170.
23. BACHELARD, C. *L'air et les songes; essai sur l'imagination du mouvement*. Paris, José Corti. 1976. p. 38.
24. SARAMAGO, J. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p. 200.

Estudos (10): 3-25, dez. 1990

25. O termo desterritorialização indica perda de território, tendência à ruptura com a anterioridade, estando ligado a um movimento que Deleuze e Guattari rotulam como anti-edipiano. Ao lado deste, os autores apontam, ainda, na própria arte, a existência de uma polaridade anti-revolucionária que fortemente se adere ao passado, e por isso é chamada edipiana, sendo ainda associada à neurose e à paranóia. Cf.: DELEUZE e GUATTARI. *O anti-êdipo*; capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
26. SARAMAGO, J. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p. 92.
27. Ibid., p. 123.
28. Ibid., p. 124.
29. Ibid., p. 198.
30. Referimo-nos à incorporação dos discursos de Petrarca e Luís de Camões sob uma nova óptica. Cf.: REBELO, Luis de Sousa. Op.cit., p.21-2.
31. SARAMAGO, J. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p.78-9.
32. Ibid., p. 176.
33. SARAMAGO, J. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa, Caminho, 1983. p. 131-133-134.
34. DELEUZE e GUATTARI. Op.cit., p. 115.
35. SARAMAGO, J. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p. 173.
36. Ibid., p. 176.
37. SARAMAGO, J. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa, Caminho, 1983. p. 192.
38. _____. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p. 68.
39. BECKER, E. *A negação da morte*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976. p. 45.
40. SARAMAGO, J. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa, Caminho, 1983. p. 202.
41. _____. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p. 281.
42. Ibid., p. 57, 78.
43. Ibid., p. 129.
44. Ibid., p. 197.

45. SARAMAGO, J. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa, Caminho, 1983. p. 171.
46. _____. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983. p. 331.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, G. *L'air et les songes; essai sur l'imagination du mouvement*. Paris, José Corti, 1976.
- BECKER, E. *A negação da morte*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.
- DELEUZE e GUATTARI. *O anti-êdipo, capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- FREUD, S. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. V. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974/75. (Edição standard das obras psicológicas completas de S. Freud).
- MARCUSE, H. *Eros e civilização; uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- REBELO, Luís de S. Os rumos da ficção de José Saramago. In: SARAMAGO, J. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa, Caminho, 1983.
- SARAMAGO, J. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa, Caminho, 1984.
- _____. *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa, Caminho, 1983.
- _____. *Memorial do Convento*. São Paulo, DIFEL, 1983.
- _____. *Objeto Quase*. Lisboa, Caminho, 1984.
- VIEIRA LIMA, Mirella Márcia Longo. *O legado de Apolo e Dionísio*. Salvador, UFBA., Mestrado de Letras, 1981.

AS MÁSCARAS NA FICÇÃO DE A HORA DA ESTRELA

Evando Nascimento
Universidade Federal do Rio de Janeiro

R E S U M O

Descrição das figuras do narrador, personagens, leitor e autor em *A hora da estrela* de Clarice Lispector, com a finalidade de indicar a sua função de máscaras no texto. Nesse sentido, indica-se o movimento de intertroca das máscaras ficcionais.

É possível resumir a trajetória inicial do texto de *A hora da estrela*¹, na disposição consecutiva de seus enunciados, como partindo do anúncio pela "Dedicatória do autor (na verdade Clarice Lispector)" do que vai vir adiante e que o su jeito Rodrigo S.M. dedica a, dentre outras coisas, nomes ligados à Música; passando em seguida pela relação dos treze títulos alternativos ao título escolhido para a obra; seguido pelas frases que a brevemente o texto propriamente dito, onde se fazem algumas deambulações reflexivas a respeito do que o texto tematiza ou trata como assunto de narrativa; até chegar à narrativa pretendida, em que se contam os fatos da vida do personagem Macabêa. Nessa espécie de caos que é oferecido pelo texto (e que aos poucos se ordena para seu leitor, como se verá), talvez se possam destacar traços específicos do modo ficcional de *A hora da estrela* que ajudassem a constituir como que o *make-up* de algumas de suas figuras.

As figuras do discurso ficcional de *A hora da estrela* são apreensíveis através de descrições, uma vez que são oferecidas ao olhar crítico no fluxo das frases. O que organiza algumas dessas figuras, permitindo discerni-las de outras que lhes são concorrentes, são os nomes próprios que a elas se apõem. Desse modo, a sua caracterização mais ou menos exata dependeria da acuidade do olhar que pode igualmente nomear (doando sentidos), por que assim fazendo está redobrando na sua escrita a prática (nominativa, significante) do próprio texto.

Uma das figuras mais evidentes é a do sujeito-narrador Rodrigo S.M., perfilada a partir da fala do eu presente na maior parte dos enunciados textuais. Ao invés da 3a. pessoa clássica da narrativa, tem-se um sujeito que não é personagem da história que se propõem narrar, mas que é persona na da escrita geral da obra. Assinalando-se de forma bastante manifesta como suposto sujeito da enunciação do discurso — através de um sentir-pensar, esse "ato que é um fato", que o faz afirmar "sou eu que escrevo o que estou escrevendo" (HE, p. 15) — esse sujeito-narrador torna-se uma espécie de "duplo" do escritor, tentando assumir o lugar de autor da obra. O que complica mais ainda sua posição dentro do texto é o problema de ele próprio reconhecer-se como personagem da história: "A história — determino com falso livre arbítrio — vai ter uns sete personagens e eu sou dos mais importantes deles, é claro" (HE, p. 17). Mas de que modo isso é possível, pode-se perguntar, se em nenhum momento ele parece surgir peremptoriamente dentro da história por ele mesmo narrada? Como fica, afi

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

nal, a inscrição dessa figura no texto: como verdadeiro escritor, como simples narrador ou como personagem ficcional?

Antes de tentar qualquer resposta conclusiva sobre a situação particular do narrador, pode-se caracterizar uma outra figura que se desenha ao longo do texto. Pondo-se em perspectiva a história desfiada pela narrativa "exterior e explícita" (HE, p. 16) de Rodrigo, encontram-se aí seis personagens mais ou menos caracterizados (sendo o que seria o sétimo, o narrador mesmo, um personagem-problema, como já foi dito). O personagem que mais se destaca nessa história contada por Rodrigo é a moça Macabêa — razão pela qual, nesse nível de compreensão, ela funciona como uma espécie de protagonista da narrativa tradicional. A respeito desse "personagem protagonista" são fornecidas algumas informações, através de sucessivos "retratos", antes de se começar sua narrativa. E quando se começa o que ainda prepondera são dados informativos que servem para "co-textualizar" (pôr dentro do texto) a figura de Macabêa. Elaborar-se, assim, uma espécie de "ficha" do personagem, com todos os fatos precedentes mais importantes até o ponto (atual) em que vai-se apreender sua história (a ficção de uma vida). Mantendo-se o mesmo procedimento do narrador de apresentar a figura de Macabêa através de sucessivos "retratos" — aceitando-se, pois, este lance do jogo metafórico do texto —, pode-se tentar "fotografar" de novo esse personagem em pequenos instantâneos, demonstrando a forma verossímil como ele aparece. Então, tem-se:

O protagonista — nome: Macabêa. Antecedentes: moça pobre de Alagoas, criada lá por uma

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

tia, tendo-lhe morrido os pais. A tia cuidou de sua educação, dando-lhe "cascudos" no cocoruto para que ela fosse pessoa direita, não se tornando mulher de vida fácil; fez também com que aprendesse datilografia, o que lhe permitiu ter uma profissão. Mudaram-se para o Rio, não se sabe por que, onde a tia arranjou-lhe emprego, vindo a morrer tempos depois. Macabêa passa então a morar numa vaga de pensão onde divide o quarto com mais quatro moças empregadas nas Lojas Americanas. Trabalha numa firma de representantes de roldanas, tendo um patrão de nome Raimundo e uma colega de nome Glória. Além do contato com sua senhoria, vem a conhecer Olímpico, nordestino como ela, por quem se enamora. Procura um médico de pobres que diagnostica tuberculose pulmonar. Depois mais tarde consulta uma cartomante de nome Madama Carlota, a qual lhe prediz um futuro glorioso.

Esboçado o retrato de Macabêa, há os outros personagens que entram no texto ("se contextualizam" também) à medida que aparecem na vida do protagonista — sendo, por isso, "secundários" na principalidade da história da nordestina. Deles podem-se igualmente tirar alguns "retratos". Estes são, pois, os outros (na ordem em que são "evocados" por seus nomes no texto):

A tia — designada exclusivamente assim, por um tipo de parentesco, sem nome próprio. Foi quem se encarregou de Macabêa quando seus pais morreram. Rigorosa no seu procedimento, não permitia que a sobrinha tivesse uma infância normal. Morre depois de ter vindo com ela para o Rio.

O patrão — nome: seu Raimundo. É o patrão de Macabêa. Resolve despedi-la por ser in-

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

competente para o trabalho. Mas, ao anunciar-lhe o afastamento, descobre-lhe certa delicadeza, e resolve deixar que ela continue trabalhando provisoriamente.

A colega — nome: Glória. Personagem em quase tudo diferente do protagonista, havendo apenas duas coincidências principais: serem do sexo feminino e terem quase a mesma função na empresa — sendo que Glória tem o dado a mais de ser também estenógrafa. Mas Glória antes do mais pertence ao "ambicionado clã do sul do país", pois é carioca da gema. No trabalho e no amor é jeitosa — tanto que, em relação a um, seu emprego está garantido; e, em relação a outro, por ser mais cheia de carnes e por saber pegar homem, acaba tomando o namorado da colega.

O namorado — nome: Olímpico de Jesus. Antecedentes: nordestino como Macabêa, só que da Paraíba. Foi criado por um padraсто que o ensinou a ser educado com as mulheres. Como profissão, "trabalhava de operário numa metalúrgica" (HE, p. 55). Sua força reside, por exemplo, no fato de ter matado um homem, e de também roubar sempre que pode. Interessa-se pelos negócios públicos, adorando fazer discursos; pretende, por isso, ser deputado. Outro de seus sonhos é possuir um açougue. resumindo sua "condição": "ele tinha fome de ser outro" (HE, p. 79), algo que se tornaria possível se viesse a se casar com Glória, deixando "enfim de ser o que sempre fora e que escondia de si mesmo por vergonha de tal fraqueza: é que desde menino na verdade não passava de um coração solitário pulsando com dificuldade no espaço" (HE, p. 79); por isso acaba o namoro com Macabêa, preterindo-a pela colega. Es-

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

se rompimento não lhe causa nenhum remorso.

A cartomante — nome: madama Carlota. A grafia mais vernácula do título de "madama", ao invés do galicismo de "madame", já dá de algum modo os antecedentes deste personagem: como "mã da-ma", antes de ser cartomante ela ganhara a vida como prostituta — fato que ela conta com orgulho; assim, fica guardada enorme distância em relação a Macabêa, a qual apesar da miséria jamais se prosti-tui, até mesmo por não possuir um corpo para fazê-lo. Sendo o último personagem a comparecer, madama Carlota representa uma espécie de vate ou ptoni-sa para o protagonista: é através dela que Macabêa enfim iria ter um futuro.

Além desses personagens "coadjuvantes" da história de Macabêa, encontram-se outros presen-tes no texto, mas que contudo são meros figurantes, não se caracterizando plenamente como personagem, sendo descartados como tais pelo próprio narrador, que não os coloca entre os sete da história. Assim, existem mais estes outros (na ordem de aparecimen-to):

As companheiras de quarto — nomes: Ma-ria da Penha, Maria Aparecida, Maria José "e Maria apenas" (HE, p. 39). Essa quase homonímia pelo fa-to de serem quatro Marias assemelha-se mais a um "coletivo", designando rostos perdidos na multidão — o que, aliás, as aproxima da situação de Macabêa perdida entre os "sete bilhões de pessoas no mun-do" (HE, p. 71). Não chegam a ser amigas de Maca-bêa, como Glória não é, como ninguém vem a ser. Trabalham todas nas Lojas Americanas, e chegam ex-tremamente cansadas para dar qualquer atenção aos acessos de tosse seca de Macabêa de madrugada.

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

A senhoria — sem nome e sem maiores informações textuais, apenas aparece por ter cedi-do uma xícara de café a Macabêa quando esta resol-veu tirar folga e ficar o dia inteiro em casa.

O padraсто de Olímpico — sem nome, sem informações outras que não o fato de ter criado o afilhado, ensinando-lhe como tratar com mulheres.

O médico — entra sem um nome, também com a generalidade do tipo: "um médico de pobres" (HE, p. 81). Aparece quando Macabêa, dois dias de pois de ter comido "comida de rico" (HE, p. 80) na casa de Glória, resolve consultá-lo por indicação da colega. É caracterizado como sem nenhum inte-resse na vida, trabalhando para ganhar dinheiro, e detestando os pobres com que tem que lidar. Diagnos-tica em Macabêa "começo de tuberculose pulmonar" (HE, p. 81).

O soldado — acompanha com o ruflar de seu tambor a história de Macabêa, nos seus instan-tes finais.

As estrelas de cinema — nomes: Marylin Monroe e Greta Garbo. São as estrelas de cinema com as quais Macabêa mantém uma relação de proje-ção: deseja ser como foram.

A multidão em torno do corpo do prota-gonista após o atropelamento: "Algumas pessoas bro-taram no beco não se sabe de onde e haviam se agru-pado em torno de Macabêa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que a-gora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma exis-tência" (HE, p. 97). São figurantes do final des-te "melodrama", que trazem até uma vela para o pro-tagonista.

O homem tocando violino — já anuncia-
Estudos (10): 27-43, dez. 1990

do no início do texto surge no final perante o corpo atropelado "magro de paletô puído tocando violino na rua" (HE, p. 98), tendo junto dele "uma latinha de zinco onde barulhavam secas as moedas dos que o ouviam: com gratidão por ele lhes planger a vida" (HE, p. 99).

Todos esses outros personagens funcionam como coadjuvantes ou como figurantes, cada um a seu tempo, na história da nordestina. O próprio texto explicita a importância — assinalando um valor relativo — destes personagens em contraponto a Macabêa: "Glória era agora a sua conexão com o mundo. Este mundo fora composto pela tia, Glória, o seu Raimundo e Olímpico — e de muito longe as moças com as quais repartia o quarto" (HE, p. 77). É interessante ver como o texto, na fala de seu narrador dá a cifra (melhor dizendo, uma das cifras, inúmeras que são) bastante aparente de que ele é feito: ao assinalar a referência pontual dos outros personagens à figura da nordestina, diminui do mesmo modo a importância de suas histórias tomadas individualmente. Pois se alguma informação sobre esses outros personagens é vazada, isso se deve ao fato de assim se iluminar a própria história de Macabêa — ou seja, eles interessam realmente pelo fato de que suas histórias se cruzam com a do protagonista (a tal ponto que o conectam com o mundo). Isso que parece insignificante, não o é, pois imagine-se que num certo momento fosse a história de Olímpico ou até mesmo de Glória que ganhasse relevo, outro seria então o texto, porque outros seriam também os pontos de interesse da composição; um texto se faz pela relevância que tem na sua costura um ou outro fio (os fatos inventados de uma vi-

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

da) de ficção. Tome-se como exemplo a figura de Olímpico, a respeito da qual se tiram diversos retratos quando do seu namoro com Macabêa. Tal sô o corre porque como uma espécie de "irmão" do protagonista, pelo fato de ser também nordestino, sua história anterior re-ilumina, pela similitude e pelas diferenças, a história de Macabêa. Na interseção das histórias dos outros a da própria Macabêa foi ganhando sentido, sustentando-se o leve tecido narrativo (fiado com o nada dessa vida). Conexão com o mundo, pois, e constituição de um mundo (fictício), onde se destaca, frágil e miserável, sua figura.

Uma vez (re)desenhadas essas duas figuras clássicas da ficção (a do sujeito-narrador e a dos personagens — protagonista, "secundários" e figurantes), pode-se partir para o reconhecimento de outras figuras que sô são apreendidas dentro do funcionamento geral da produção do texto. Que são:

A figura do leitor, que é designado de duas formas genéricas: de "Vós" e de os "senhores". Trata-se de uma figura que cumpre, entre outros papéis, o de "testemunha" que o narrador alicia desde a "Dedicatória", sendo sempre uma presença virtual, apesar de situável numa classe, a se levar em conta a frase seguinte do narrador: "Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia" (HE, p. 38). No "diálogo" que o texto entretetece com seu leitor tem-se a complexidade de uma escrita que expõe a si mesma em julgamento (sub judice fingido), utilizando um outro hipotético como instrumento; este testemunho silencioso e até certo ponto "dirigido" serve como âlibi para a escrita avaliar sua eficácia

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

cia; ou, antes, esse "ato fingido" de convite para preencher as lacunas do texto (sua vacância de sentidos expressa nas perguntas sem resposta) serve para estabelecer o contraponto crítico do jogo indagativo que articula o mecanismo da produção ficcional de *A hora da estrela*.

Outra é a figura do sujeito-autor da obra que aparece com o nome de Clarice Lispector em pelo menos três lugares: na capa do livro (e na folha de rosto, lugares contíguos), na "Dedicatória do autor" (em seguida ao título desta parte, e, entre parênteses, precedido por um "na verdade") e na relação dos vários títulos possíveis para a obra, sob forma de assinatura. Assim, o nome-próprio Clarice Lispector compete com o de Rodrigo S. M., situação já manifesta na "Dedicatória" (HE, p. 7). Coloca-se, portanto, desde o pântico da obra a dúvida quanto à real autoria do texto: quem escreve? De qualquer modo, importa ver ainda que a figura possível do escritor é recorrente ao longo dos textos reunidos sob um mesmo nome próprio posto na capa dos livros (como impressão digital, "eu passei por aqui", diz a figura do autor). Cada novo texto que surge sob esta mesma assinatura reelabora o *make-up* da figura maleável do sujeito-autor — que se expressa, por exemplo, através do estilo. O caso especial de *A hora da estrela* é que ao deslizar para o limiar do texto, a assinatura desta persona compete com seu "narrador oficial".

Torna-se necessário dar um passo mais adiante na significação dessas figuras (processo que as torna verdadeiros signos) sustentadas pelo mecanismo de produção ficcional. No que, então, tem-se, pelo caráter próprio de representação do texto

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

to (do seu Teatro de Ficções, encenado no entrecruzamento de ficções várias), que as figuras anteriormente perfiladas adquirem o sentido veraz de máscaras (imagine-se, ao modo do Carnaval de Schumann, uma série de figuras musicais, umas após outras representando figuras do Carnaval real: Arlequim, Pierrot, Colombina... — assim também o discurso crítico pode elaborar essas segundas máscaras, expressas na analogia por cada faixa da peça musical, retiradas do texto do autor, numa espécie de jogo parafrásico; como igualmente é o caso de Bandeira no seu Carnaval, inspirado em Schumann e na festa mascarada; então, o *remake-up* das máscaras estende-se ao infinito, a depender do novo modo de re(a)presentá-las). Trata-se de formações textuais que se insurgem como índices da teatralidade de *A hora da estrela* fazendo com que o texto tenha um acontecimento de espetáculo oferecido ao leitor (tornado espectador).

Para além do fato de cada máscara ter seu lugar e função marcados com precisão no teatro da escrita de *A hora da estrela* — o que permite o evoluir da representação com o desempenho dos papéis —, o caso é que o texto promove, em vários sentidos, trocãs entre as máscaras que produz.

"Vejo a nordestina se olhando no espelho e — um ruflar de tambor — no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos" (HE, p. 28) diz a certa altura o sujeito-narrador Rodrigo, sugerindo desse modo uma relação de troca de lugares (num sentido de vice-versa) com a máscara protagonista da nordestina. Em diversas outras passagens do texto vê-se a repetição dessa intertroca (que se torna como que um

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

princípio parcialmente modulador das relações entre essas duas máscaras), em que duas coisas pelo menos acontecem: ou a situação do personagem criado repercute de imediato na de seu suposto criador; daí as constantes reclamações de Rodrigo do "desconforto" que é contar essa história, pois para fazê-lo tem que se colocar no "nível" da nordestina, pondo-se no seu lugar, experimentando sua miséria: "Estou passando por um pequeno inferno com esta história. Queiram os deuses que eu nunca descreva o Lázaro porque senão eu me cobriria de lepra" (HE, p. 48). Ou, a outra coisa que acontece, o narrador por diversas vezes transfere para seu personagem algo que ocorre consigo próprio (ou um fato, ou uma idéia), como quando, por exemplo, após descrever o resultado da consulta de Macabêa ao médico, ele coloca como se fosse uma extensão da fala do personagem uma aspiração propriamente sua: um desabafo que expressa o seu estado da mais solidão — mas depois se explica: "Vejo que terei dar a Maca uma situação minha; eu preciso de algumas horas de solidão senão 'me muelo'" (HE, p. 83). É como se, pela ausência de distanciamento, em alguns instantes, entre o assumido criador e sua presumível criatura, eles pudessem intercambiar os lugares, um experimentando o que sentiria se estivesse no lugar do outro (mesmo se o personagem não tem a mínima consciência do que se passa).

Mas a troca de lugares não pára aí, muito pelo contrário, se dissemina em outros pontos de interseção das máscaras do texto. Tal é o exemplo dado pela "competição" estabelecida entre o sujeito-narrador Rodrigo e o sujeito-autor Clarice Lispector pelo lugar da autoria. Insinuando-se

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

na "Dedicatória" como o "verdadeiro" autor do texto — apesar de ser um "homem" (sic) que assume a fala dedicada —, e assinando a listagem dos títulos alternativos, o nome-próprio Clarice Lispector tenta desmascarar o nome correlativo de Rodrigo S. M.. Tem-se assim um nome feminino rasurando o nome masculino que se quereria assinante exclusivo da criação. Mas também o narrador, por seu lado, apesar de considerar-se substituível, tenta barrar a possibilidade de a figura feminina do sujeito-autor assumir o lugar de autoria do texto: "Aliás — descobro eu agora — também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas" (HE, p. 18). Mas nem a ironia manifesta na fala do narrador resolve o problema do lugar intertrocado da autoria pelas máscaras de sujeito-narrador e sujeito-autor do texto. O lugar de "quem escreve" estará sempre interinamente ocupado: seja pela assinatura feminina da capa, da "Dedicatória" e dos títulos; seja pela assunção da fala na maior extensão do texto pela figura masculina do sujeito-narrador. Além disso, há uma outra maneira segundo a qual as máscaras se "encontram": através da coincidência de certos dados informativos quanto à vida de Rodrigo com os da biografia de Clarice Lispector: "eu em menino me criei no Nordeste" (HE, p. 16), ou "quando eu era menino em Recife" (HE, p. 99)...; esses dados da biografia que vazam na escritura do texto demonstram como os acontecimentos de uma vida podem ser de algum modo ficcionalizados. Os dois exemplos das relações possíveis entre sujeito-narrador e autor implicam o deslocamento (sinal da carência

Estudos (10): 27-43, dez. 1990

de um lugar fixo) constante que essas duas máscaras podem sofrer uma em função da outra.

Outro é o exemplo da máscara do leitor que é convocado a sair do seu lugar "para ver como é às vezes o outro" (HE, p. 38), ressaltando-se que "é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta" (HE, p. 38). Pois é essa experiência "nova" que é proposta aos "senhores" leitores da escrita de *A hora da estrela*. O Vós é, então, a cifra da assistência que se quer abalar de seu lugar tranquilo de indiferença para participar ativamente do "melodrama" representado, trocando de certo modo a posição com a máscara dos personagens. Ao lado disso, tem-se a referência dada sobre Macabêa como um "ser real": "Não há dúvida que ela é uma pessoa física" (HE, p. 28). Este é um modo de trazer a instância da escritura para o espaço do real, ocorrendo nesse caso um abalo do lugar íntegro da máscara dos personagens da ficção (em tese, meras figuras textuais): "na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua" (HE, p. 24). A escrita de *A hora da estrela* se perfaz nessa visada sobre o plano fático da existência — o que move seus personagens na direção das fronteiras da ficção, tangenciando a margem de realidade onde se coloca o leitor da obra. Portanto, também essas duas máscaras de leitor e personagens intertrocam seus lugares na distribuição dos papéis dessa ficcionalidade.

Os exemplos fornecidos da intertroca dos lugares textuais significam um regime de representação em que a imagem de uma máscara pode de súbito servir para iluminar a forma de um outro rosto. *Estudos* (10): 27-43, dez. 1990

to, neste jogo de reflexos. É como se o "palco" do texto se transmutasse numa galeria de espelhos em que nenhuma imagem está definitivamente configurada — ou em que, do mesmo modo, toda imagem pode ser "borrada", a se tomar como exemplo o momento em que Macabêa comprando um novo batom vai ao espelho no banheiro do escritório e deborda os contornos dos lábios criando uma semi-máscara de palhaço.

Os lugares originais de cada persona são apenas o ponto de convergência de algumas das forças que impelem o mecanismo da produção ficcional, o qual promove ininterruptamente a flutuação das máscaras no espaço da intertroca. Mas importa ver que é exatamente por terem seus lugares previamente marcados (como na distribuição dos papéis entre os atores) que as máscaras textuais são intertrocáveis (estranho teatro onde os papéis se duplicam), pois só se pode ceder o lugar conquistado... Esta também é a condição para que a flutuação dos lugares não se traduza como confusão — o que atrapalharia certa ordem necessária à escrita.

Apesar disso, os papéis designados realmente se misturam em alguns momentos, como quando o narrador põe frases inteiras e sensações propriamente suas na boca de seu personagem, ou quando no lance final, por pura empatia, Rodrigo declara: "Macabêa me matou" (HE, p. 103). Perpassa esta história um "princípio dissolutivo" (antiprincípio moral) de que para haver o conhecimento real da alteridade (ainda mais quando o outro parece tanto a diferença absoluta) é necessário pôr-se no lugar desta, misturar-se com ela (como no paradigma cristão em que por puro amor se beija o leproso): "É *Estudos* (10): 27-43, dez. 1990

paixão minha ser o outro. No caso a outra. Este meço esquālido igual a ela" (HE, p. 37). Muito ao contrário da vontade de qualquer distanciamento, existe a exigência de um envolvimento dramático, para haver uma experiência de horror e piedade, após o que ocorre a catarse do grito.

Por causa de toda essa mistura é que a máscara de Rodrigo torna-se de mais difícil discernimento, sendo, no entanto, das mais fascinantes, pois não acontece em todo texto de um sujeito participar como autor (embora deslocado), narrador (a maior parte do tempo) e personagem (mesmo clivado na sua posição: entre a história que conta e o plano geral de atualidade da criação). Tentando estar ubiquamente no plano do enunciado e no plano suposto da enunciação do discurso, essa máscara não está em nenhum lugar definitivo. É uma máscara sem rosto substantivo, invenção funcional da própria ficção que nas suas disposições indica a vacância do lugar das suas outras máscaras: de um autor que nem é esse nem aquele, de um narrador que não o é o tempo todo, dos personagens, que ora são e ora não são mais os sete anunciados em busca de seu autor, de um leitor que se instala no pontilhado das fronteiras da ficção com o real...

No caso do leitor, se ele é convocado a sair de si mesmo, tal ocorre pela necessidade de provocar um "estranhamento" da atitude costumeira de espectador passivo da obra, e, no atrito com a diferença, criar um mínimo de consciência a fim de, com o retorno ao comum das coisas que significa todo final de leitura, re-conhecer a realidade que o cerca e que perdera de vista. Ao re-iluminar com sua luz oblíqua os objetos do em-torno, a escritu-
Estudos (10): 27-43, dez. 1990

ra põe em crise o modo usual de o sujeito ler o texto do mundo, fazendo com que sejam descobertas novas maneiras de visão do social, esse nosso (des)-conhecido. Se o texto obtém esse êxito, então um de seus efeitos intencionados pelo menos foi atingido: o de, após o transe da leitura, fazer com que nada mais do que foi tocado seja visto como antes.

ABSTRACT

Description of the figures of the narrator, characters, reader and author in *A hora da estrela* by Clarice Lispector with the purpose of indicating their function as masks in the text. In this way the interchange of fictional masks is pointed out.

NOTES

1. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 5 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979. As referências seguintes ao texto consultado virão logo após as citações, com o número da página entre parênteses, precedido da sigla HE.

SÁTIRA E ANTI-HISTÓRIA EM JOÃO UBALDO RIBEIRO

Luiz Fernando Valente
Brown University
(EUA)

R E S U M O

Embora não tão conhecido quanto os romances *Sargento Getúlio* e *Viva o povo brasileiro*, o volume de contos *Vencecavalo e o outro povo* é um dos textos mais importantes de João Ubaldo Ribeiro. Composto de cinco narrativas interligadas, *Vencecavalo e o outro povo* é uma sátira irreverente e iconoclasta, na qual, através do riso, o autor nos leva a participar de um debate sobre alguns dos mais inquietantes "temas nacionais". Neste trabalho examinamos como, em *Vencecavalo e o outro povo*, João Ubaldo Ribeiro se serve de recursos tais como a paródia, a alegoria e um excesso rabelaisiano da linguagem para questionar a mitologia da identidade nacional brasileira e, ao mesmo tempo escrever uma subversiva anti-história do Brasil, que desmistifica e desconstrói a história oficial.

Críticos como Heloísa Buarque de Holanda, Marcos Augusto Gonçalves e Silviano Santiago mostraram que grande parte da população literária brasileira durante o chamado impasse cultural dos anos setenta oscila entre os pólos do romance-reportagem e de uma tendência à alegoria, à parábola e ao discurso metafórico, através dos quais, especialmente durante a primeira metade da década, se pretendeu comentar sobre o presente ou o passado recente do Brasil e ao mesmo tempo furar o bloqueio de uma censura cada vez mais implacável. Publicado em 1974, *Vencecavalo e o outro povo* de João Ubaldo Ribeiro é, sob muitos aspectos, um típico representante da época. O livro é marcado por uma obsessão com o espectro da censura, ao mesmo tempo que recorre

a elementos alegóricos e simbólicos, que o aparentam, entre outras, a obras como *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, *Cadeias proibidas* de Ignácio de Loyola Brandão, *Mês de cães danados* de Moacyr Scliar e *A casa de vidro* de Ivan Angelo.

O livro de João Ubaldo Ribeiro é composto de cinco contos centrados em cinco diferentes personagens de sobrenome Santos Bezerra: Vencecavalo, Tombatudo, Rombaquirica, Sangrador e Abusado. O estilo dos contos é caracterizado pela insólita combinação da objetividade e referencialidade de um pretense realismo com os excessos, os exageros, as distorções e o grotesco do fantástico¹. O resultado é uma cômica incongruência, que envolve o leitor, ao mesmo tempo que deixa suficiente espaço para que se possa avaliar a correspondência entre o irreal do texto e o real do contexto em que foi produzido. Assuntos de reconhecida atualidade, tais como o despotismo, a repressão, a corrupção, a exploração e a desordem econômica são facilmente indetectáveis.

Dois dos contos exploram situações explicitamente políticas. Numa referência bastante óbvia à situação reinante no Brasil no período imediatamente anterior ao golpe de 1964, o primeiro conto do volume, "Vencecavalo Santos Bezerra", narra a história de um personagem, nascido no fantástico país da Borengânia, "quando havia uma crise ministerial, uma orgia de nepotismo e vários problemas referentes ao Produto Interno Bruto"(11). Apaixonado pelo militarismo com tal intensidade que tem sucessivos orgasmos durante as paradas de Sete de Setembro, o incompetente, mas tenaz Vencecavalo oferece três soluções básicas para os problemas econômicos do país: a repressão aos opositores ("quem falava em inflação tomava três marteladas na cabeça, de forma que pouca gente falou em inflação nos anos que se seguiram" 21), o endividamento ao Eximbank, organização

pela qual, não surpreendentemente, Vencecavalo é contratado após deixar o governo da Borengânia, e um absoluto, se bem que corrupto, controle por uma crescente burocratização (Vencecavalo cria, entre outros órgãos, a "Superintendência Borenganiana de Represas, Açudes, Barragens e Comportas", que tem por sigla "SUBOREÇUBACO", e a "Superintendência Borenganiana para a Derrubada de Represas e Outras Construções Ridículas", cuja sigla é "SUBODERRETROCORI"). O resultado é que, como aconteceu com o Brasil no início da década de 70, "sob tão completo controle, o país atravessou uma fase de prosperidade nunca vista"(22).

As atividades de Vencecavalo são complementadas pelas de "Sangrador Santos Bezerra", protagonista do quarto conto, o qual, como o narrador nos informa, é natural do Kazinguistão, na península da Escrônia, cujos países, sofrendo de uma megalomania que lembra o Brasil da época em que o lema "ninguém segura este país" era a palavra de ordem, "são muito atrasados em todos os sentidos, alguns, de tal forma que nem têm noção de que são atrasados e passam o tempo todo fazendo elogios a si mesmos" (84). Enquanto Vencecavalo era movido por uma fervorosa paixão pelo militarismo, Sangrador é dominado por um intenso moralismo. Como medida primordial do seu governo, Sangrador decide proibir a comercialização do único produto de que dispõe o país, uns "pássaros avermelhados de singular formato", chamados pelo povo de "bicho-pica, pássaro caralho, papacu, manjuba voadora, essas coisas"(85), já que vê tal situação como um acinte à moral nacional. Aspirando à santidade, Sangrador, quer que se realize também um milagre, apesar de admoestado por São Rosivaldo, o santo padroeiro da Escrônia, que "esta coisa de milagres... não é tão fácil assim"(93). Rejeitado pelo santo, Sangrador põe em ação, contudo, sua própria receita do desejado milagre quando, ao assumir o governo, cria, a felicidade geral através de decretos. *Estudos* (10): 45-63, dez. 1990

tes incluem o "Decreto de Redenção Social", que torna ilegal a condição de pobreza, o "Decreto do Pensamento Positivo", que determina que o país atravessa uma época de grande felicidade, e o "Decreto de Prosperidade do País", que decide que o país deverá crescer de forma nunca vista. Informado de que a proibição de comercialização do "bicho-piça" tem causado muita oposição, Sangrador decide "mover uma guerra santa contra os recalitrantes"(98), com o resultado que "dos opositores morreram sessenta e cinco por cento e ficaram aleijados outros vinte e seis por cento, enquanto o resto foi preso nas masmorras para expiar suas culpas"(99), uma alusão à tortura e à repressão que acompanham o "milagre" econômico do início dos anos setenta, época em que também se pretendeu criar a felicidade geral por meio de decretos-lei.

Nem todos os contos, todavia, têm como personagens centrais despostas como Vencecavalo e Sangrador. Duas das histórias tratam de personagens associados com o "povo". A terceira história da coleção, "Rombaquirica Santos Bezerra", conta as aventuras do seu protagonista nordestino com um "bonguedongue", um termômetro de fabricação francesa produzido pela "venerável firma André Fesses et Frères Sociêté Anonyme", (60) cuja função principal era propiciar aos maridos determinar com precisão se estavam sendo traídos por suas esposas. Como o narrador nos informa, isso era possível porque o aumento da temperatura "naquelas acolhedoras partes, quando a mulher entra em conjunção carnal com um homem, ou ersatz compatível"(65) fazia com que o termômetro, após sua inserção "no recesso das partes mais graciosas da senhora"(65), emitisse sons que permitiam precisar "o lapso de tempo decorrido entre o ato ilícito e a averiguação marital"(65). O termômetro em questão, adquirido pela família de Rombaquirica, havia pertencido a um certo M. Lourd, cuja esposa era de tal forma insaciável

que, segundo o narrador, se tornou capaz de tocar no bonguedongue uma variedade de canções populares da época, entre as quais *Sous les doigts de Paris*, *Douche France e Connexion Française*. Infelizmente, o termômetro havia sido contaminado por uma rara e praticamente incurável doença, o "gūnflío", transmitido por criaturas de aparência inofensiva, os "glipsos", que supostamente se alojam na genitália dos camelos. O narrador oferece uma longa lista dos sintomas do "gūnflío", que vão da sífilis à esquisitomasse, da fome ao analfabetismo, e que, portanto, é facilmente reconhecível como um sumário de alguns dos mais graves problemas sanitários e sociais do Brasil. Graças à sua incessante atividade sexual, Rombaquirica torna-se quase tão perito quanto Mme. Lourd na arte de tocar o "bonguedongue", acabando por espalhar o "gūnflío" por toda a região. É também nessa época que Rombaquirica, ao contestar a exploração de que é vítima por seu patrão, parte em uma odisséia pela burocracia brasileira na vã tentativa de se informar dos seus direitos como trabalhador. Ostensivamente preocupado com a epidemia de "gūnflío", o governo estabelece uma comissão de estudos, que vem a ser nada mais que outra organização burocrática, como tantas que se criaram no passado recente do Brasil, e que pouco faz além de produzir arcanos trabalhos científicos, tais como *Etiologia do gūnflío*, *Viva com o gūnflío e viva melhor* e *Ruy Barbosa e o gūnflío* (78). Todas estas pesquisas são inúteis porque um requisito para a cura é a boa alimentação, fato pouco provável no nordeste brasileiro. O conto termina quando um destacamento do governo, "encarregado de pacificar a região" (78) mata Rombaquirica "com dois tiros de bazuca e quatro granadas de mão, além de sessenta rajadas de metralhadora" (79), numa cena que faz não muito discreta alusão às mortes dos guerrilheiros Guevara e Marighela.

Invertendo o que geralmente acontece nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos, o quinto conto do livro, "Abusado Santos Bezerra", relata os sucessos de um detetive brasileiro, convocado pelo Capitão Godeme, da segurança presidencial americana e pelos investigadores Jeff Camone e Tenente Ailoviū, do FBI, para resolver um grande mistério: porque depósitos fecais estavam aparecendo por onde quer que passasse o presidente Lukaut, desde seus aposentos particulares até a casa do seu cachorro de estimação, Goauēi. O conto contrasta a obsessiva, mas ineficiente organização norte-americana, com o "jeito" brasileiro. Recebido em Nova York por Foquefoquiū, do Departamento do Estado, Abusado se comporta como um típico turista brasileiro, conseguindo mesmo convencer seu anfitrião a acompanhá-lo às tradicionais compras, que vão de um secador de cabelos a duas caixas de alfinetes de segurança. Não surpreendentemente, Abusado escreve uma carta à família, na qual estão presentes todos os esperados clichês: reclamações contra a frieza do povo americano, a feiúra das mulheres e até mesmo o custo da Coca-Cola. Apesar de surpreso quando, propondo interrogar os dedos-duros americanos é informado de que estes não existem, Abusado finalmente soluciona o caso, coagindo o agente de segurança Phil Guivimi, que nada tinha a ver com a história, a aceitar a culpa em troca de vantagens monetárias. Antes de partir, Abusado deixa um conselho ao presidente Lukaut, que contém um sentimento que certamente muitos brasileiros gostariam de poder exprimir no início dos anos setenta: "por mais presidente que o sujeito seja, tem sempre alguém cagando para ele" (133).

O segundo conto do volume, "Tombatudo Santos Bezerra", nos transporta à gloriosa época dos descobrimentos portugueses. O personagem-título exerce a profissão

de "enrabadiço", que, segundo o narrador, embora não mencionada nos livros de história, era imprescindível para a manutenção da saúde física e moral dos marinheiros portugueses, afastados de suas mulheres durante as longas viagens por mares dantes navegados. Pela força do destino, Tombatudo vai desempenhar um papel central na guerra entre as tribos dos cuchichas e dos paranaguãs, iniciada quando estes são forçados a defender sua honra ao serem acusados por aqueles de homossexuais. No exato dia do início da guerra aportam os portugueses, trazendo em suas naus um enorme carregamento de lona, que descarregam enquanto os paranaguãs combatem seus inimigos. Tombatudo decide acompanhar os paranaguãs, não só confirmando assim a acusação feita pelos cuchichas, mas facilitando eventualmente a derrota dos paranaguãs. Esta é causada não pela inferioridade numérica ou incompetência guerreira dos paranaguãs, mas por um expediente habilmente tramado pelos cuchichas. Após cercarem os paranaguãs, os cuchichas os surpreendem com o mesmo desconcertante canto tão comum nos estádios de futebol brasileiros: "bicha, bicha, bicha" (50). Vencidos e desmoralizados, os paranaguãs voltam à praia para sofrerem uma nova derrota. Sugerindo ao chefe dos paranaguãs que "a melhor maneira de administrar a sua nação [é] transformá-la num circo" (53), os portugueses, antes de partirem, obrigam os nativos a pagar pelo carregamento de lona que estes nunca tinham encomendado e de que absolutamente não necessitam, situação que, segundo o narrador foi a origem da expressão popular "estou na lona" (57). Tombatudo resolve ficar, e vive feliz para sempre em companhia de um cuchicha. O conto alude claramente à destruição e dominação do país pelos interesses estrangeiros. É significativo que Tombatudo prefira permanecer no Brasil, participando assim na fundação de sua nova pátria, pois é exatamente como "enrabadiço" para os interesses estrangeiros que o

país tem servido ao longo da sua história.

Em *Literatura e vida literária* Flora Sussekind alerta para os perigos desse tipo de correspondência um tanto fácil na produção cultural dos anos setenta e mostra que a literatura à *clé* constituída por parábolas e alegorias contém inegáveis cartas marcadas, que acabam por diminuir o valor literário das obras. Referindo-se especificamente a uma passagem de *A casa de vidro* de Ivan Angelo, Flora Sussekind diz o seguinte:

A armadilha da parábola é, pois, igualmente perigosa. Torna o narrado solene, sem humor. Não há susto algum possível para quem lê um texto como este de Ivan Angelo. E, discretamente como a "Casa de Vidro", isto o torna esteticamente compatível com o discurso autoritário. Em comum, idêntica dificuldade em nomear as coisas. Daí, a paixão pela alusão. Em comum, também, a rejeição da dubiedade, o privilégio do significado único e da referencialidade a um real pouco problematizado (62).

É esta a restrição que Flora Sussekind faz também a J.J. Veiga, ao Érico Veríssimo de *Incidente em Antares* e ao Moacyr Scliar de *Mês de cães danados*. Segundo ela, estes escritores recalcam a ficcionalidade e o trabalho com a linguagem, repetindo de certa forma o documentalismo pouco sofisticado da chamada literatura-verdade produzida na época (61). Sussekind sugere que os melhores textos do período são exatamente os que conseguem ir além da alegoria e do simbolismo óbvio, e que "incorporam a tensão política à sua própria linguagem, ao invés de apenas descrevê-la de modo mágico ou naturalista" (27). Entre estes, estariam os romances (*Confissões de Ralfo* de Sérgio Sant'Anna e *Em liberdade* de Silviano Santiago, e o conto "O exterminador" de Rubem Fonseca.

Vencecavalo e o outro povo merece ser colocado ao lado destas últimas obras². Apesar dos inúmeros elementos

Estudos (10): 45-63, dez. 1990

tos alegóricos e simbólicos relacionados acima, João Ubaldo Ribeiro cria um original universo ficcional, que transcende a referencialidade e estimula o leitor a um trabalho mais ativo e mais profundo. Não resta dúvida que isto se deve, em grande parte, à utilização da sátira. Como Gilbert Highet demonstra em *The Anatomy of Satire*, embora possua a urgência e o imediatismo da vida real, a sátira é um gênero que por definição contém uma mistura de emoções e níveis de linguagem: "The original Latin word *satura* means 'medley', 'hotch-potch', and the best satirists have either known this or divined it" (18). ["A palavra latina *satura* significa 'miscelânea', 'mistura', e os melhores satiristas ou sabiam disso ou o adivinharam"]. E Highet continua: "Hate alone may be expressed in other kinds of literature; and so may laughter, or the smile of derision. The satirist aims at combining them" (22). ["O ódio pode ser expresso em outros tipos de literatura, como aliás também o riso e o sorriso da zombaria. O satirista visa a combiná-los"]. É exatamente através desta mistura do sério com o cômico que João Ubaldo Ribeiro consegue ir além do maniqueísmo simplificador de grande parte da literatura alegórica da época e envolver o leitor em considerações muito mais complexas.

Highet mostra também que há basicamente duas principais concepções de sátira, às quais correspondem dois diferentes tipos de satirista. De um lado está o satirista que, como Horácio, simpatiza com a humanidade, mas a acha míope e um tanto ingênua. Seu objetivo é curá-la de sua ignorância, apontando-lhe, através do riso, o caminho da verdade. Do outro lado está o satirista que, como Juvenal ou Swift, odeia ou despreza a humanidade, acreditando que no mundo triunfa a desonestidade (235). Embora Highet não o mencione, ao primeiro grupo pertence também François Rabelais, que, como outros já sugeriram, é o satirista com o

Estudos (10): 45-63, dez. 1990

qual o autor de *Vencecavallo e o outro povo* mais se aparenta, tanto em estilo quanto em visão do mundo. Como Rabelais, João Ubaldo Ribeiro ao mesmo tempo que ataca com sua mordaz sátira as loucuras nacionais, demonstra um inabalável interesse pela vida em toda a sua variedade e com todas as suas contradições. E também como Rabelais, sabe que são através de uma linguagem calcada em excessos e ambigüidades, poderão representar um mundo concebido dessa maneira.

Um dos melhores exemplos do que estamos sugerindo é a enumeração rabelaisiana de sintomas do "gūnflio", que aparece em "Rombaquirica Santos Bezerra" e que reproduzimos abaixo:

- a. dentes podres (a famosa boca de trincheira da Caledônia);
- b. uma acentuada propensão para tocar sanfona;
- c. completo analfabetismo;
- d. tendência a não reconhecer comida;
- e. pernas tortas;
- f. sífilis, anquilostomose, esquistossomose, verminose, amebíase, tuberculose, tifo, paludismo, raquitismo, pelagra, beribéri, bexiga e tripanossomíase;
- g. falta de caráter, de amor à causa pública e de espírito de sacrifício;
- h. indolência (70).

Não resta dúvida que a leitura desta lista provoca o riso, no entanto nenhum dos termos da série é intrinsecamente cômico. O cômico nasce da surpresa criada pela inesperada juxtaposição, exagerada acumulação e incongruente mistura de elementos, bem como da exploração da própria sonoridade dos vocábulos, como na lista de doenças. O cômico é, portanto, resultado de uma manipulação da linguagem. Por exemplo, tocar sanfona não é, em si mesmo, cômico, mas a formu-

lação "uma acentuada propensão para tocar sanfona" o é. Entretanto a presença de elementos intrinsecamente sérios, torna o riso problemático. Assim, a formulação "tendência a não reconhecer comida" contém um inquietante humor negro. É importante ressaltar, contudo, que o autor não permite que o leitor se compraza numa piegas simpatia pelos sofrendores de "gūnflio". *Vencecavallo e o outro povo* evita toda e qualquer simplificação em termos de bons e maus, sofrendores e opressores. Com efeito, a possibilidade de sentimentalismo é esbatida pelo tom crítico com que a lista termina: a falta de caráter e a preguiça celebrizadas no *Macunaíma* de Mário de Andrade, e a proverbial falta de seriedade do brasileiro. Ao percorrer essa lista, o leitor passa, portanto, por uma desestabilizadora variedade de respostas, que nunca lhe permite ser totalmente passivo. Highet vê nessa instabilidade uma das principais características da sátira: "In plot, in discourse, in emotional tone, in vocabulary, in sentence-structure, and pattern of phrase, the satirist tries always to produce the unexpected, to keep his hearers and his readers guessing and gasping" (18). ["No enredo, no discurso, no tom emocional, no vocabulário, na estrutura e na forma da frase, o satirista tenta sempre produzir o inesperado, a fim de manter seus ouvintes e leitores na incerteza e na expectativa"].

Resultados semelhantes são conseguidos pelo emprego da paródia. Um dos melhores exemplos é a paródia da literatura indianista brasileira, mais especificamente de *Iracema*, em "Tombatudo Santos Bezerra":

Ainda Tupã era menino como Jaci também era, e esses rios não eram mais do que regatos e débéis fios d'água, ainda não tinham os homens pisado o solo fértil destas terras, e já a bogabóia sagrada dos paranaguás amadurecia no cabaceiro, refletindo em sua pele lustrosa os raios do sol menino. O raio veio do céu e fendeu a cabaceira, mas a bogabóia fi-

cou no ar, sustentada pelo sopro de Tupã. E o primeiro pai tirou essa bogabóia e pendurou no beijo e, inclusive, inventou o inhame, o ingã e a mandioca. Muito me entristeceu este teu gesto, filho dos cuchichas. Fora eu um homem vingativo, não estarias vivo para repensar na tua insensatez. Quando eu bater com este tacape na tua cabeça e teus miolos escorrerem afogando as tuas lêndas, lembra-te disso (31).

Novamente o riso é provocado pela incongruente juxtaposição de elementos díspares, tanto dentro do trecho citado acima, quanto na sua intertextualidade com o modelo alencariano. Há por toda a passagem uma mistura do coloquial com o solene, culminando no período final.--"Quando eu bater com este tacape na tua cabeça e teus miolos escorrerem afogando as tuas lêndas, lembra-te disso".--que cria o efeito do inesperado, assinalado por Highet. Por meio da paródia invertem-se os valores associados com o texto de Alencar, tais como a nobreza do colonizador e do nativo e seu mútuo respeito, a intrínseca cordialidade brasileira e a proverbial harmonia de raças. O puro amor entre o branco e a indígena, produzindo numa harmoniosa miscenegação, "o primeiro brasileiro", é substituído pelo relacionamento puramente físico entre dois homens. Vistos não como desbravadores do Novo Mundo, mas como sordidos exploradores comerciais, os portugueses perdem qualquer traço de heroísmo, enquanto os pouco inteligentes nativos ficam muito distantes da nobreza do "bom selvagem".

No conto "Rombaquirica Santos Bezerra", o autor parodiado é João Guimarães Rosa:

- Ara, ara, bichinha. Antes pelesses mundões, viu-que-te-viu, avistei deparado muito que assim-assim, luziluzindo, eu figurava rindo que nem-nem. Apois. A senhora tolere. Não glosa. Deus esteja, que-que vem a ser isso que nem-nem sei o que for.

- No terminado, eu sabia, no acabado não sei

- disse a mulher do juiz. -Ah, que tem maior! E pois bem sei eu na sentença paradeira deste dia meu? Vã se foder (73).

Numa nota de rodapé, o narrador nos lembra que "na realidade de ninguém fala assim, mas vai para que seja mantida a alta qualidade literária e por uma questão de autenticidade" (73). A paródia de um autor que é um verdadeiro monumento das letras brasileiras mostra mais uma vez que *Vence cavalo e o outro povo* se propõe a questionar tudo o que é oficial e tradicional, um ato de considerável independência intelectual no Brasil do chamado "sufoco".

Temos aqui, no entanto, uma relação muito mais complexa que uma simples oposição. Tanto teóricos como, por exemplo, Linda Hutcheon ou Thomas M. Greene, quanto ficcionistas contemporâneos, como John Fowles³ demonstraram que a paródia inclui frequentemente uma apreciação do modelo parodiado. Não há dúvida que, ao inverter o texto de José de Alencar, João Ubaldo Ribeiro quer desmistificar a versão da colonização ali apresentada e, sugerindo paralelos entre o colonialismo do século dezesseis pelos portugueses e o colonialismo contemporâneo pelos países industrializados, abrir um debate sobre a própria questão da dependência. Mas este programa está intimamente ligado a um interesse pelas questões das origens históricas do Brasil e da identidade nacional, que remonta a Alencar e do qual participa praticamente toda a obra de João Ubaldo Ribeiro, desde *Sargento Getúlio* ao recente *Viva o povo brasileiro*⁴. Em outras palavras, ao parodiar Alencar, Ribeiro rejeita suas explicações, mas de certa forma lhe presta uma homenagem ao retomar sua problemática. Igualmente, embora João Ubaldo Ribeiro nos queira fazer rir dos cacotes de Guimarães Rosa, seu próprio livro, como a maior parte da literatura atual brasileira, é herdeiro do autor de *Grande sertão: veredas*, especialmente no esforço consciente de explo-

rar ao máximo todos os recursos da linguagem, que não deixam de incluir algumas rosianas criações lxicas. Assim, por mais que rejeite a tradiçāo oficial, *Vencecavalo e o outro povo*, atravēs da parōdia, re-estabelece dialeticamente um produtivo diālogo com aquela tradiçāo. Em *Problemas da poética de Dostoiēvski* Mikhail Bakhtin resumiu muito bem esta característica polifonia da parōdia: "Introduzir um elemento parōdico ou polēmico na narraçāo ē fazē-la polifônica, mais disposta ā interrupçāo, nāo mais gravitando em direçāo a si prōpria ou ao seu referente"⁵.

Vencecavalo e o outro povo apresenta uma versāo do Brasil que contesta a versāo oficial que se tentava na ēpoca em que foi escrito, ao mesmo tempo que vai alēm do maniqueísmo um tanto catártico que caracteriza um grande segmento da literatura dos anos setenta. No Brasil de João Ubaldo Ribeiro nāo se distinguem facilmente os "bons" dos "maus" brasileiros. Sob este aspecto, ē significativo que os cinco contos representam, como assinalou Malcolm Silverman, "cinco faces do mesmo ridículo e intrépido personagem: Santos Bezerra" (101), que ora ē um ignorante chefe político, como *Vencecavalo*, ora um dēspota, como *Sangrador*, ora um machista nordestino, como *Rombaquirica*, ora um malandro, como *Abusado*, ora um antepassado, como *Tombatudo*. A prōpria estrutura episōdica do livro constrōi uma imagem do Brasil como uma agregaçāo de muitas partes, que estā longe de ser uma perfeita sntese, como quer o mito nacional da harmonia, mas que ē, contudo, singular na sua dissonante variedade.

Abandonando a por vezes sombria seriedade de boa parte da literatura da ēpoca, João Ubaldo Ribeiro produz, atravēs da sātira, uma devastadora anti-histōria, que desmistifica o passado e desmascara o presente. Escrevendo sobre o conceito renascentista do riso em *Rabelais e seu mundo*, Bakhtin nos ensina que alguns dos aspectos mais essen-

ciais do mundo seriam somente acessíveis atravēs do riso e que, portanto, o riso seria uma forma fundamental de se chegar ā verdade.⁶ Esta ē tambēm a liçāo ensinada por João Ubaldo Ribeiro ao retomar a tradiçāo brasileira do humor subversivo, que remonta a Gregōrio de Matos, passando por Manuel Antōnio de Almeida e Oswald de Andrade. Paradoxalmente, em seu jogo sutil com a censura e em sua contestaçāo da oficialidade, a cōmica anti-histōria de João Ubaldo Ribeiro acaba por se tornar um capitulo indispensável na reconstruçāo histōrica do perīodo. Mas porque estes elementos estāo embutidos numa trabalhada linguagem literária que envolve e estimula o leitor, este pode reviver e atualizar a prōpria experiēncia de resistēncia. *Vencecavalo e o outro povo* revela uma confiança nas possibilidades da ficçāo, tanto enquanto perene afirmaçāo de liberdade, quanto como uma eficaz e singular maneira de se retratar o presente e de se recuperar o passado.

RÉSUMÉ

Bien qu'il ne soit pas aussi connu que les romans *Sergento Getúlio* et *Viva o povo brasileiro*, le volume de nouvelles *Vencecavalo e o outro povo* est un des textes les plus importants de João Ubaldo Ribeiro. Composé de cinq récits qui s'enchaînent, *Vencecavalo e o outro povo* est une satire impertinente et iconoclaste dans laquelle, à travers le rire, l'auteur nous fait participer à un débat sur quelques "thèmes nationaux" des plus inquiétants. Dans ce travail, nous examinons comment, dans *Vencecavalo e o outro povo*, João Ubaldo Ribeiro se sert de ressources telles que la parodie, l'allégorie et un excès rabelaisien du langage pour questionner la mythologie de l'identité nationale brésilienne et, en même temps, écrire une anti-histoire

subversive du Brésil, qui démystifie et démantèle l'histoire officielle.

NOTAS

1. No capítulo "Theory of Myths" em *The Anatomy of Criticism*, Northrop Frye sugere que é exatamente esta presença do fantástico que distingue a sátira da ironia, com a qual é tantas vezes erroneamente confundida: "Irony is consistent both with complete realism of content and with the suppression of attitude on the part of the author. Satire demands at least a token fantasy, a content which the reader recognizes as grotesque, and at least an implicit moral standard, the latter being essential in a militant attitude to experience (224)". [A ironia é consistente tanto com um completo realismo quanto com a supressão de qualquer atitude por parte do autor. A sátira exige pelo menos um resquício de fantasia, um conteúdo que o leitor reconhece como grotesco e pelo menos um padrão implícito de moral, este sendo essencial a uma atitude militante em relação à experiência].
2. Flora Sussekind provavelmente não concordaria com nosso julgamento, já que não parece ser uma grande admiradora da obra de João Ubaldo Ribeiro, como sugere seu injusto comentário sobre *Viva o povo brasileiro* em *Literatura e vida literária*, que transcrevemos aqui: "Transformação crítica capaz, por exemplo, de impedir [o leitor] de engolir por 'obra-prima' o surto de 'romances de fundação' que domina, como uma espécie de fundamento ideológico-literário para a noção mesma de 'nova república', as listas de *best-sellers* nacionais no 1º semestre de 85. E no qual se incluíam tanto a utopia comunitária construída por Jorge Amado em *Tocaia Grande* quanto a definição étnica de uma 'alminha' nacional realizada por João Ubaldo Ribeiro em *Viva o povo brasileiro* (90)".
3. Refiro-me aqui aos livros *A Theory of Parody: The Teachings of Twentieth-Century Art Forms* de Linda Hutcheon e *The Light in Troy: Imitation and Discovery in Renaissance Poetry* de Thomas M. Greene. A passagem de John Fowles em questão, tirada do livro *The Ebony Tower*, é citada por Linda Hutcheon em *A Theory of Parody* (33). Hutcheon, aliás, fornece alguns interessantes exemplos tirados do campo da pintura, como as recria-

ções modernistas por Picasso de *Las Meninas* de Velásquez.

É interessante lembrar que "Santos Bezerra" é também o sobrenome "oficial" do Sargento Getúlio e que "povo" reaparece no título do livro mais recente de João Ubaldo Ribeiro.

Esta citação é uma tradução nossa, feita a partir da tradução norte-americana intitulada *Problems of Dostoevsky's Poetics*. A citação em inglês é a seguinte: "To introduce a parodic and polemical element into the narration is to make it more multivoiced, more interruption-prone, no longer gravitating toward itself or its referential object" (226).

Este é o comentário que faz Bakhtin: "O riso tem um profundo significado filosófico, é uma das formas essenciais da verdade no que diz respeito ao mundo como um todo, à história e ao ser humano; é um singular ponto de vista em relação ao mundo; o mundo é visto como uma nova face, não menos (e talvez mais) profundamente que quando pela ótica do sério. Por isso, o riso é tão admissível na grande literatura quanto a seriedade. Alguns dos aspectos mais essenciais do mundo são somente acessíveis através do riso". Esta tradução é nossa, e foi feita a partir da tradução norte-americana, intitulada *Rabelais and His World*. O texto na tradução norte-americana é o seguinte: "Laughter has a deep philosophical meaning, it is one of the essential forms of the truth concerning the world as a whole, concerning history and man; it is a peculiar point of view relative to the world; the world is seen anew, no less and perhaps more) profoundly than when seen from the serious standpoint. Therefore, laughter is just as admissible in great literature, posing universal problems, as seriousness. Certain essential aspects of the world are accessible only to laughter (66)".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELO, Ivan. *A casa de vidro*. São Paulo: Cultura, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Trad. Caryl Emerson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- _____ *Rabelais and His World*. Trad. Hélène Iswolsky.

- Bloomington: Indiana University Pres, 1974.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Cadeiras proibidas*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. (1.^a ed., 1979).
- FONSECA, Rubem. "O exterminador". *O conto brasileiro contemporâneo*. Org. Alfredo Bosi. São Paulo: Cultrix, 1978. 241-49.
- FOWLES, John. *The Ebony Tower*. Boston: Little, Brown, 1974.
- FRYE, Northrop. *The Anatomy of Criticism*. Princeton University Press, 1957.
- GREENE, Thomas M. *The Light in Troy: Imitation and Discovery in Renaissance Poetry*. New Haven: Yale University Press, 1982.
- HIGHET, Gilbert. *The Anatomy of Satire*. Princeton: Princeton University Press, 1962.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de e Marcos Augusto Gonçalves. "Política e literatura: a ficção da realidade brasileira". *Anos 70*, 2. Rio de Janeiro: Europa, 1979.
- HUTCHEON, Linda. *A Theory of Parody: The Teachings of Twentieth-Century Art Forms*. New York: Methuen, 1985.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Sargento Getúlio*. 5.^a ed. Rio: Nova Fronteira, 1982. (1.^a ed., 1971).
- _____. *Vencecavalos e o outro povo*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (1.^a ed., 1974).
- _____. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SANT'ANNA, Sérgio. *Confissões de Ralfo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SCLIAR, Moacyr. *Mês de cães danados*. Porto Alegre: P & PM, 1977.
- SILVERMAN, Malcolm. *Moderna ficção brasileira 2*. Rio de

- Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1981.
- SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Globo, 1971.

ON SOME POSSIBLE ISOGLOSSES BETWEEN
EURASIAN PROTO-NOSTRATIC
AND
SOUTH-AMERICAN PROTO-JÊ*

Alexandra Y. Aikhenvald Angenot
Jean-Pierre Angenot
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Apresentação de correspondências lexicais e fonéticas entre o Proto-Jê da América do Sul e o Proto-Nostrático eurasiático como dados preliminares tendo em vista os estudos de filiação genética das línguas ameríndias com famílias lingüísticas do Velho Mundo.

1. The problem of establishing external genetic links of Amerindian languages has been sparking the interest of comparative linguists since a long time. Various attempts had been undertaken to prove the genetic affinity of at least certain Amerindian language families to language families (or macrofamilies¹) of the Old World. The point of departure for several attempts of the kind has been the following (see Helimski, 1984): even if Amerindian languages were supposed to have one origin (a hypothesis that has yet to be proved), it doesn't necessarily exclude the possibility for certain languages of the Old World penetrating into either of the Americas at prehistoric times to be preserved (apart from a subsequent influence of native languages) or to exert a more or less significant influence upon the indigenous languages. This premise, up to now, has served as a point of departure for a series of successful attempts at establishing a number of material correspondencies between

Amerindian languages of North America and Nostratic languages, namely between Penutian languages and Nostratic (with a considerable preponderance of Penutian-Uralic and Penutian-Altaic isoglosses, see Viitso 1971, Helimski 1984). Recently, S.L. Nikolayev put forward a hypothesis about a genetic affinity between the Amerindian Na-Dene languages with Sino-Caucasian macrofamily².

As far as Amerindian languages of South America are concerned, up to now practically no attempts had been made to establish any kind of genetic links with the existing language families vs macrofamilies of the Old World³. In the present investigation we have tried to present a number of lexical correspondencies between Jē languages of South America and Nostratic languages, for they seem to reflect a number of regularities, or 'laws' which can hardly be explained as mere coincidences (at least, in the opinion of the authors!). Since the material of the Jē languages we dispose of is scarce enough, we'll confine ourselves to a mere presentation of lexical and phonetic correspondencies between Proto-Jē and Nostratic, without any definite conclusions as far as the type and degree of affinity to be established is concerned.

2. The following preliminary remarks are to be made, before we pass over to the main part of our study.

2.1. As is generally known, the Nostratic macrofamily comprises the following language families of the Old World: Indo-European, Uralic, Kartvelian, Altaic (whatever the status of Altaic family may be, see for some discussion Dybo 1984), Dravidian, and Afroasiatic (though, according to recent results the latter is likely to constitute a macrofamily of its own, though still genetically related to the Nostratic: A. Militaryov, S. Starostin, personal communication). Eskaleutian languages and, possibly, Chuktchee

-Kamchadal also belong to Nostratic (see Helimski 1984, Dolgopolski Pron.). The genetic affinity between Nostratic languages has been proved (the number of genetically related morphemes amounting to 1000, see Dybo 1984), and we don't feel the need of referring to the Nostratic theory as 'Nostratic hypothesis'. According to Dybo 1984, Nostratic languages fall into West Nostratic (Indo-European Kartvelian and, possible, Afroasiatic, if it is not to be considered as a 'sister'-family of the Nostratic) and East-Nostratic, embracing Uralic, Altaic and Dravidian. (East-Nostratic languages, unlike West-Nostratic, have preserved the original stable vocalism of the root, whereas the West-Nostratic have developed a system of vocalic apophony, thus the material of East-Nostratic being of a greater importance for the reconstruction of Nostratic vowels). Up to now, there appeared two volumes of the comparative dictionary of Nostratic languages by V. Illič-Svityč (see References), as well as a series of papers on various aspects of Nostratic (see, for instance, Dybo 1984, Dolgopolsky Pron. etc). For the present study, the materials published in the above-mentioned works served as a basic point of reference.

2.2. Jē languages constitute one of the four families of languages spoken in South America; (apart from a series of non-classified languages the four language families in question are: Tupi-Guarani, Aruak, Karib and Jē. Of these four language families, Tupi-Guarani has been the most fortunate as to the comparative and historical studies, thanks to the efforts of the most outstanding comparative linguist in South America Aryon Rodrigues.

As for the Jē proper, this family is more or less known since Meillet's 'Les langues du monde'. A following classification, preliminary as it is, is presented there:

a) Northern Jē, spoken in the North of the central plateau of Brasil, comprising languages Apinaje

(rivers Tocantins and Araguaya, later spreading to the South of Brasil); Kanella (the mouth of the river Alpercatas);

- b) Southern Jê, widespread between Chapada of Mangabeiras and the river of Paranaíba, as Kayapô (the state of Goiás);
- c) Western Jê, comprising Suya, widespread on the board of the river Xingu and the river Culuene;
- d) Eastern Jê: Xavante, by the river Manso (before, the Xavante lived more to the North, between Tocantins and Paranaíba); Xerente, now spoken at Tocantins, earlier widespread between Tocantins and the Urumuhy river.

Recently, the Kaingang family has been included into the Jê family (Kaingang languages are spoken in the South of Brasil, namely in the states of Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo), as well as in neighbouring regions of Argentina and Paraguay. For the present study, we used the material of Kaingang proper, with dialects (see References); and Sokren (Sokleng), or Xokreng. As has been shown by Davies (1966), there can be no doubt as to including Kaingang into Jê family, though the Kaingang occupy a position somewhat apart from other Jê languages (for instance, the number of lexical correspondencies between Kaingang and other Jê languages amounts to 40%, the subsequent number for other Jê languages between themselves being not less than 60%).

Traditionally, Jê family is included into the so called Jê stock, or Macro Jê. The status of Macro-Jê languages as far as their genetic affinity with Jê proper is concerned has yet to be determined. Still, up to now, the following Macro Jê languages have been acknowledged as distant relatives of Jê: Karaja (Karayã) and Maxakalî (Davis 1968), Aripaktsa (Boiswood 1973), Ofayê (Xavante)

(Gudchinsky 1971) (see another possible Macro-Jê languages Davis 1968).

The comparative and historical study of Jê Languages has been initiated in 1959 by Mattoso Camara (see References), followed by a brilliant work on the Proto-Jê by I. Davis (1966), with 112 lexical items reconstructed. Another paper by I. Davis (1968) on the relationships between Proto-Jê and Karaya and Maxakali, contains as well a number of lexical comparisons with Tupi-Guarani (see below).

For the present study, we used the reconstructions by I. Davis as the point of departure; the material of Jê pronouns is taken mainly from the paper by U. Wiesemann (Wiesemann Pron.).

3. Below we present lexical correspondencies between Jê and Nostratic. Jê examples are given in accordance with the transcription in Davis 1966, 1968; Nostratic examples are cited from Illič-Svityč 1971, 1976, Dybo 1984, with respective transcription. The tables of correspondencies of the symbols used to those of the MPA are presented below (Tables 1, 2), alongside with the list of abbreviations used.

Symbols:

y = [ɨ], ä = [ɛ], ü = [ʏ], = [V] (indeterminate vowel),
 Ṽ = [V:], ṽ = short vowel, vⁿ = [Ṽ], E = [i/e], A = [a/ɔ],
 j = [j], w = [u], n^y = [ɲ], ñ = [ɲ̃], c = [ts/tʃ], K = [k/k],
 C^u = [C^u], Ç = emphatic consonant, H = laryngeal consonant,
 ʔ = glottal stop one, ʕ = glottal stop two.

Abbreviations:

AA = Afro-Asiatic, Alt = Altaic, Anc Egypt = Ancient Egyptian, Arab = Arabic, Aram - Arameic, Ap = Apinaye, Ca = Canela,

Chad = Chadic, Dolg = Dolgopolsky, Drav = Dravidian, Hung = Hungarian, IE = Indo-European, IS = Ilich-Svitych, K = Karajā, Kar/Cartv = Kartvelian, Ka = Kaingang, M = Maxakali, Mong = Mongolian, MC = Mattoso Câmara, Of = Ofayē, Rikb = Rikbaktsa, Su = Suyā, Ural = Uralic, Xa = Xavante, (N) = Nostratic, (J) = Jē.

A LIST OF LEXICAL CORRESPONDENCIES

between Nostratic (N) and Jē (J)

- Swadesh's list:

01 'burn' (N) Ʒar (Ʒar/Ʒar) 'to burn', 'to scorch': AA qr(r) 'to burn', 'to scorch' ~ IE ker- 'to scorch, to burn, fire', to fry' ~ Drav. kar(ʌ) 'to scorch, to be singed, to burn' (215) (J) cār, cāt 'to burn', Ap. cet, cer, Ca (ka)cār, Xa cata, n^yaana. 02 'tooth' 'chow' (N) kǎjw 'to chew': IE gieu/gieu ~ 'to chew' ~ Alt. kǎb/ʷ/ - 'to chew' (160), (J) cwa 'tooth': Ap. wa, -cwa, Ca (ii)cwa, Su (ii)twa, Xa ʔwa, Ka jaⁿ (Macro-Jē: M -coc, K čuu, Of ʒe (q)). 03 'I, my, me' (N) AA ISg 'an-aku, 'I' (Dolg, Pron.), -i 'me, my', (J) -i, -ic 'my'. Ap. -i, ic-, Ca ii-, Su i-, Xa ʔiiⁿ-, Ka ʔin^y (1). 04 'you, thou' (N) AA ku, m. ka, fem. ki, kVm (object pronoun, postnominal possessive pronoun, subject pronoun) (Dolg. Pron), (J) ka 'you', Ap. ka, Ca ka, Su ka; Xerente ka, Kayapō ga (Wiesemann); (Macro-Jē: K kai, Rikb. ikia, 'you'). 05 'blood, red' (N) mArʌ 'dirt, a spot': IE mer- 'dirty, obscure' ~ Drav. mar- 'a dark spot' (288), (J) ka-mrek, mre 'red': Ap. kamrek, Xa prē, ka-mro 'blood': Ap. kamro, Ca (ii)kaproo, Su k^haamro, Xa waapru. 06 'bark, skin' (N) Kārʌ 'bark': AA qr(m) 'bark, crust' ~ IE ker 'bark, skin', ~ -Ural. kore/kere 'bark' ~ Alt. kɛr/ʀʌ/ /Kar/ 'bark' (217), (J) kǎ 'skin, bark', Ap. kʌ, Ca (ii)k^hǎ, Su k^hy, Xa hǎ (Macro-Jē: K. (w)(dɛ)ki, M. -cac). 07 'cry, call' (N) kerjǎ 'to cry': AA qr(j) 'to cry, to call' ~ Cartv. kīr/kīl- 'to cry' ~ Ural. kerjǎ 'to ask' ~ Drav. kir- 'to cry, to call' ~ Alt. [kɛEri- 'to call']

(199), (J) kǎ, kǎr 'to bellow, to call': Ap. kʌ, kʌr, Xa hǎ, hǎrǎ. 08 'hair' (N) Kila 'hair, stalk': IE kel- 'stalk, thorny stalk' ~ Ural. kalke 'hair' ~ Drav. kel 'feather, hair' ~ Alt. kɛila 'a thick hair' (228), (J) ki 'hair': Ap. kiⁿ, Ca (ii)k^hiⁿ, Su (wa) kⁿiⁿ, Ka (ky)ki (fur). (Macro-Jē M. -ceʔ). 09 'bone, horn' (N) Kasʌ 'bone': AA qʒ 'bone', ~ IE Kos-t 'bone, rib' -Ural. Mord. kaskǎ 'vertebrae' (219), (J) ko 'bone, stick, horn': Ap. ko 'stick', Xa u, Ka (niⁿ)ka 'horn', (ku)ka 'bone'. (Macro-Jē M kip, O. (wy)ky ('hɛg)). 10 'knee' (N) kǎjǎ 'to bend in joints, a bone joint': IE genu/gneu 'knee' ~ Ural. kǎjǎ-(rǎ) 'elbow bone, hand' ~ Drav. kǎn 'hunch', (J) koⁿ 'knee': Ap. koⁿ, Ca (ii)k^hoⁿ, Su (i)k^hoⁿ, (Macro-Jē: M. -kopa(-cic), K. (dɛi-)ʒho, O. ('hij)ky't(ɛq)). 11 'head, horn' KErʌ 'horn': AA qr- 'horn' ~ IE ker- 'horn, head, summit', cp. Cartv. kr/rk- 'horn', Ural Balto-Finn. kīrek 'crown', (J) kraⁿ, kraⁿy 'head': Ap. krʌⁿ, Ca (ii)k^hrǎⁿ, Su(wa)krǎⁿ, Xa ʔraⁿ, ʔraⁿy, Ka kriⁿ. (Macro-Jē: K. ra(-dɛi), O. ky'tɛeq). 12 'cold, frost' (N) (230) Kirʌ 'cold, ice, whitefrost': AA qr- 'ice, cold, whitefrost' ~ IE ker 'whitefrost, ice' ~ Ural. kirte, kirʌ 'ice' ~ Alt. kɛir(a) 'whitefrost, rime', or: (N) (176) kǎlʌ 'to freeze, cold': Cartv. kwer-/kwel- 'to cool, to get cold' ~ Ural. kǎlmǎ 'cold, frost, freeze' ~ Drav. [kulʌ - 'cold, a cold'], IE. gel-; gel- 'cold' (?) (J) kry 'cold': Ap. (ǎ)kry, Ca k^hry, Su k^hry-, Xa h -, Ka (ku)kry- (ry) ('frost'). 13 'eat, swallow' (N) (91) gur 'to swallow': AA g(w)r - 'to swallow, throat' ~ ?IE. g^uerh^u- 'swallow' ~ Ural. kurʌ 'throat' ~ Drav. kurʌ- 'throat' (J) ku, kur 'to eat': Ap. -ku, -kur, Ca. k^huu, Xa huuri, Ka ko (Macro-Jē: K.-(w)-kǎ). 14 'fire' (N) (343) qoti 'to put on fire, fire': AA ht/ht- 'to put on fire' ~ IE Het- 'fire, fireplace' ~ Drav. [otʌ- 'put on fire'] ~ Alt. ōti 'spark, fire', (J) kuzy 'fire': Ap. kuwy, Ca. kuhy, Su. k^husy, Xa ʔun^yi. (Macro-Jē: M. kǎcap, K (heo)dɛi). 15 ??? 'good, bad'

(N) (275) magu 'bad': AA mgw/mwg 'bad' ~ [Alt. magu 'bad']
 (J) mec 'good': Ap. mec, Ca -pej, Su met-, Xa. pece. (Macro-Jê: M. -mac). 16 'to go, walk' (N) (309) muri 'to twist': AA mr 'to turn, to twist, to wrap', Arab. mrr 'to pass, to go away', Hebrew, Aram. mwr, mjr 'to move' ~ Ural. mur ~ 'to turn, to sprain' ~ Drav. muri 'to twist, to turn, to curve' ~ Alt. muri- 'to turn, to curve, to twist' Mong. muri- 'to go aside' (J) moⁿ, moⁿr 'go, walk' Ap. moⁿ, moⁿr, Ca moⁿ, Xa -moⁿ, moⁿri, Ka muⁿ. (Macro-Jê: M. moŋ). 17 'ashes' (N) bur(H) / bor(H) 'dust, soft ground': AA b(w)r/b(w)rH 'soft, ground, earth, sand, dust' ~ Cartv. ? burɣw- 'dust' ~ Ural. por - 'dust, dirt, sand' ~ Alt. bōr/b/ū/r 'soft, earth, dust' (22), (J) prə, mrə, mrəc 'ashes': Ap. mrɔ 'ashes', pra (ɔcet) 'charcoal', Ca prɔ, Su mrɔɔ, Xa -prɔ 'charcoal', Ka mreⁿjeⁿ. (Macro-Jê: M. pitohok, K. bri (bɪ)). An alternative etymology for Jê mra: (N) (310) mura 'to break, crush, rub': AA mwr 'to crush, break, cut' ~ IE mer- 'to crush, to rub, break' ~ Ural. mura 'fragile, frail, a debris' ~ Drav. mura/mura 'to cut, to crush, to break' ~ Alt. [mura/ mōra 'fragile']. 18 'to see, think?' (N) manu 'to think': AA mn- 'to think, understand' ~ IE men- 'to think, to remember' ~ Ural. man/mon 'to guess, to speak' ~ Drav. man 'a demand'. (281), (J) -mu, -mun^y 'to see' Ap. (ɔ)mu, (pu)mu, -mun^y, Ca (-hoⁿm)pu, (pu)pun, Xa (caa)mu. 19 'sun, light' (N) ma/z/ 'bright, sun' (313): AA mš 'sun, morning, fire' ~ Cartv. mz_I-e 'sun', (J) myt 'sun', Ap. myt, Ca. pyt, pyty, Su myri, Xa məənə. 20 'man, husband' (N) (292) mān 'man, male': AA mñ- 'man, male, person' ~ IE m/o/n- 'man, male' ~ Ural. māńće 'man, male' ~ Drav. man 'husband, lord', (J) mien: Ap. mjen, Ca (iiⁿ)pje, Su mjeni, Ka men. 21 'rain' (N) (323) ?nāgā 'wet': AA nd 'wet, to ooze, to spatter' ~ Ural. nāc / nāc 'wet', (J) na 'rain': Ap. na, Ca taa, Su naa, Xa ta', Ka ta. (Macro-Jê: M. tehec). 22 'tongue' (N): Ural. nānkō 'tongue' ~ Drav. nanc- 'to lick' ~ IE. ? dnghū/jnghū,

Cartv. nina/ena 'tongue' (Dybo 1984), (J) n^yon-tɔ: Ap. oⁿɔɔ, -n^yonɔɔ, Ca -joⁿɔt, Su. (wa)n^yot, Xa coⁿɔ, Ka nuⁿneⁿ. (Macro-Jê: M. -nōncōŋ, K. dərɔ(dɔ)). 23 'louse, insect' (N) koja (moth, caterpillar of moth': Ural. Kojā 'moth' ~ Alt. kuja 'moth, larva'. (167), (J) ŋo 'louse': Ap. ŋo, Ca (ii)ko, Su (ii)ŋo, Xa?u, Ka -ŋa, -ŋaⁿ. (Macro-Jê: M. -kit). 24 'water' (N) ʒEku 'water' (I39): AA q(w)eq(w) ~ IE hek^u 'water, to drink', (J) ŋo, ŋoc 'water'. Ap. ŋo, ŋoc, Ca ko, Su ŋo, Xa -ʔə, ʔu, ʔən^y, Ka ŋojo. 25 'I, me' (N) AA -āku (Dolg. Pron.). (J) pa 'I': Ap. pa, Xa wā^{***}, Ca pa, Su pa. (Macro-Jê: K wa 'I'. 26 'kill' (N) (Dybo 1984): Ural. kol/e/- 'to die' ~ Drav. kol/ ?koll- 'to kill' ~ Cartv. (Zan) qwil- ~ AA ql- 'to kill', (J) piⁿ, piⁿr 'to kill'. Ap. (ku)piⁿ, -piⁿr, Xa wiⁿ, wiⁿr, Ka pin. (Macro-Jê: O k(ȳ)it 'to kill'). 27 'foot' (N) IE pe/or-sn 'heel, part of a foot', (J) par 'foot': Ap. par, Ca (ii)par, Su (i)hwani, Xa paara, Ka peⁿ. (Macro-Jê: M. -pataɔ, K waa). 28 'tree' (N) (19) buHi 'to grow, to appear': IE bheuH 'to grow, to become, to be' ~ Ural. puɣe 'tree' ~ Alt. būi 'to be'. (cp. Anc.Egypt. bɜ.t 'bushes'; Coptian bō 'a tree (a fruit-tree) Chad. Chibak fwā (<bwā) 'tree'), (J) piⁿ 'tree, fire-wood': Ap. piⁿ, Ca piiⁿ, Su hwiⁿ, Xa miⁿ, Ka piⁿ. (Macro-Jê: M. mīhīm, mīm). 29 'path, way' (N) per^v 'edge, front edge, board': Alt. p/e/rgā 'edge, shor' ~ Ural. ? perā 'edge, back side, extreme edge' ~ Drav. pera 'outside' ~ IE per- 'front part' ~ AA /p/r 'edge, front' Kartv. pir 'front, edge' (Dybo 1984), (J) pry 'part': Ap. pry, Ca pryy, Su hryy, Xa mɔ, Ka (ja)pry. (Macro-Jê: M. pītahat, pītat, K.rii). 30 'to die' (N) (76) dawā 'to be ill, to die': AA dw- 'to be ill, to die' ~ IE dheu- 'to die, to lose consciousness' (J) ty, tyk, tyr 'to die': Ap. ty, tyk, Ca tyy, Su -ty, Xa tə, nəɔə, nəər, Ka tere. 31 'arm, part of the body' (N) Alt. pCad-ak 'foot' ~ Drav. paɕ/ ~ IE ped- (cp. IE podh 'thigh?'), AA pt-(?) 'to go, to go away', (J) pa 'arm' Ap pa, Su (wa)wa,

Xa pa, Ka peⁿ. 32 'this, that' (N) NA 'this' (IS I, p.9): Ural n (a demonstrative pronoun), Drav. na ~ IE ne-/no- ~ Cartv. -n ~ AA n(j), (J) n (demonstrative): Kaingang ēn, Xoxleng ān (Wiesemann) (ni- as Common Jē demonstrative reconstructed by Mattoso Camara, 1959, p.7). 33 'this, that' (N) tā 'this, that': Alt. t^čā ~ Ural. tā ~ Drav. tā ~ IE to/te- ~ Cartv. ? te-/ti-(megrel) ~ AA t- (Dybo 1984), (J) t (demonstrative): Kaingang tag 'this', tā 'that'; Xoxleng ta 'this', tōg 'that'; Xerente ta 'this', Kayapō ta 'this'; cp. 3 pers. Sg. pronoun: Kaingang ti, Xoxleng ta, Xerente ta, (Wiesemann). (Macro-Jē: Kar. tii, Rikb. ta 'third person pronoun' (Wiesemann). 34 'this, that' (N) Ko 'this, that; who': Alt. k^ā-/k^bo ~ Ural ko-/ku(ka) ~ IE k^uo-/k^ul- ~ AA k(w)/q(w), (J): Xerente ka 'this', nōkwa 'who?'; (Macro-Jē: K. kia 'this', kaa 'that', kowa 'that', (Wiesemann)). 35 'Who?, what?' (N) m- 'interrogative stem' (Dybo 1984), (J) Xerente mā-rī 'what', Kayapo myj 'what'. (Macro-Jē: Rikb. amo 'what') (Wiesemann), Karajā mōbo 'who', jīm 'to where', cp. Rikb. -mo 'what', my 'which one?'). 36 'black' (N) (213) Kar/ā/ 'black, dark': Alt. Karā ~ Drav. kar-/kar-/ kār- ~ IE ker-, ker-s- ~ AA ? kr-, (J) krā 'black' (MC 1959, p. 58). 37 ? 'star' (N) Ural. k(u)i - 'star' (Hung. hūgy, cp. Hajdū 1976; Lytkin 1970), (J) kan^{ye} 'star': Ap. kan^{ye}(ti), Ca kacee(re), Su k^hane(ti), Xa waaci. 38 ? 'stone' (N) (166) kiwi 'stone': AA ? kw 'stone' ~ Cartv. kwa 'stone' ~ Ural .kiwe 'stone'; or IE kam-n- 'stone'? (J) ken 'stone': Ap. keⁿ, Ca k^hen, Su k^heni, Xa ʔeeⁿneⁿ, ʔeⁿteⁿ. 39 ? 'smoke' (N) Uralic kum 'hot', (J) kuⁿm 'smoke': Ap. kuⁿm, Ca (i^ʔ) k^huⁿm, Su k^huⁿmoⁿ, Ka kuⁿm. 40 'liver' (N) Uralic maksa (IS, I, p.XXXI) (hung. māj etc), (J) ma 'liver': Ap. ma, Ca (ii)pa, Su (iiⁿ)ma, Xa pa, Ka (teⁿ)meⁿ. (Macro-Jē: K baa). 41 'this' (N) ja 'which, what, that'; (Dybo 1984), (J) Kayapō jā 'this'. 42 'eye' (N) AA ʕain 'eye' (J) n ɔ 'eye': Ap. nɔ, Ca (ii)tɔ, Su (waa)nɔ, Xa tɔ, Ka (ka)neⁿ. 43 'new'

(N) IE new/now 'new', (J) nyw 'new': Ap. nyw, Ca -tuwa, Su nywy, Xa- te, Ka taⁿŋ. (Macro-Jē: M. tīp), 44 'bite' (N) Ural nāri- 'to chew' or Ural ^čnāl -/h^čāl 'to swallow' (IS I, p.XIX), (J) n^{ya}, n^{yar} 'to bite': Ap. (ka) n^{ya}, -n^{yar}, Ca (ku)ca, Xa -ca, -cari, Ka (ka)jeⁿ (to chew). 45 'dry' (N) AA kwr (?) 'dry', (J) ɣrə 'dry': Ap. ɣrɔ, Ca krə, Su ɣry(re), Xa ʔ re. 46 'white' (N) (85) goHjA 'dawn, sunlight': IE g^uheHi- 'light' ~ Ural. kojA 'dawn, sun' ~? Alt. [gia- 'dawn'], (J) za-ka 'white': Ap. ɔaka, -jaka; Ca hakk^ha, jak^haa, Su saaky(ire), Xa ʔ a. 47 'stand' (N) AA q(w/i)m 'stand firmly', (J) ca, cam 'to stand': Ap. ca, caⁿm, Ca ca, Za n^{ya}, n^{yam}, n^{yap}, cam, Ka jeⁿ, jeⁿŋ. 48 'hot' (N) (208) Kajla 'hot, to burn': AA [qɪ - 'to burn, to fry'] ~ IE kēl- ('hot, cold' ~ Drav. kal- 'to burn' ~ Alt. kiala 'hot, to burn' or (N) (215) (see above, I) KarA 'to burn' (J) kaɔrɔ 'hot': Ap. kaɣrɔ, Ca kakrɔ, Su k^haanr, Xa waaʔr. (Cp. Jē cɔr 'to burn'?). 49 'seed' (N) Ural sūkeše 'autumn' ~ Drav. cu/k/A 'harvest' ~ Alt. ʕugA/ʕuga 'harvest, crop' (J) zy 'seed': Ap. ʔy, Ca (i^ʔ)hyy, Xa n^{ya}, Ka fy. 50 'small'? (N) KUr 'short': AA q(w)r/kr 'short' ~ Drav. kur 'small, short' ~ k or/u/ 'short, to become small' ~ IE: lat. curtus etc. (<IE k^uer < KUrA?) (244) (J) ɣri-re 'small': Ap. ɣri, Ca (iⁿ)krire, Su ɣrire, Ka niⁿriⁿ (child). (Macro-Jē: M. -ktōɣnāɣ, K.-riɔre). 51 'egg' (N) Ural kol'e, kolj ~ Kartv. qwer ~ AA q(w)l 'testiculus' (J) ɣre 'egg': Ap. ɣre, Ca (in)kre, Su -ɣre, Xa ɔre, Ka ɣre (penis). (Macro Jē: K 0ii). 52 'big, wide' (N) (17) bongā 'fat, big, to inflate': IE bhengh- 'fat, dense' ~ Ural puŋka /poŋka 'inflation, fat' ~ Drav. poŋk- 'to inflate' ~ Alt. [boŋ 'fat, big']; ???or(N) baɣa: 'enough, much': AA bɣ- 'to be too much' ~ Kartv. beɣ 'to be enough' (Marginal notes by A. Militaryov: 'mura' 'nonsense') (28) (J) pɔ 'wide': Ap. pɔ, Ca (i^ʔ)pɔ, Xa (ʔə)pe(re). 53 'drink' (N) (242) KUmA 'to swallow, to devour': AA q(w)m ~ IE k^wem- 'to swallow, to drink with noise, to sip' (J)

-koⁿ, ko^m 'to drink'. Ap. (ic)koⁿ, ko^m, Ca -k^hoⁿ, Su -k^hoⁿ, Ka 𐌆𐌗𐌆 (to swallow). (Macro Jē: M-coʔop, K. -ō-). 54 'woman, wife?' (N) per/pir- 'household' (?) (a migration term?) cp. IE prw (?) 'woman' (J) proⁿ 'wife'. Ap. proⁿ, Ca (iiⁿ)proⁿ, Su hroⁿ, Xa mroⁿ, Xa pruⁿ. 55 'big, heavy?' (N) (66) did 'big': AA d(j)d 'big, fat ~ Kartv. did- 'big' (J) -tiⁿ 'heavy'. Ap. (u)tiⁿ (-py)tiⁿ, Ca (huuⁿ)tiⁿ, (py)tiⁿ, Su (u)tiⁿ. 56 'dog' (N) IE lup- 'wolf' (J) rəp. Ap. rəp, Ca rəp, Su rop. (Macro-Jē: K (ijə)rə).

Lexical correspondencies outside Swadesh's list:

57 'to scratch' (N) (231) Kir^h 'to scratch': AA qr - 'to scratch, to wound' ~ IE k^{er}H- 'to break' ~ Drav. kir -/ker - 'to scratch, to shave' ~ Alt. k ir(a)- 'to scratch, to scrape' (J) ka-kre, -kren^y 'to scratch'. Ap. kakre, kakren^y, Ca kaak^hre, kak^hri, Xa waʔre, Ka - 𐌆re. (Macro Jē: i-θe). 58 'to build, bind, house, burrow' (N) Kur^h 'to bind, to plait' (236): IE k^wer- 'to make, to do, to build' ~ Ural kur^h/kora^h 'to plait, to bind' ~ Drav. kur^h 'to plait, to braid' ~ Alt. Kur - 'to fix, to build'; or (N) Alt. kār - ~ Ural kār - ~ Drav. kar - ~ IE ker ~ Kartv. kar-/ker - ~ AA ? kr (Dybo 1984) (J) kre 'house, burrow'. Ap. (i)kre, Ca (ii)k^hre, Su (k^hi)kre, Xa ʔri, Ka kre. 59 'to make, to create, child (N) (see 58?) (J) kra 'child'. Ap. kra(re), Ca (aʔ)k^hra(re), Xa ʔra, Ka kreⁿ. (Macro Jē: M. kitok 'son') cp. also (?) (N) (239) Kūlā 'community, race, family': AA [q(w)l'tribe'] ~ IE k^uel- 'race, family' ~ Ural. kūlā 'village community, village; home'; ~ Drav. [kūl- 'family, crowd'] ~ Alt. [Kūlā 'house, house-hold, members of the household']. 60 'to eat, to gnaw' (N) Kor^h 'to gnaw, worm': IE k^wr-mi 'worm' ? k^wer- 'to chew, to brek (food)' ~ Alt. Kor^h 'worm; a gnawing animal' (234) (J) kreⁿ, kreⁿr 'to eat'. Ap. - kreⁿ, kreⁿr, Ca -k^hreⁿ, Xa -ʔreⁿ, ʔreⁿneⁿ, Ka (waⁿ)kre (to fast), (Macro-Jē: M. -cit, K. (-rə) θʔ to swallow). 61 'tapir, antelope' (N) (90) gurHa 'antelope': AA g(w)rH 'antelope, a

77
male antelope' ~ Drav. kūr - ~ 'deer, antelope' ~ Alt. [gūra 'a male antelope']; ? or (N) (93) gUjRā 'wild (animal)': IE gh^uer- ('wild')animal ~ Alg. [gōrā 'wild'] (J) ku-kryt 'tapir, anta'. Ap. kukryt, Ca kuk^hryt, Su k^hukryty, Xa ʔuhəənə. (Macro-Jē: M (i)-citta, K. (w)kōri). 62 'to wrap, to cover' (N) (212) 𐌆apa 'to cover': AA kp-/qp- 'to cover' ~ Drav. kapp-/kav^h 'to cover' ~ Alt. k^hapa 'to cover'; or (N) (92) gūpA 'to bend, to curve': AA g(w)b/k(w)p 'to bend, a prominence' ~ IE gheub- 'to bend, crooked' ~ Alt. gūbā- /gūbā- 'curved, prominent' (J) kupu 'to wrap'. Ap. kupu, Xa ʔuumu. 63 'to throw, to move' (N) (295) ?mene 'to step': IE men- 'to step, to tread' ~ Ural. mene- 'go' (J) meⁿ, meⁿy 'to throw'. Ap. (ku)meⁿ, meⁿy, Xa meⁿ, meⁿy, Ka peⁿ𐌆 (to shoot). 64 'honey' (N) (276) maj^h 'honey, sweet tree juice': IE mel- 'honey' ~ Ural. maj^h 'sweet tree juice' ~ Drav. [maṭṭ- /mitt- 'honey, sweet tree juice'] ~ Alt. [m/al 'honey'] (J) men^y 'honey'. Ap. men^y, Su meni, Xa piⁿ, piⁿniⁿ, Ka m^h𐌆. (Macro-Jē: K. bed^h). 65 'mother' (N) (a)na 'mother' (cp. AA nanna 'grandmother') (J) naⁿ 'mother': Ap. naⁿ, Ca -nəⁿ, Xa naⁿ, Ka n^h𐌆. 66 'to take, to finish, to throw?' (N) (8) bari 'to take': AA br- 'to grasp, to catch' ~ IE bher- 'to bring, to take, to carry' ~ Drav. per- 'to collect, to take' ~ Alt. bari - 'to take into hands' (J) pa, par 'to finish'. Ap. pa, par, Xa pa, pari, Ka pan 'to throw out'. 67 'father' (N) pa 'father' (J) pa^m. Ap. pa^m, Ca - pa^m, Xa maaⁿmaⁿ. 68 'a flower?' (N) a^h/mH/u 'bird-cherry' (274): (?) Ural. ʔōme 'bird-cherry' ~ Alt. /d/imu 'bird-cherry' (J) raⁿ 'flower'. Ap. raⁿ, Ca(ii)rⁿ, Xa (ci)raaⁿ(raⁿ), Ka r^h𐌆 (ripe). 69 'to flow, to swim' (N) (267) L/đ/j^h 'water, to flow': AA lj 'water' ~ IE leiH- 'to flow' ~ ? Ural. Lāj 'liquid, river' (~ Svan. lic 'water?'); or: (N) IE ar/ṛ 'to flow' (J) re, rer 'to swim' Ap. re, rer, Ca ree, Xa (n^yəə)ri, rii(mi) Ka re (flow). 70 3rd pers. (see above) pronoun (N) t- (demonstrative) (J) ta, tam. 71 'to blow, to cut' (N) qur^h 'to

cut:AA qwr 'to cut'~Kartv. qwer 'to castrate'~Ural. kur^Λ 'knife'~Drav. [kūr 'sharp'] ~ Alt. [Kur-čā 'sharp'] (J) zako, zakor 'to blow'. Ap. ako, -jako, -jakor, Ca hakkoo, Xa caʔu, caʔuuri, Ka jaⁿka.

MORPHEMES:

1. Nostratic -n- 'a marker for medium/ reflexive' (see Dybo 1984). Jē -n- 'a marker of intransitive verbs'.

2. Nostratic -t- 'verbal and nominal affix'. Jē -t- 'id'.

3. Nostratic -l 'diminutive affix'. Jē -r 'diminutive affix'.

Possible correspondencies between Jē -Tupi- Nostratic (for Tupi, see Davis 1968; Hanke, Swadesh, Rodrigues 1958).

Number	Jē	Tupi	Nostratic	meaning
40	ma	p̄ia	maksa	liver
20	miɛn	men	mān ^Λ	man, husband
24	ŋo	iḡi	ŤEK u	water
23	ŋo	ŋkiv	koja	louse
31	pa	po	pad-	arm, hand
11	kra ⁿ	kan (Guajajara)	ker ^Λ	head
13	ku, kur	u (Guajajara)	gur	to eat, to swallow
29	pry	pe (Guajajara)	per	path; side
17	prə	felowa (Fulniō)	bur(H)	ashes
27	par	fehe (Fulniō)	par-	foot
35	m-	ma'e (Guajajara)	m-	what?

4. Below we present a list of phonetic correspondencies between Nostratic and Proto-Jē. As will be shown below, sometimes it appears more plausible to explain the correspondency in question in terms of a natural phonological process, which does not necessarily imply the derivation of Proto-Jē from Proto-Nostratic or vice versa (for possible implications, see 5). The phonetic correspondencies listed below appear to be exhaustive for the material analyzed, i.e. they are sufficient to explain all the divergencies between lexical items under consideration.

4.1. Correspondencies of syllable structure.

4.1.1. Frequently, the final syllable of Nostratic disyllabic root is not attested in Jē, though its onset can eventually be traced in the coda of the initial syllable in Jē.

This statement can be formalized in a following way:

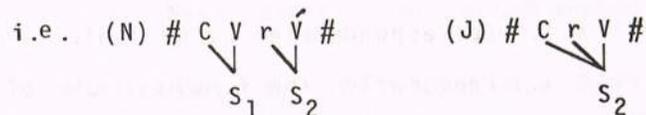


Examples:

(N) qarV	~	(J) tsər	(N) mene	~	(J) mē(n)
ḳb̄j̄nV	~	kōn	bari	~	pa(r)
magi	~	met̄s	kuVlV	~	pī(r)
mVZ̄V	~	mit	karjā	~	kə
mānV	~	m(i)ɛn	kila	~	ki
lupV	~	rɔp	kosV	~	ko
mej̄λV	~	meɲ	niḳZ̄V	~	na
gurV	~	ku(r)	buHi	~	pī
muri	~	mō(r)	bongḳ	~	pɔ
nār(i)	~	ɲa(r)	lamHu	~	rā
keriḳ	~	kə(r)	didV	~	tī
manu	~	mu(ɲ)	tsukV	~	zi

These correspondencies can be possibly explained as a result of application of a weak syllable deletion process. We may, moreover, suppose that the syllable in question was posttonic, thus possibly deducing information about the place of word-accent in Nostratic from Nostratic-Jē correspondencies (see Dybo 1984 on the lack of information concerning the Nostratic prosody): $C\check{V}C\check{V} > C\check{V}C > C\check{V}(C) > C\check{V}$.

4.1.2. Root initial vowel in Nostratic usually corresponds to \emptyset in Jē, if the onset of the next syllable is [r].



Examples:

(N) mārV	~	(J) mre	(N) kŭlā	~	(J) kra
ķirV	~	krā	ķiarV	~	kre
kŭlV	~	krī	karV	~	nī]kra
murv	~	mrə	?Haλa	~	kre
bur(H)V	~	prə	kurV	~	ŋri
pirV	~	prī	kerja	~	nrē(r)
karā	~	kran	pirV	~	pro
kirV	~	kre			

The weak syllable deletion process seems to occur this time in the pretonic position: $C\check{V}r\check{V} > Cr\check{V}$

4.2. Correspondencies of consonants.

4.2.1. Nostratic postvelar occlusives (emphatic, uvular, pharyngeal and laryngeal) correspond to voiceless velars in Jē, which can be interpreted as an old process of velarisation.

(N) ḳ, q̣, ʔ, H ~ (J) k

Examples:

(N) qoṭi	~	(J) kuzī	(N) ḳbiŋV	~	(J) kōn
karjā	~	kə	deuHi	~	zako?
kerjā	~	kə(r)	karV	~	kagrə
?Haλa	~	kre	karā	~	kraŋ
ķila	~	ki	ķirV	~	krā(p)
kosV	~	ko			

4.2.2. Nostratic voiceless and voiced stops correspond to their voiceless counterparts in Jē, which can be interpreted as an old devoicing process.

(N) p/b, t/d, k/g ~ (J) p, t, k

Examples:

(N) parV	~	(J) par	(N) nato	~	(J) tō
pirV	~	pr̥	didV	~	tī
pod ^h V	~	pa	ka	~	ka
pa	~	pā	kui	~	kaŋ?
pirV	~	pro	kūṭV	~	krī
gūpa	~	kupu	kum	~	kūm
lupV	~	rəp	kirV	~	kre
bari	~	pa(r)	kŭlā	~	kra
buHi	~	pī	ķiar	~	krē
bur(H)V	~	prə	ḳbiŋA	~	kaŋā
t	~	t	kar	~	kra
ta	~	ta	gurV	~	ku(r)
t-	~	t-	gūpa	~	kupu

4.2.3. Nostratic velar non-emphatic and emphatic occlusives correspond to nasal velar in Jē in the root-initial position, which can be interpreted as an old intrinsic nasalisation process.

(N) # ḳ, ḳ ~ (J) # ŋ

Examples :

(N) k _u rv	~	(J) ɣri	(N) k(k)ur	~	(J) ɣrə
ʔe _u	~	ɣo	ker _u ja	~	ɣrə
ko _u ja	~	ɣo	ko _u le	~	ɣre

4.2.4. Nostratic voiceless velar stops, emphatic or non-emphatic, correspond to alveolar or palato-alveolar voiceless affricates in Jē, in the context of a following palatal vowel or glide, which can be interpreted as an old palatalisation process.

(N) k, ḳ ~ (J) ts/tš /----- i, ị

Examples :

(N) ik	~	(J) its	(N) magi	~	(J) mets
k _u i _u v	~	ts _u a	g _u im	~	tsa(m)

4.2.5. Nostratic alveolar stops, emphatic or non-emphatic, correspond to voiced alveolar spirants in Jē, in the context of a following palatal vowel, which can be interpreted as an old assibilation process.

(N) t, ṭ ~ (J) z

Examples :

(N) ɣo_ui ~ (J) kuzi

4.2.6. Nostratic voiceless alveolar affricate corresponds to voiced alveolar spirant in Jē, which can be interpreted as an old spirantisation process.

(N) ts ~ (J) z

Examples :

(N) tsuk^V ~ (J) zi

4.2.7. Nostratic voiceless labialized stop corresponds to voiceless bilabial stop in Jē.

83

(N) k_u ~ (J) p (cf. [ụ] em Xavante)

Examples :

(N) kuVIV	~	(J) pi(r)	(N) kuV	~	(J) pa
-----------	---	-----------	---------	---	--------

4.2.8. Nostratic lateral sonorants (alveolar, velarized, palatalized) correspond to a palatal vibrant in Jē.

(N) l, ɭ, λ ~ (J) r

Examples :

(N) k _u ɭV	~	(J) kri	(N) kuVIV	~	(J) pi(r)
k _u ɭɭ	~	kra	ko _u le	~	ɣre
lamHu	~	rā	ʔHala	~	kre
ɭupV	~	rɔp	-ɭ-	~	-r-

4.2.9. Nostratic bilabial and alveolar nasal stops correspond to the same sonorants in Jē.

(N) m, n ~ (J) m, n

Examples :

(N) m _u rV	~	(J) mre	(N) me _u iλV	~	(J) mej
kumV	~	kūm	q _u iVmV	~	tsam
masV	~	ma	mene	~	mē(ɣ)
murV	~	mrə	(a)na	~	nā
magi	~	mets	nə _u	~	n _u
muri	~	mō(r)	m _u ɳnV	~	m(i _u)ɳn
mVZV	~	mīt	n	~	n
m _u ɳnV	~	m(i)ɳn	-n-	~	-n-
-m-	~	-m-			

4.2.10. Nostratic alveolar nasal stops correspond to palatal nasal stops in Jē, when followed by a palatal vowel, which can be interpreted as an old palatalisation process.

(N) n ~ (J) ɲ /..... $\left[\begin{array}{c} \text{V} \\ \text{-back} \end{array} \right]$

Examples:

(N) nār(i) ~ (J) ɲa(r) (N) mene ~ (J) mē(ɲ)
nan ~ ɲō[to ?]

4.2.11. Nostratic velar glide corresponds to the same glide in Jē.

(N) ŋ ~ (J) ŋ

Examples:

(N) kḥiṅV ~ (J) tsɲa (N) nḥu ~ (J) nḥ

4.3. Correspondencies of vowels

It should be noted that specific difficulties in establishing vocalic correspondencies between Proto-Nostratic and Proto-Jē are mostly due to various problems connected with vowel reconstructions in Nostratic languages (especially in the case of West-Nostratic, where the original vocalism hasn't been fully preserved, or is totally unknown, as in the case of Afroasiatic). Here a preliminary sketch of vocalic correspondencies is presented.

4.3.1. Nostratic oral vowels correspond to nasalized vowels in Jē, in the context of nasal stop.

(N) V ~ (J) Ṽ / N

Examples:

(N) (a)na ~ (J) nā (N) kum- ~ (J) kūm
lamHu ~ rā mene ~ mē(ɲ)
nan- ~ nō[tɔ kḥiṅ^A ~ kaɲā ?
kḥiṅ^V ~ kōn

4.3.2. Nostratic oral vowels correspond sometimes to intrinsic(?) nasalized vowels in Jē, without any identifiable contextual nasal stop.

(N) V ~ (J) Ṽ

Estudos (10): 65-92, dez. 1990

Examples:

(N) ɣerV ~ (J) krā(n) (N) pa ~ (J) pā
muri ~ mō(r) didV ~ tī
buHi ~ pī ?Hala ~ krēr
piār(a) ~ pī(r)

4.3.3. Nostratic non-low palatal vowels correspond normally to the same vowels in Jē.

(N) i, e ~ (J) i, e

Examples:

(N) i(k) ~ (J) i(ts) (N) didV ~ (J) tī
kila ~ ki meɲλV ~ men
buHi ~ pī mene ~ mē(ɲ)

4.3.4. Nostratic low palatal vowel corresponds normally to the low velar vowel in Jē.

(N) ä ~ (J) a

Examples:

(N) niḥḥV ~ (J) na (N) ɣar(l) ~ (J) kraɲ
nar(i) ~ ɲa(r) kḥlḥ ~ kra

4.3.5. Nostratic non-low labial vowel correspond normally to any labial and/or velar vowel in Jē.

(N) $\begin{bmatrix} u \\ o \\ u \end{bmatrix}$ ~ (J) $\begin{bmatrix} u, o, \text{ɔ}, \text{ɨ} \\ u, o, \text{ɔ} \\ u, o \end{bmatrix}$

Examples:

(N) gurV ~ (J) ku(r) (N) ?eku ~ (J) ɲo[tɔ
kum- ~ kūm luṗV ~ rɔp
muri ~ mō(r) tsukV ~ zɨ

Estudos (10): 65-92, dez. 1990

(N) ɸosV	~	(J) ko	(N) bongɸ	~	(J) pɔ
koja	~	ɸo	kɸiɸV	~	kɔn
qoti	~	kuzɸ	gɸpa	~	kupu

4.3.6. Nostratic low vowel normally corresponds to the same vowel in Jē.

(N) a ~ (J) a

Examples:

(N) ka	~	(J) ka	(N) karV	~	(J) kanrə
masV	~	ma	(a)na	~	nā
bari	~	pa(r)	pa	~	pā
parV	~	par	lamHu	~	rā
ta	~	ta			

4.3.7. Nostratic low velar corresponds to a low palatal vowel in Jē, when followed by a palatalized vowel or a glide.

(N) a ~ (J) ε /----- i, j

Examples:

(N) magi	~	(J) mets	(N) kerja	~	(J) ɸrɛ(r)
----------	---	----------	-----------	---	------------

4.3.8. Nostratic vowels sometimes correspond to a central schwa in Jē, which can be interpreted as a lenition process of centralization.

(N) e, a, ... ~ (J) ə

Examples:

(N) ɸerja	~	(J) kə(r)	(N) karV	~	(J) tsə r
ɸariɸ	~	kə			

4.3.9 Nostratic indeterminate vowel may correspond to any vowel in Jē.

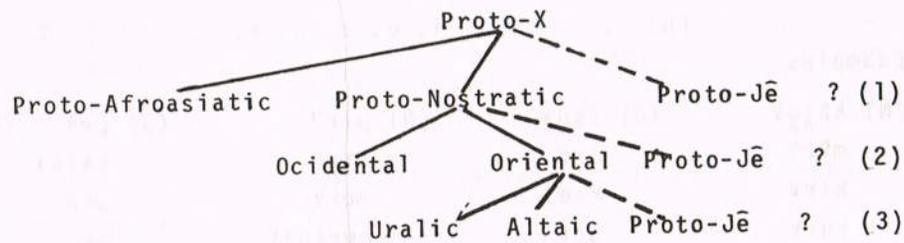
(N) V ~ (J) i, e, a, o, ɸ, , ...

Examples:

(N) kɸiɸV	~	(J) tsɸa	(N) piɸV	~	(J) pɸi
mɸrV	~	mre	dVɸV	~	tɸi(k)
kiɸV	~	kre	muɸV	~	mɸə
ɸurV	~	ɸri	buɸ(H)V	~	pɸə
ɸiɸV	~	krā	k(k)uɸV	~	ɸrə
ɸɸɸV	~	krɸ	ɸarV	~	kɸrə
mVɸV	~	mɸt	p(i)rV	~	pro

5. Up to now, we have established about 71 lexical items and 3 derivational morphemes common for Proto-Nostratic and Proto-Jē. Of all the lexical items in question, 56 belong to the Swadesh's basic word list (100 word list). (It should also be noted that the list of Proto-Jē reconstructions presented by I. Davis (1966) contains about 75 words belonging to the Swadesh's list, the general number of Proto-Jē lexical items amounting to 112). It seems unlikely that the lexical isoglosses analysed, together with rules for phonetic correspondencies listed above (see 4) should be mere coincidences. The scarcity of correlations between derivational morphemes in Proto-Nostratic and Proto-Jē may as well be due to the lack of information about the derivational and inflectional morphemes in Proto-Jē at our disposal.

Still, it seems difficult as yet to arrive at any definite conclusions as far as the degree of an alleged genetic relationship, of Nostratic and Jē, distant as it may be. Provisionally, the degree of a genetic affinity between both can be illustrated with the help of a following diagram:



Even if we cast a superficial glance at the hypothesis(3), we could immediately assume that it is most improbable that Proto-Jê should be considered as a member of the same subdivision of Nostratic as Uralic and Altaic, thus opposed to the so called Occidental Nostratic (see above, for example, some isoglosses between Proto-Jê and West Nostratic languages). The hypothesis(2) doesn't seem very probable, due to the existence of several specific isoglosses between Proto-Jê vs Proto-Afroasiatic (see above, items 3, 4, 15, 25, 42, 45, 47). Consequently, the most probable hypothesis would be(3); though one should always keep in mind that the actual genetic relationship between Jê and Nostratic (if any) may be not exactly that of first cousins (presupposed by the hypothesis(3)), but can as well involve any kind of other more distant relationships.

Another problem, which can not be solved as yet, is that of possible genetic links between Jê and other families at least of South America (see above, a list of correspondencies between Proto-Jê and Proto-Tupi, presented by Davis 1968, with a tentative of comparisons with Nostratic, by the authors of the present paper). It is also beyond doubt that a close cooperation between linguists and, say, archaeologists, antropologists etc. would certainly contribute to make any progress in establishing the origins of South American Indians — an objective scholars have been trying

to achieve since at least two centuries.

The present sketch — preliminary as it is — constitutes a first step towards an integral research project in the field of comparative and historical linguistics, under the auspices of the bilateral cooperation agreement between the Academy of Sciences of the USSR (namely, the Institute of Oriental Studies) and the Federal University of Santa Catarina (UFSC), Brazil.

It is obvious that the present study is but a rough draft open for a discussion; still, even preliminary results obtained could justify a further comparative study of Nostratic and Jê, on the basis of a vaster and more modern language material.

Consequently, it appears extremely desirable that further research in the field by accomplished, within the framework of the project in question, with the help of contacts and exchange of experience between specialists on Amerindian languages in Brazil (concentrated in three main centers: the University of Brasilia/Unicamp, under the supervision of Aryon Rodrigues, The National Museum in Rio de Janeiro and the Summer Institute of Linguistics, Brasilia) and specialists in Nostratic studies. The overwhelming majority of these are working in Moscow, mostly in the research institutes linked to the Academy of Sciences of the USSR; the names to be cited here are: V.A. Dybo, S.A. Starostin, S.L. Nikolayev, V.E. Oryol, Y.A. Helimski, I. Peiros, O.A. Mudrak, A.V. Dybo, V.A. Terentyev, A.Y. Militaryov and others. The most important specialists in Nostratic abroad are Aron B. Dolgopolski (Haifa, Israel) and Vitaly Shevoroshkin (Ann Arbor, Michigan, USA) (both recent emigrants, of Russian origin).

ABSTRACT

Presentation of lexical and phonetic correspondencies between South American Proto-Jê and Eurasian Proto-Nostratic as preliminary data for studies on genetic links of Amerindian languages to language families of the Old World.

NOTAS

* We are infinitely grateful to Prof. Dr. Helga Weiss and Prof. Dr. Paulino Vandresen, without whose collaboration our study could have never been initiated.

1. Macrofamilies (see Dybo 1984) are understood as large conglomerates of language families united by a profound genetic relationship. By now, the existence of two macrofamilies has been proved: Nostratic (see 2.1) and Sino-Caucasian (see Note 2). The existence of a third macrofamily, preliminary called Austroasiatic, is still to be proved.
2. Sino-Caucasian macrofamily, recently discovered by S.A. Starostin (see Starostin 1984, Starostin, Nikolayev 1984), comprises Sino-Tibetan languages, North-Caucasian and Yenisean languages of Siberia. An attempt towards a comparison between Jê and Sino-Caucasian (based on data in Starostin 1984) has yielded no results.
3. As far as we know, there appear to have been established certain superficial parallels between South Amerindian languages and some Eurasian languages, for example, Japanese; these attempts seem to be of a little value unless a comparative and historical analysis on the level of protolanguages is accomplished.
4. Here our reconstruction of Proto-Jê mien presents a deviation from the results of Davis, for we see here no reason for reconstructing a sibilant (z) on the material of Jê languages under consideration. I. Davis reconstructs Proto Jê 'husband' as mʒɛn.
5. The Nostratic-Jê correspondencies show the reflection of two different phonemes in Jê *p, the one (see examples 17, 28 etc) corresponding to Xa p/m, the other (examples 25, 26) to Xa w; thus the data of comparison with Nostratic permitting to solve the problem of controversial reflexes of Proto Jê in Xavante.

Estudos (10): 65-92, dez. 1990

REFERENCES

- BOSWOOD, Joan (1971) *Phonology and Morphology of Rikbaktsa and a Tentative Comparison with Languages of the Tupi and Jê families*. Arquivo Lingüístico nº 086, Brasília, D.F.Sil, p. 51.
- _____. (1973) 'Evidências para a inclusão de Aripaktsa no filo Macro-Jê', *Série Lingüística*, nº 1, Publicações de Summer Institute of Linguistics, Brasília.
- DAVIS, Irvine (1966) 'Comparative Jê Phonology'. *Estudos Lingüísticos*, vol.1 nº 2, p.13.
- _____. (1968) 'Some Macro Jê Relationships', *International Journal of American Linguistics*, 34(1): 42-47.
- DOLGOPOLSKY, Aron B. (198...) 'on Personal Pronouns in the Nostratic Languages', in: Oschwantler, Rédei ed. *Linguistica et Philologica* (Gedenkschrift B. Collinder). Wien: Baumüller p.65-112.
- DYBO, Vladimir A. & TEREPTYEV Vladimir A. 'Nostraticheskaya makrosemya i problema ee vremennoj localisacii' ('Nostratic Macrofamily and the Problem of its Temporal Localisation'). *Linguistic reconstruction and Ancient History of Orient*, v.5, Moscow 1984 p.3-25.
- HAJDŰ, Péter (1976) *Uráli nyelvék és répek*. Budapest, 427 pp.
- LYTKIN, Vasily I., GULYAEV, Yevgenij S. (1970) *Kratkij etimologicheskij 'slovar' komi yazyka*. (A Short Etymological Dictionary of Komi Language). Moscow, Nauka, p. 386.
- HAMP, Eric P. (1969) 'On Maxakalí, Karajá and Macro-Jê'. *International Journal of American Linguistics* 33(3): p. 268-270.
- HANKE, W. M. Swadesh & A. Rodrigues (1958) 'Notas de Fono-logia Mekens', *Miscellanea Paul Rivet*, Mexico, pp.187-217.
- HELIMSKI, Yevgenij A. 'P(1984) 'Problema granic nostraticheskoy makrosemy yazykov' ('The Problem of Limits of the Nostratic Macrofamily of languages'). *Linguistic Reconstruction and Ancient History of Orient*, v. 5, Moscow p.31-48.
- ILLICH-Svitych, Vladimir M. (1971 vol. 1, 1976 vol. 2). *Estudos* (10): 65-92, dez. 1990

Opyt sranneniya nostraticheskikh yazykov. (An Essay of a Comparison of Nostratic Languages). Moscow.

MATTOSO Câmara Jr., J. (1959) *Alguns Radicais Jê*. Publicações Avulsas do Museu Nacional, Rio de Janeiro.

MEILLET, A. & Marcel Cohen. *Les langues du monde*. (1952), Paris.

GUÛCHINSKY, Sarah (1971). 'Ofaié-Xavante, a Jê language' *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*. Summer Institute of Linguistics.

STAROSTIN, Sergej A. 'Gipoteza o genetiçeskikh svjazjah sino-tibetskih yazykov s yenisejskimii severnokavkazskimi yazykami' ('A Hypothesis on Genetic Links between Sino-Tibetan, Yenisean and North-Caucasian Languages'). *Linguistic Reconstruction and Ancient History of Orient*, v.4, 19-38.

STAROSTIN, Sergei A. & Nikolayev, Sergei L. 'Severnokavkazskije yazyki i ih mesto credi drugih yazykovyh semej Perednej Azii' ('North Caucasian Languages and their Place among other language families of Asia Anterior'). *Ibidem*, v. 3, p.26-33.

VIITSO, Tiit-Rein (1971) 'Predvaritel'nyje dannyje ob otnoshenii kalifornijsko-penutijskih yazykov k ural'skim i drugim nostraticheskim yazykam' ('Preliminary Data on the Relationship of Penutian Languages of California to Uralic and Other Nostratic Languages'). *Soviet Studies in Finno-Ugric Linguistics* (SFU), 7, nº 2.

WIESEMANN, Ursula (1981) 'Notas sobre Proto-Kaingang: um estudo de quatro dialetos (tradução de Miriam Lemle). Arquivo Lingüístico, Brasília, J.F.Sil, p.21.

_____. (1978) The Pronoun System of some Jê and Macro-Jê Languages'. *Pronominal Systems*. Tübingen. Genker Marr Verlag, p. 359-380.

A POSPOSIÇÃO DO SUJEITO EM PORTUGUÊS:
REGRA DE INVERSÃO ESTILÍSTICA OU MOVA SN*

Sumaia Sahade Araújo
Universidade Federal da Bahia

R E S U M O

Este estudo trata da Regra de Posposição do Sujeito em português em diversos contextos sintáticos; analisa a hipótese de se considerar a posposição do sujeito ou como uma regra estilística de acordo com Chomsky e Lasnik (1977), ou como mova α , aplicada antes da estrutura-S e neste caso, devendo ser justificada através de princípios da gramática gerativa.

As condições sintáticas para a posposição do sujeito em português, segundo Bittencourt (1980), estão associadas ao tipo do verbo (transilivo, intransitivo, de ligação) ocorrente na frase. Em orações com verbo intransitivo e de ligação, a posposição do sujeito atua produzindo sentenças gramaticais:

"Viajaram muitos nordestinos com fome".

"Era enorme a cozinha da fazenda".

Por outro lado, com verbos transitivos ocorre a agramaticalidade das sentenças:

"*Comeram os garotos o bolo de chocolate".

"*Beberam os torcedores toda a cerveja".

Conclui a autora que "a posposição do sujeito atua sobretudo em estruturas com verbo intransitivo ou de ligação. (Cf. Bittencourt, 1980).

Kayne e Pollack (1978) denominam Inversão Estilística a regra que movimenta para a direita o sujeito SN. No francês, esta regra desempenha um papel na deriva-

ção de sentenças como:

"Quand partira ton ami?"

"Je me demande quand partira ton ami".

Onde a Inversão Estilística ocorre em oração introduzida por uma palavra QU (wh-word). Segundo eles, evidencia-se essa hipótese através da não aplicação da Inversão Estilística em perguntas diretas (yes-no questions) e encaixadas correspondentes, perguntas indiretas:

"Partira ton ami?"

"Je me demande si partira ton ami?"

Além disso, a Inversão Estilística não ocorre em orações encaixadas introduzidas pelo complementizador "que":

"*Marie pense qu'a crié Pierre".

"*Elle dit que partira son ami".

No entanto, a Inversão Estilística é possível em orações subjuntivas:

"Je veux que parte Paul".

"J'exige que soit éliminée cette solution".

Postulam Kayne e Pollack (1978) a seguinte regra de Inversão Estilística para a posposição do sujeito em francês:

$$\left. \begin{array}{l} \text{wh} \\ +F \end{array} \right\} \begin{array}{l} \text{(que)} \\ \text{NP} \\ \text{X} \end{array} \rightarrow \begin{array}{l} 12 \text{ e } 43 \\ 1 \quad 2 \quad 3 \quad 4 \end{array}$$

que posteriormente é simplificada, indicando, apenas, o movimento do sujeito NP

$$\text{NP} \quad \text{Y} \rightarrow 21$$

$$1 \quad 2$$

Os dois primeiros termos da regra sendo suprimidos dão a ela um super poder de geração e, para restringi-la, Kayne e Pollack (1978) acrescentam, a essa regra, um filtro:

Estudos (10): 93-102, dez. 1990

"Marcar como não gramatical qualquer sentença contendo uma posição de sujeito vazia não imediatamente precedida pelo gancho (trigger) $\left. \begin{array}{l} \text{wh} \\ +F \end{array} \right\}$ (que)".

(+F é um traço que as orações subjuntivas têm em COMP).

Mateus (1983), ao tratar da posposição do sujeito, afirma admitirem sujeitos pós-verbais as línguas que também admitem sujeitos nulos, e, assim, formula a hipótese de ser a natureza pronominal da FLEX (flexão) que favorece a ocorrência de sujeitos pós-verbais. Ressalta em nota, entretanto, que "ao contrário de outras línguas (por ex., o italiano) a posição pós-verbal do SU em português, está submetida a restrições sintáticas muito fortes:

1º - não admitem posição pós-verbal do SU os verbos transitivos:

*Deu o João o livro a Maria.

2º - Em frases declarativas está limitada a classe de Vs intransitivos" (cf. Mateus, 1983: 318).

Ao analisar as sentenças:

"Muitos operários trabalharam.

Trabalharam muitos operários".

Mateus define "trabalhar" como um verbo inergativo, sendo "muitos operários" sujeito na forma subjacente e na final. Para explicar "trabalharam muitos operários", a flexão atribui o caso nominativo a "muitos operários" e uma regra de inversão do sujeito coloca-o em posição pós-verbal. Segundo Mateus (1983), essa é formalmente uma regra de adjunção a SV.

Quanto às formas:

Estudos (10): 93-102, dez. 1990

"Os miúdos chegaram.

Chegaram os miúdos".

São constituídas de um verbo ergativo chegar, sendo que, na estrutura subjacente, o sujeito final "os miúdos" encontra-se na posição estrutural de objeto direto. Para produzir "os miúdos chegaram" houve o movimento do SN "os miúdos" para a posição vazia do sujeito e o caso nominativo é atribuído por FLEX.; em "chegaram os miúdos", "os miúdos", embora conservando a posição subjacente de objeto direto, é SU final e tem o caso nominativo atribuído pelo verbo ergativo.

No italiano, segundo Burzio (1986), as sentenças:

- a. Molti esperti arriveranno
- b. Arriveranno molti esperti
- a. Molti esperti esamineranno il caso
- b. Esamineranno il caso molti esperti

se caracterizam comumente como resultantes da inversão livre do sujeito, mas para ele a inversão no italiano não é um fenômeno unitário, enquanto a frase nominal sublinhada em "Esamineranno il caso molti esperti" resulta do movimento do SN para a direita, a frase nominal sublinhada em "arriveranno molti esperti" é gerada na base nessa posição, sendo a forma derivada, "molti esperti arriveranno", obtida pelo movimento do SN para a esquerda. Dessa forma, Burzio (1986) adota uma postura semelhante a Mateus (1983) quanto aos verbos do tipo chegar, afundar, que para eles são verbos ergativos. A posição pós-verbal do SN com esses verbos é considerada a básica, enquanto a posição pré-verbal é decorrente da atuação de uma regra de movimento do SN para a esquerda. O verbo ergativo não atribui papel temático à posição de sujeito e, conseqüentemente, a representação da estrutura-profunda não requer a presença de um

argumento na posição de sujeito. Para Burzio a aplicação de Mova α explica a ocorrência pré-verbal do SN objeto.

Tem-se argumentado que a regra de posposição do sujeito não deva ser considerada "estilística" no sentido de Chomsky e Lasnik (1977), segundo os quais, regra estilística é aquela que se aplica depois da estrutura -S. Kayne e Pollack (1978) e Kayne (1979a) defendem ser essa regra um exemplo de mova α , enquanto Jaeggli (1982) conclui por considerar a inversão estilística, realmente estilística, se aplicando depois da estrutura -S.

A partir de propostas de análise já realizadas sobre o tema em questão, é objetivo deste trabalho investigar o comportamento da regra de posposição do sujeito em português, em diversos contextos sintáticos: com verbos transitivos/intransitivos; em orações interrogativas com palavras QU (encaixadas ou não); em perguntas diretas e indiretas e em orações encaixadas não introduzidas por palavras QU.

Verificaremos, também, as hipóteses de se tratar a posposição do sujeito como uma regra estilística no sentido de Chomsky e Lasnik (1977) ou, como um exemplo de regra mova α , aplicada antes da estrutura -S. Sendo a regra mova α , irrestrita e opcional, para evitar a formação de seqüências não permitidas na língua, caberá a princípios da gramática a tarefa de regulamentar e justificar a sua atuação.

II - Contextos sintáticos da posposição do sujeito em português.

Com verbos intransitivos:

- (1) a. Muitas crianças brincavam.
- b. Brincavam muitas crianças.
- (2) a. Maria e João viajaram.

b. Viajaram Maria e João.

As sentenças a e b acima mencionadas são sinônimas; o verbo concorda com o sintagma nominal, e o sintagma nominal recebe o caso nominativo. Veja-se, por exemplo, a frase "tu brincaste" ou "brincaste tu" e não "brincaste te", o pronome pessoal fica na forma nominativa e não na forma objetiva. Os exemplos acima mencionados e a literatura citada parecem indicar que a inversão estilística é livre, irrestrita com verbos dessa natureza.

Com verbos transitivos:

- (3) a. Leram os alunos um lindo poema.
b. Leram um lindo poema os alunos.
- (4) a. Comeu o menino o doce.
b. Comeu o doce o menino.
- (5) a. Venderam os representantes todos os modelos.
b. Venderam todos os modelos os representantes.
- (6) a. Necessitam os doentes de remédios.
b. Necessitam de remédios os doentes.
- (7) a. Cuida a faxineira da minha casa.
b. Cuida da minha casa a faxineira.

Essas sentenças são resultantes da aplicação da posposição do sujeito e constituem frases problemáticas (aceitas por uns falantes, estranhas para outros, e até não gramaticais para alguns) denotando ser a transitividade do verbo uma possível razão desse comportamento especial.

Em orações interrogativas:

- (8) a. Telefonaram muitas pessoas?
b. Eu perguntei se telefonaram muitas pessoas.

- (9) a. Quando telefonaram muitas pessoas?
b. Eu perguntei quando telefonaram muitas pessoas.
- (10) a. Exigiram os grevistas aumento de salários?
b. Eu não sei se exigiram os grevistas aumento de salários.
- (11) a. Quando exigiram os grevistas aumento de salários?
b. Eu perguntei quando exigiram os grevistas aumento de salários.

Em português, diferentemente do francês onde não é normalmente permitida a ocorrência do sujeito em posição pós-verbal (cf. Kayne e Pollack, 1978), a posposição do sujeito ocorre em orações interrogativas: perguntas diretas e indiretas; interrogativas introduzidas por palavra QU (wh-word) encaixadas e não encaixadas. A regra de movimento não parece estar condicionada à presença ou ao tipo do complementizador na frase. Note-se, por exemplo, que faz-se no português, a posposição do sujeito em orações encaixadas introduzidas pelo complementizador "que".

- (12) Maria pensa que gritaram todos.
(13) Ela disse que partirá seu melhor amigo.
(14) Toda a cerveja que beberam os torcedores estava estragada.

Quanto aos contextos com verbos intransitivos, o movimento do SN sujeito se faz para a posição pós-verbal levando nele embutido o caso nominativo atribuído por FLEX.

As diferenças observadas entre o resultado da atuação do deslocamento do SN, em sentenças com verbos intransitivos, e transitivos, parece que podem ser expressas em termos de posição temática. O critério θ (temático) per-

mite movimento somente de posição temática para uma posição não temática $\bar{\theta}$.

Com verbos intransitivos — o movimento se faz de posição temática para não temática.

Com verbos transitivos — de posição temática para posição temática.

A rejeição ou estranheza para com a posposição do sujeito com verbos transitivos, talvez se explique dessa maneira. Vejamos um exemplo: na frase "comeu o menino o bolo de chocolate" ou "comeu o bolo de chocolate o menino", o verbo comer atribui papel temático à posição por ele subcategorizada, assim como aos ocupantes dessa posição. Nesse caso, "o bolo de chocolate" recebe o papel temático atribuído pelo verbo e ocupa uma posição argumental de função gramatical O.D. (objeto direto). O outro SN "o menino" fica sem papel temático e a sentença estará violando o critério teta θ segundo o qual "um argumento \bar{s} pode desempenhar um, e um \bar{s} , papel θ , e cada papel θ \bar{s} pode ser atribuído a um, e um \bar{s} , argumento". Nesta sentença, o SN "os meninos" acumula com "o bolo de chocolate" uma \bar{s} e mesma posição temática, por isso a estranheza das formas com verbos transitivos. Sobre critério θ e mova α convém destacar o que esclarece a respeito Lúcia Lobato (1986:446) "a regra de deslocamento de α tem a característica de \bar{s} deslocar para uma posição não temática $\bar{\theta}$. Essa característica é uma decorrência do Critério θ e do Princípio de Projeção. Se deslocamento de α pudesse transportar um constituinte para uma posição θ , caso esse elemento ocupasse uma posição θ na estrutura P e fosse deslocado para uma outra posição θ na estrutura S, a cadeia correspondente receberia um duplo papel θ , na estrutura S e na FL. Logo, nesses dois níveis estaria havendo violação do Critério θ ".

Jaegli (1986) afirma que na sentença "Toma corpo neste país uma conspiração — Il prends corps dans ce pays

Estudos (10): 93-102, dez. 1990

une conspiracy" o elemento que ocupa a posição [NP, VP] imediatamente à direita do verbo não é nunca um NP temático nessa sentença; prend corp (tomar corpo) é uma expressão cristalizada, em que corpo não consta como um objeto temático no mesmo sentido em que aspirina consta na sentença "João tomou uma aspirina". Para ele, quando o objeto é temático, a construção com a inversão estilística não é boa.

Considerando as características apresentadas pela regra de posposição do sujeito em português, nos aspectos até aqui analisados, colocamos a hipótese de que ela seja um tipo de regra mova α (e neste aspecto concordamos com Burzio (1986), Mira Mateus (1983), Kayne e Pollack (1978) e Kayne (1979a)), aplicada antes da estrutura -S e que obedece a princípios da gramática como o critério θ , e o da preservação de estrutura que permite as transformações produzirem uma mudança estrutural que corresponde a uma estrutura que poderia ter sido gerada diretamente pelas regras sintagmáticas.

ABSTRACT

This work deals with the Rule of Subject Postposition in Portuguese in different syntactic contexts; it analyses the hypothesis of dealing with the subject postposition as a Stylistic Rule according to Chomsky and Lasnik (1977), or as move α , applied before S — structure and in this case, it has to be justified through principles of Generative Grammar.

Estudos (10): 93-102, dez. 1990

NOTA

- * Trabalho apresentado em sessão plenária durante o XI Encontro Nacional de Linguística - PUC-RJ.- 26 a 28 de setembro de 1988.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, V. Considerações sobre as condições sintáticas da posposição do sujeito em português. *Ensaio de Linguística*, 3:72-86, 1980.
- BURZIO, L. *Italian syntax. A government binding approach*. Holland, D.Reidel Publishing Company, 1986.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Holland, Foris Publications, 1981a.
- _____. & LASNIK, H. Filters and control. *Linguistic Inquiry* 8:425-504, 1977.
- JAEGGLI, O. *Topics in romance syntax*. Holland, Foris Publications, 1982.
- KAYNE, R.S. & POLLACK, J.Y. Stylistic inversion, successive cyclicity, and move NP in french, *Linguistic inquiry*, 9:595-621, 1978.
- _____. Rightward NP movement in french and english. *Linguistic inquiry* 10:710-719, 1979a.
- LOBATO, M.L.P. *Sintaxe gerativa do português. Da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Belo Horizonte, Vigília, 1986.
- MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983.

QUE É "QUE" NA FALA DE ANALFABETOS

Claiç Passos
Ivone Novis
Maria Emiliania Passos
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Este artigo trata do uso da palavra "que" em um dialeto falado por uma comunidade rural da periferia de Santo Amaro da Purificação.

O emprego do **que** tem sido tópico de estudo das gramáticas de língua portuguesa. Várias funções sintáticas são relacionadas como possíveis de serem desempenhadas pelo **que**. P.F.Chagas¹ aponta as diferentes funções exercidas pelas seguintes categorias:

- a) pronome adjetivo indefinido ou interrogativo:
"Que susto levei!" (adjunto adnominal)
"Que livro estás lendo?" (adjunto adnominal)
- b) pronome relativo:
"Não sei de **que** se trata." (objeto indireto)
- c) preposição:
"Tenho **que** estudar muito agora." (sem função sintática)
- d) palavra de realce:
"Oh! **que** saudade **que** tenho." (sem função sintática)
- e) conjunção aditiva, explicativa, integrante, causal, comparativa, consecutiva, concessiva, final e temporal.

Com base nessa multiplicidade funcional, o pre-

sente estudo visa a descrever as várias ocorrências de uso do **que** na fala de uma comunidade do recôncavo baiano, Ilha do Dendê, em Santo Amaro da Purificação, a 71 Km de Salvador.

A Ilha do Dendê, que na realidade não é uma ilha e, sim, uma projeção do continente ladeada por um braço do rio Subaê, abriga uma população marginalizada, vivendo em condições precárias de higiene e saneamento. A comunidade não conta com rede de água e esgoto, instalações elétricas, habitações adequadas, serviços médicos etc. Apesar de estar na periferia de Santo Amaro, a população da Ilha do Dendê vive isolada, formando uma comunidade homogênea e analfabeta em sua grande maioria.

A escolha da Ilha do Dendê foi motivada por ser uma comunidade fechada, menos atingida por influências externas e por pressões lingüísticas exercidas pela escrita e pelos meios de comunicação de massa². Além disso, a sua proximidade de Salvador e a existência de rodovia asfaltada para Santo Amaro foram também fatores determinantes para essa escolha.

Na organização da amostra, foram selecionados doze (12) informantes de ambos os sexos, todos analfabetos, acima de 50 (cinquenta) anos, e de residência fixa na Ilha. A metodologia usada para coleta dos dados permitiu a elicitacão de trechos de fala espontânea, descontraída e fluente. Todas as entrevistas foram realizadas "in loco" com a participação eventual de outros membros da comunidade. Na formulação do roteiro das entrevistas, houve uma preocupação de flexibilidade, direcionando as perguntas para o mundo de experiências e interesses dos entrevistados. Ao pescador, perguntou-se sobre o mar e o rio; ao pai de santo, sobre candomblê, crenças, misticismo; ao trabalhador rural, sobre plantações de mandioca, cana etc.

Para o levantamento dos dados foram extraídas da

amostra todas as sentenças contendo **que**. A seguir, foram categorizadas as ocorrências do **que**, tomando por base classificação proposta pela gramática normativa. São encontradas sentenças com os seguintes tipos de **que**³:

- a) conjunção comparativa:
"Menino quando vê carne é pior **que** urubu quando vê carniça."
- b) conjunção conformativa:
"Quando eu chego, já vou labutã dentro de casa **que** nem esse Vavã viu."
- c) conjunção consecutiva:
"Era tanta amoreira, **que** dava cada uma enorme."
- d) conjunção explicativa:
"Vendi uns porco também, **que** eu tinha uns porco de raça grande."
- e) conjunção final:
"Me dá um serrote do dente grande aí, **que** eu serro ela viva."
- f) conjunção integrante:
"Dentro dessa Ilha toda eu acho **que** não tem 40 eleitô."
- g) partícula de realce:
"Então, como é **que** a gente vai entrar no fundamento?"
- h) pronome indefinido:
"Aí, muita gente diz assim: **que** nada, e isso vai fazê nada?"
- i) pronome interrogativo:
"Que jeito eu dou?"

j) pronome relativo:

"Ogan de Oxum é prã tudo na casa **que** preci
sã."

l) preposição:

"Eu tenho **que** valorizã a crença, prã isso
ser valorizado, o candombrê."

Em sentenças relativas, sō foram encontrados os
pronomes "**que**" e, em situações restritas, "**quem**" como in-
trodutores.

"É você **quem** toca, e é você **que** é o bom."

As sentenças relativas encontradas são dos se-
guintes tipos:

a) **relativa com lacuna** (idêntica ã relativa do
dialeto padrão)

"Qual é o animal brutal **que** cria filho duas
vez?"

b) **relativa com preposição omitida**:

"E tem marê também **que** a gente sai 8:00 hora."

c) **relativa com pronome lembrete**

"... com um cidadão chamado Madeira **que** seu
Vavã até conhece ele."

d) **relativa com preposição**:

"Quando ele morde, abotoa, e **a que** ele abo-
toa, ele faz ali um panariz."

O pronome relativo aparêce em sentenças nas se-
guintes funções:

a) **sujeito**:

"Como é **que** a gente, carne humana, **que** tem
experiência, vai criar filho duas vez?"

b) **objeto direto**:

"Ele disse que não era isso **que** ele queria
não".

c) **complemento oblíquo**:

"Eu sou uma pessoa crente mas, do sofrimento
que em venho sofrendo, do sofrimento **que** eu
sofro..."

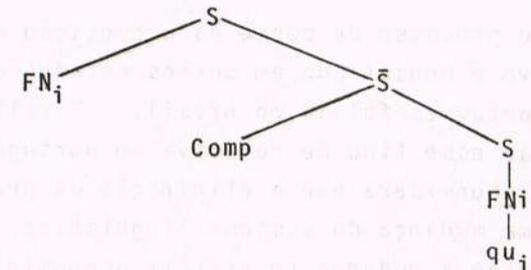
d) **complemento sentencial**:

"You por esse mundo todo **que** o povo vem me
buscã."

Como já foi registrado, na totalidade das senten-
ças relativas, não foram identificados os pronomes relati-
vos "onde", "qual", "quando", "cujo" etc., ocorrentes em
língua padrão. À medida que esses pronomes deixam de exis-
tir, as orações relativas passam a ser iniciadas, simples-
mente, por um **que**.

A estrutura das sentenças em que o pronome rela-
tivo funciona como sujeito ou objeto não-preposicionado
identifica-se com a norma padrão ou, em poucos casos, con-
têm o pronome lembrete.

Chomsky (1977) propõe uma regra de movimento (wh-
movement) para dar conta de vários processos sintáticos,
inclusive o de relativização. A estrutura do movimento do
"qu-" corresponde a



O /qu_i/ é movimentado para a posição do / Comp /, deixando,

em seu lugar, uma categoria variável vazia, vinculada ao "-qu-". A regra de movimento, no entanto, não dá conta da relativa com pronome "lembrete". Nesse caso, não se pode afirmar que houve deslocamento do "qu-", uma vez que um pronome ocupa a posição que deveria ter sido ocupada pelo "qu-". Somente uma regra de apagamento⁴ "do "qu-" pode explicar a estrutura relativa com pronome lembrete". O dialeto estudado, pois, parece relativizar por 2 (dois) tipos de regra: a transformação de movimento e o apagamento do pronome relativo.

São foram encontradas, no "corpus", sentenças com pronome lembrete na função de objeto. Os dados, porém, não são suficientes para concluir-se sobre a inexistência do pronome lembrete nas demais funções.

No caso do pronome relativo vir acompanhado de uma preposição, a gramática do português exige que a preposição seja movimentada juntamente com o pronome. Do mesmo modo, nas orações interrogativas, a preposição é sempre transportada para o princípio da sentença juntamente com o pronome interrogativo.

Nas sentenças do "corpus" a preposição não se realiza antes do pronome relativo. Assim, houve omissão da preposição em nas relativas abaixo:

"Eu vim porque aqui era um lugar que sempre, que toda vida correu mais dinheiro."

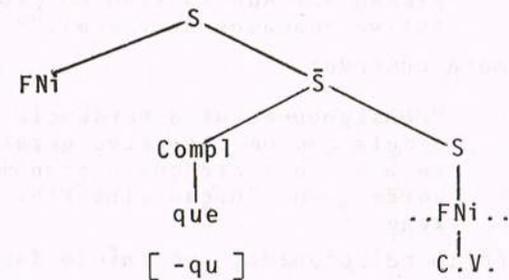
Esse mesmo processo de corte da preposição diante do pronome relativo é registrado em outros estudos de "relativização" no português falado no Brasil. Tarallo (1983), ao identificar esse tipo de relativa no português falado em São Paulo, considera que a eliminação da preposição corresponde a uma mudança do sistema lingüístico. Ao fazer a correlação entre a mudança no sistema pronominal do português e as estratégias de relativização, o autor mostra que a ex

pansão da regra de supressão pronominal às frases prepositivas provocou o surgimento das sentenças relativas sem preposição. Assim, ele afirma:

"It was major assumption that the p.p chopping strategy arose from this particular syntactic change in the pronominal system. In other words, the results presented in the replacement of clitic pronouns by zero anaphora gave origin to another type of relative, i.e., one that looks exactly like a main clause except for the complementizer que by which it is introduced."⁵

Nessa visão histórica do aparecimento da relativa sem preposição, Tarallo argumenta que o desaparecimento da relativa com preposição (piedpiping), na linguagem falada, muda a estratégia de relativização de um processo de movimento (piedpiping), para um processo de supressão (pp chopping).

A ausência de sentenças com o relativo regido pela preposição, no português falado pela comunidade em estudo, apoia a proposta de que a relativização nesse dialeto sempre se processa por uma regra de eliminação que faz desaparecer o constituinte [+qu], e pela presença do complementizador "que" com o traço [-qu]. Essa análise ainda é reforçada pela inexistência de relativos propriamente ditos (qual, que, cujo). A estrutura das relativas com eliminação é a seguinte:



Não obstante o uso generalizado da relativa sem preposição, Tarallo (1983) também registra o uso da relativa com preposição em São Paulo. Assim, ele afirma:

Estudos (10): 103-113, dez. 1990

preposição, foram encontrados, nos dados analisados, alguns contra-exemplos à afirmação de que a preposição rente do relativo "qu" é eliminada no português falado. Em todo o "corpus", sô foram detectadas as sentenças abaixo contendo relativo com preposição:

- 1 - "Quando ele morde, abotoa, e **a que** ele abotoa, ele faz ali um panariz."
- 2 - "Eu bulo com tanta coisa pesada, **nê**, bulo **com que** já foi, bulo esses oto espírito..."

Nas sentenças acima, as preposições **a** e **com**, que aparecem diante do pronome relativo **que**, em realidade, são partes de constituintes maiores da sentença. A sentença relativa em 1, "a que ele abotoa", equivale, semanticamente, a "no momento em que abotoa"; a sentença em 2, "com que já foi", corresponde a "com o que já foi". As expressões "a que" e "com que" constituem sintagmas lexicalizados no dialeto estudado, com os significados referidos acima. Referências à perda da função relativa do "que" já são encontradas em vários estudiosos da língua portuguesa. Bechara afirma:

"Frequêntes vezes, a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando por simples elemento conectivo oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante, expresso por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos universal."⁶

Mattoso Câmara observa:

"Consignou-se aí a tendência a fazer da partícula **que** um conectivo geral, até equivalente a **e**, de sorte que o pronome **que** relativo perde a sua função sintática na oração **que** rege."⁷

Foram relacionados, no início deste trabalho, os vários tipos de "que" encontrados no "corpus". Como complementarizador, o "que" introduz não somente orações relati-
Estudos (10): 103-113, dez. 1990

vas, como também outros tipos de orações subordinadas. Assim, as sentenças abaixo:

"Quer dizer **que** já é saudando, pedindo ao Espírito Santo **prá** ajudá a **dá** forças aqueles **orixá**, **nê**."

"Levanta daí **que** eu não vou consurtá."

"Aí, fiz **que** tava baixado ali."

"Me dá um serrote do dente grande aí **que** eu serro ela viva."

apresentam "que" em diferentes funções sintáticas.

Resta investigar se há condições determinando a extensão de uso do "que" nas sentenças complexas. Todas as sentenças levantadas, inclusive os exemplos citados, atestam o amplo escopo de uso do "que". Ficou constatado ainda que em sentenças como

"Aí termina morrendo **que** aquele espírito leva **mes**mo."

o uso do "que" como introdutor da sentença adverbial dilui o significado de causa, dando margem a uma relativa ambigüidade de interpretação. Entretanto, o uso de "porque" jamais deixa dúvida quanto à conotação de causa, como em:

"Todo mundo varsila **porque** o trabalho é perigoso."

Quando o informante quer expressar, enfaticamente, "causa", jamais usa o "que". Também nos demais exemplos em que a conjunção "que" aparece, há um conseqüente enfraquecimento do significado adverbial da sentença, denotado pela ambigüidade do significado da circunstância expressa pela conjunção. Nas orações subordinadas em que a conjunção marca um significado determinado, o "que" aparece ligado a uma par-
Estudos (10): 103-113, dez. 1990

tícula que lhe dá essa significação, como no caso da conformativa "que nem", da consecutiva "tanto que" etc. A distribuição de uso do "que" em todas as sentenças complexas do "corpus" demonstra não haver um cerceamento sintático que restrinja o seu emprego, e, sim, um afrouxamento do seu significado. Em resumo, a partícula "que" é extensivamente usada na fala da comunidade estudada com a única função sintática de complementizador /-qu/ e com uma função semântica um tanto indefinida.

ABSTRACT

This paper deals with the wide scope of use of the word "que" in a substandard dialect spoken by a rural community in the vicinities of Santo Amaro da Purificação, Bahia.

NOTAS

- 1 CHAGAS, P.F. (s.d.). p.125.
- 2 O contato da equipe com os moradores da localidade se fez através de Sr. Vavá, mestre de capoeira e maculelê e líder de um grupo folclórico que conta com o apoio do CEAO — Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia.
- 3 A representação ortográfica das sentenças procurou aproximar-se da pronúncia peculiar do socioleto dos informantes.
- 4 Vide Radford (1982), cap. 8.
- 5 TARALLO, F.L. (1983), p.209.
- 6 BECHARA, E. (1964), p.152.
- 7 MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim, apud MOLLICA (1977), p.20. *Estudos* (10): 103-113, dez. 1990

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. (1964). *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.
- CHAGAS, P.F. (s.d.). *Análise sintática*. São Paulo, Filo Juris.
- CHOMSKY, N. (1977). "Wh- movement". In: Culicover, P., Wasow, T. & Akmajian, A. (orgs.) *Formal Syntax*. Nova York, Academic Press.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- GALVES, C. (1984). "Pronomes e categorias vazias em português do Brasil". *Caderno de Estudos Linguísticos*. (7): 107-35.
- MOLLICA, M.C. (1977). "Estudo da cópia nas construções relativas em português". Rio de Janeiro, PUC (Tese de Mestrado).
- TARALLO, F.L. (1983). "Relativization strategies in Brazilian portuguese", Philadelphia, Pennsylvania University (Tese de Doutorado).
- RADFORD, A. (1982). *Transformational Syntax*. Cambridge, University Press.
- Estudos* (10): 103-113, dez. 1990

A REALIDADE GRAFEMÁTICO-FONÉTICA
NOS ROTEIROS DE DIOGO AFONSO
(SÉCULO XVI)

Célia Marques Telles
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Após serem rapidamente analisadas as características extrínsecas e intrínsecas da letra do manuscrito dos roteiros de navegação atribuídos a Diogo Afonso, segundo o códice FP56 da Bibliothèque Nationale de Paris, faz-se um estudo grafemático-fonético do texto com a finalidade de estabelecer os critérios que serão adotados na fixação definitiva do texto (edição crítica).

1 INTRODUÇÃO

Ao tentar proceder à edição crítica da *Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia no século XVI*, no manuscrito do Fonds Portugais 56 da Bibliothèque Nationale de Paris, fez-se necessário estabelecer os critérios a serem adotados na leitura crítica do texto. Não podíamos modernizar a leitura sem deixar que se perdesse a característica fonética da sua grafia. O primeiro passo para a análise dessas características foi o estudo grafemático dos três primeiros roteiros do códice: os dois atribuídos a Diogo Afonso, 1 *Roteiro da navegação d'aqui p'ra a Índia* e 2 *Via gẽ da Índia p'ra Portugal, s(cilicet), de Monte de Li ou de Coughim trata da vinda ao Reino*, e o terceiro, anônimo, 3 *Derrqta do Estreito de Maça p'ra Juda*.

Esse estudo será o objeto das nossas considerações, no momento, dividido em três etapas: a compreensão do que são os roteiros de navegação de Diogo Afonso, as obser

vações sobre as características extrínsecas e intrínsecas da letra do manuscrito e, finalmente, o valor grafemático-fonético dos textos que nos possibilitou a escolha dos critérios que nos pareceram os mais convenientes para procedermos à edição crítica desse tipo de texto.

2 OS ROTEIROS DE NAVEGAÇÃO DE DIOGO AFONSO

2.1 OS ROTEIROS DE NAVEGAÇÃO E OS ROTEIROS DE DIOGO AFONSO

Como acabamos de falar são dois os roteiros atribuídos a Diogo Afonso: um de viagem de ida à Índia (*Roteiro da navegação d'aquí para a Índia*) que ocupa no manuscrito os fôlios 11rº a 22rº; outro da viagem de retorno a Portugal (*Viagẽ da Índia para Purtugal, s(cilicet), de Monte de Li ou de Coughim trata da vinda ao Reino, que vai do fôlio 22rº ao 30vº*).

Devemos, contudo, definir inicialmente o que são os roteiros de navegação: trata-se de um dos cinco tipos de textos relativos à literatura de viagens¹: são os guias que indicam e dão instruções (ordens) sobre o melhor caminho a ser seguido².

Os dois roteiros de navegação acima referidos dispõem sobre a derrota de ida e volta da Carreira da Índia, como dissemos. Salientam-se no caminho de ida as duas rotas no Oceano Índico até Moçambique.

Aquí entram duas navegações: hũa do Cabo de Boa Esperança pelos Baixos da Judia e outra do Cabo das Correntes para Moçambique. Segue aquela em que se achares (fº 17vº-19vº)

No caminho de volta são assinaladas também duas rotas no Oceano Índico:

A derrota per fgra da Ilha de São Lourenço para Portugal. (fº 22vº-24vº)

[Derrota] indo por entre as Ilhas do Mascarenhas. (fº 24rº-26vº)

Esses mesmos roteiros são totalmente reproduzidos, talvez por André Thevet por volta de 1541, em um manuscrito pertencente ao National Maritime Museum de Greenwich³ (propriedade anterior de Charles Boxer). Conhece-se deles uma tradução francesa de fins do século XVI de J. H. Linschoten⁴, publicada no *Le grand routier de mer* (2.ed. 1619): são os capítulos II, *Cours du voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy* (p.3-6); III, *Navigation du Cap das Correntes vers les Seches appellees Baixos de Judia, & dela a Moçambique* (p.6-7); IV, *Navigation de Moçambique aux Indes* (p.7-8); VIII, *Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis*⁵ [sic], (p.16-17); IX, *Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de Malabar, en Portugal* (p.17-19).

Gaspar Ferreira Reimão⁶, no seu *Roteiro da navegação e Carreira da Índia*, cita os roteiros de Diogo Afonso: viagem de ida (p.13, l. 24-34 da nossa edição; p.14, l.34-43; p.35, l.229-245) e viagem de volta (p.53, l.371-376; p.56, l.288-297; p.57, l.326-332).

2.2 A AUTORIA DOS ROTEIROS DE NAVEGAÇÃO

Os roteiros são, portanto, da autoria de Diogo Afonso, mas não dispomos de elementos para afirmar categoricamente ter sido Diogo Afonso o compilador da *Coleção de roteiros* do manuscrito Fond Portugais 56 da Bibliothéque Nationale de Paris. Quer tenha sido o próprio Diogo Afonso, ou não, o que nos interessa é que os roteiros de navegação são obra dos pilotos portugueses que anotavam nos seus cadernos⁷ as derrotas, as *conhecenças* (descrições das terras) e os *sinais* que serviam para indicar a *altura* (longitude)

em que se achavam.

Os pilotos eram um dos tipos característicos de Portugal no século XVI⁷. Não pertenciam à nobreza, mas alguns tiveram privilégios de nobreza⁸ e mereciam a consideração dos nobres⁹.

Afirma J.B.de Carvalho¹⁰ que os escritores da chamada literatura de viagens pertenciam à nobreza ou tinham origem burguesa¹¹, assinalando que:

*...São homens que viajaram, que têm relações com a vida comercial do tempo, que têm, em suma, uma experiência de vida, uma situação profissional, uma origem social, totalmente diferente da dos cronistas palacianos.*¹²

No que tange à cultura desses pilotos devemos lembrar as observações de Jaime Cortesão de que ao lado da cultura náutica erudita e especulativa surgira uma cultura náutica popular¹³ e de que era do homem do povo que emergia essa cultura náutica popular¹⁴. Refere-se A.Fontoura da Costa à pouca cultura de alguns pilotos, refletida na sua obra¹⁵, enquanto Quirino da Fonseca explica que os textos revelam o grau de instrução técnica e literária dos pilotos¹⁶. Luís de Albuquerque¹⁷ faz referência ao fato de os pilotos serem homens de pouca cultura. Ora, toda a produção técnica que servia para utilização de pilotos, mestres e marinheiros, é um meio de aprendizagem¹⁸.

De tudo isso concluímos que os pilotos não pertenciam à classe dominante e por esse motivo não tinham acesso às universidades e às escolas humanísticas. Restava-lhes o ensino elementar ou o ensino popular ministrado por mestres improvisados¹⁹. Se esse era o nível de cultura a que chegavam os pilotos, apenas saberiam eles as primeiras letras e latim, isto é: ler, escrever, contar e gramática²⁰.

2.3 A LÍNGUA DOS ROTEIROS DE NAVEGAÇÃO

Eram, portanto, os pilotos homens simples, pois suidores de um nível cultural pouco elevado. Desse modo, as narrativas de viagem reproduzem uma linguagem cotidiana, pouco tensa²¹, segundo um depoimento de D.João de Castro²².

Essa língua comum que vem documentada na literatura de viagens possui um estilo bárbaro e grosseiro, possível de ser compreendida por homens simples, marinheiros rústicos, apresentando vocábulos e termos não conhecidos pelos cortesãos e pela gente polida, mas endereçada a homens de Leça e Matosinhos²³, lugares onde vivem os mareantes.

Diogo Afonso era um piloto português da Carreira da Índia. Pouco pudemos, entretanto, obter sobre quem teria sido esse Diogo Afonso. A.Fontoura da Costa assinala não existirem quaisquer documentos conhecidos sobre a sua vida²⁴. J.H.Linschoten informa no título do capítulo segundo do *Le grand routier de mer*: "Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy"²⁵, enquanto Gaspar Ferreira Reimão registra que Vicente Rodrigues e Diogo Afonso são "pilotos antigos".

2.4 DATA DOS ROTEIROS DE NAVEGAÇÃO DE DIOGO AFONSO

O primeiro roteiro de Diogo Afonso fornece o limite a quo da compilação: o naufrágio da nau *Bom Jesus* que compunha a armada de D.João Pereira em 1533.

E mais se for sobre lã nva, porq(ue) te não aqueça o q(ue) aqueço ao Bom Jesu<s>, q(ue) o comeo o mar e o tempo. (1.81-83)

A viagem de D.João Pereira vem citada duas vezes nesse primeiro roteiro:

Avisar-te-as q(ue) nesta terra não passes de 25 braças: para a terra esta a baixa em q(ue) deu Dom João. A derradgr del'<h>a 13 braças. (1.162-164)

E avisar-te-as q(ue), nesta terra das Ilhas d'Angoxa para Moçambique, não passes de 25 braças a Baixa dos [Idos]] Curaes, q(ue) deu João Pireira. A derrador del' <h>a 13 braças. (1.193-195)

E ainda mais uma vez no roteiro 11, [Conheçença do canal das Ilhas Primeiras: de Todos os pqrto e cçstas até Moçambique]:

Guardar-te-as dela, porq(ue) ja duas naos tocaram nela, e Dom J(oão) Pireira esteve sobre ela. (1.855-857)

Se o manuscrito NTV/7 do National Maritime Museum de Greenwich foi realmente compilado por André Thevet, considerando-se o fato de que em 1541 achava-se este em Lisboa e teria examinado no Palácio Real os portulanos lá reunidos²⁷, poderíamos apontar o ano de 1541 como limite *ad quem* para a compilação da Bibliothéque Nationale de Paris.

3 CARACTERÍSTICAS EXTRÍNSECAS E INTRÍNSECAS DA LETRA DO MANUSCRITO

Não pode uma análise grafemática prescindir do conhecimento das características gerais da escrita: tipo de letra, descrição do traçado das maiúsculas e das minúsculas e, finalmente, o uso dos grafemas.

3.1 A LETRA DO MANUSCRITO

O manuscrito da *Coleção de roteiros* da BNP, em letra humanística cursiva de traçado muito regular, parece ser trabalho de uma só mão. Apresenta poucas letras maiúsculas. Acha-se dividido em parágrafos iniciados por letra maiúscula do tipo *capital* (A, B, D, E, N, O, P, S, T, V), terminando o <N> e o <S> com leves ornamentos — até o sétimo roteiro: [Conheçença] do Cabo das Correntes — e do tipo *cursivo*, com traços ornamentais (A, D, E, H, I, M, N, O, P,

Q, S, V) de uso pouco acentuado no primeiro roteiro, mas de emprego predominante a partir do nono roteiro, *Conheçenças das Ilhas Primeiras*.

Não existem grafias latinizantes e as letras com sonantes duplas são: os dígrafos <rr> e <ss> e o <ll> que aparece raramente e em determinadas palavras como os pronomes *ella*, *elle*.

Destacamos as minúsculas e maiúsculas de maior interesse para o nosso objetivo:

- <ç> em posição inicial e medial; a cedilha nitidamente colocada sob o <c>;
- <g> em posição inicial e medial; a parte bojuda fechada, haste prolongada para a esquerda;
- <h> em posição inicial e medial; haste voltada para a direita, levemente curva na parte superior; não se confunde com o ;
- <j> em posição medial; longo, a haste mais prolongada na parte superior, terminando com um traço inclinado colocado à esquerda;
- <l> em posição inicial, medial e final; haste voltada para a direita, levemente curva na parte superior;
- <r> em posição inicial, medial e final; reto;
- <s> em posição medial e final; curto; também aparece nas ligaduras;
- <f> em posição inicial e medial; cursivo; haste prolongada nos dois sentidos; não se confunde com o <f>; seu emprego nas ligaduras é mais freqüente do que o anterior;
- <u> em posição inicial, medial e final; as duas pernas não são ligadas na parte inferior;
- <v> em posição inicial e medial; as duas pernas ligadas na parte inferior, em curva voltada para a esquerda; a perna da esquerda é pouco mais alta do que a da direita;

- <x> em posição medial; as duas hastes cruzam-se, formando dois semi-círculos opostos;
- <z> em posição medial e final; parte superior quase em semi-círculo; haste em curva voltada para a esquerda, prolongando-se para a direita;
- <I> em posição inicial e medial; curva pouco prolongada na parte inferior; a haste superior termina, à esquerda, por um traço inclinado;
- <R> em posição inicial e medial; haste vertical prolongando-se em curva descendente para a esquerda, terminando com uma curva ascendente para a direita;
- <S> em posição inicial e medial; alto e estreito, formado por curvas sinuosas;
- <V> em posição inicial e medial; tracejamento semelhante ao <v>, mais alto do que a "regra" da escrita.

3.2 ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS INTRÍNSECAS DOS GRAFEMAS

Para o levantamento grafemático consideramos dois tipos de unidades gráficas: as *unidades lexicais* e as *unidades fonéticas*. São *unidades lexicais* todas as formas pertencentes ao sistema lexical do português. Reservamos a denominação *unidades fonéticas* para as poucas formas que aparecem aglutinadas, em decorrência de processo fonético ou sintático refletidos na escrita, como:

d'aguada
d'outro
d'Amgoxa
perdelashas
quarte
a Redate
aloeste etc.

Constou a nossa análise de cinco etapas:

1) levantamento, dentro de cada um dos três roteiros iniciais da *Coleção*, de todas as ocorrências de cada unidade gráfica, tantas vezes quantos fonemas ela apresentasse; registramos, assim, a relação grafema-fonema;

2) registro da frequência de cada fonema (em apenas uma das ocorrências) de acordo com a sua equivalência grafemática;

3) exame da relação grafemático-fonética das vogais orais e da variação gráfica na representação das vogais nasais. No estudo das vogais orais, consideramos tanto as posições em sílaba tônica, pretônica ou postônica, como em sílaba inicial, medial ou final. As vogais nasais, os ditongos orais e os ditongos nasais foram tomados em posição tônica ou átona e levados em conta quanto à sua situação em sílaba inicial, medial ou final;

4) estudo dos fonemas consonânticos, estabelecendo a relação grafema-fonema nas posições inicial absoluta, medial e final absoluta;

5) verificação da regularidade na relação grafemático-fonética no sistema consonântico.

Uma vez estabelecidos os diferentes usos dos grafemas foi-nos possível passar à análise do valor *grafemático-fonético* dos três roteiros.

4 VALOR GRAFEMÁTICO-FONÉTICO DOS TEXTOS DOS ROTEIROS DEDIO GO AFONSO

A grafia do texto dos dois roteiros — como, aliás, a de todos os roteiros da *Coleção* — apresenta um caráter preponderantemente fonético e demonstra a relação *grafemático-fonética* de maneira clara e objetiva. Poucos grafemas não mostram uma equivalência unívoca, como passamos a examinar:

1) <u> possui uma relação do tipo: um grafema para dois fonemas²⁸; <u> equivale a [u], em posição medial e final, e a [v], em posição inicial e medial;

2) <e> e <o> mostram uma relação do tipo: um grafema para três fonemas; <e> equivale a [ɛ] tônico, a [e] tônico e âtono pretônico e a [i] âtono postônico; <o> equivale a [ɔ] tônico, a [o] tônico e âtono pretônico e a [u] âtono postônico;

3) o fonema [i] pode vir grafado <i>, <I>, <y>, <ý>, <Y> e, ainda, <e> quando for âtono postônico. O coordenante e [i] é grafado geralmente <E>, mas podemos encontrar também <E>, <e> e um tipo gótico <ɣ>;

4) algumas vezes o <i> equivale a [e], enquanto <ou>, <u> equivalem a [o];

5) dois grafemas podem equivaler a um fonema: <a> <A> equivalem a [a];

6) as vogais nasais mostram também uma variação gráfica: vogal com o til (-) sobreposto; vogal seguida de <m> ou de <n>; <y> seguido de <m> ou de <n>; o ditongo <ão> equivale a [ã] (ou à grafia);

7) os ditongos orais são representados graficamente pela vogal seguida de <i>, <e>, <u>, <o> e <y> ou precedida de <i>, <u> ou <o>. Pode estar apenas a vogal: <a> equivale a [ai] e <e> equivale a [ei];

8) a representação gráfica dos ditongos nasais é mais variada: <ão> e <am> equivalem ao [ãu], tônico e âtono; <õe> equivale a [õi] tônico; <ũa>, <õa>, <oão>, <oan>, <oam>, <uam>, <uan> equivalem a [uã] tônico; <oem> equivale a [uẽ] tônico;

E, sobretudo, no que tange às consoantes que a grafia do texto tem valor expressivo, especialmente para a classe das africadas e das fricativas, para a série

das palatais e para a vibrante múltipla.

1) as africadas mostram as equivalências seguintes: <çh> equivale a [tʃ]²⁹; <s> e <ç> equivalem a [ts]³⁰; <z> equivale a [dz]; a frequência do registro nos dois roteiros pode ser observada na tabela abaixo:

	çh	s	ç	z	
I	3	4	5		R1
	2	2	8		R2
M	6	2	22	16	R1
	7	4	21	14	R2
F				4	R1
				4	R2

Tab.1 - Registro dos grafemas nos dois primeiros roteiros para as equivalências [tʃ, ts e dz]

2) as fricativas apicais possuem as equivalências: <s>, <S>, <x>, <ç>, <ss> equivalem a [ʃ]; <s>, <z>, <ss> equivalem a [z], com as frequências indicadas nas tabelas seguintes:

	s	S	x	ç	ss	
I	49	5		1		R1
	44	3		2		R2
M	87		1		2	R1
	75			1	3	R2
F	191					R1
	161					R2

Tab.2 - Registro dos grafemas nos dois primeiros roteiros para a equivalência [ʃ].

	s	z	ss	
I				R1
				R2
M	9	4	2	R1
	8	1	4	R2
F				R1
				R2

Tab. 3 - Registro dos grafemas nos dois primeiros roteiros para a equivalência [z]

3) as fricativas palatais apresentam as equivalências que se seguem: <x>, <I>³¹ equivalem a [š]; <g>, <j>, <I> equivalem a [ž]; com as frequências abaixo indicadas:

	x	I	
I			R1
			R2
M	8		R1
	8	1	R2
F			R1
			R2

Tab. 4 - Registro dos grafemas nos dois primeiros roteiros para a equivalência [š]

demonstrados pela tabela abaixo:

	l	ll	
I	20		R1
	25		R2
M	39	6	R1
	39	7	R2
F	12		R1
	15		R2

Tab. 7 - Registro dos grafemas nos dois primeiros roteiros para a equivalência [l]

6) a vibrante alveolar múltipla vem representada por dois grafemas e um dígrafo: <r>, <R>, <rr> equivalem a [r̄], com os registros abaixo indicados na tabela:

	r	R	rr	
I		10		R1
		12		R2
M	60	3	7	R1
	55	2	4	R2
F	31			R1
	33			R2

Tab. 8 - Registro dos grafemas nos dois primeiros roteiros para a equivalência [r̄]

7) a vibrante alveolar simples, geralmente em posição medial³², tem a seguinte equivalência unívoca: <r> equivale a [r];

	g	j	I	
I				R1
		1	3	R2
M	7	2	7	R1
				R2
F				R1
				R2

Tab. 5 - Registro dos grafemas nos dois primeiros roteiros para a equivalência [ž]

4) a fricativa lábio-dental é representada como se segue: <v>, <V>, <u> equivalem a [v]; com a frequência registrada na tabela abaixo:

	v	V	u	
I	14	18	5	R1
	3	21	6	R2
M	1	7	31	R1
	1	3	25	R2
F				R1
				R2

Tab. 6 - Registro dos grafemas nos dois primeiros roteiros para a equivalência [v]

5) a lateral mostra a seguinte equivalência: <l>, <ll> equivalem a [l], com os registros

8) as palatais [ñ] e [λ]³³ são sempre grafadas com o uso do <h>, assim: <nh> equivale a [ñ]; <lh> equivale a [λ].

5 CONCLUSÃO

Examinado o valor grafemático-fonético dos dois roteiros foi-nos possível, então, começar a estabelecer os critérios para a leitura crítica da *Coleção de roteiros*, na tentativa de oferecer um texto que mais se aproximasse ortográfica e foneticamente do *português corrente quinhentista* documentado nos cinco gêneros da literatura de viagens.

RÉSUMÉE D'AUTEUR*

Après une analyse rapide des caractéristiques extrinsèques et intrinsèques de l'écriture du manuscrit des routes maritimes attribuées à Diogo Afonso d'après le Codex FP56 de la Bibliothèque Nationale de Paris, on fait une étude de graphématique-phonétique du texte ayant comme objectif l'établissement des critères qui seront adoptés dans la fixation définitive du texte (édition critique).

NOTAS

- 1 Preferimos utilizar a terminologia segundo JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO: "littérature de voyages" (cf. Joaquim Barradas de CARVALHO, "L'historiographie portugaise contemporaine et la littérature de voyages à l'époque des grandes découvertes", *Ibérica*, Rio de Janeiro, 4:101, dez.1960; id. "Literatura de viagens". In: Joel SERRÃO, dir. *Dicionário de história de Portugal*. Porto, Iniciativas Editoriais, 1979, v.6, p.283a-289b. Também esse é o termo usado por A.J.SARAIVA e Luís de ALBUQUERQUE (cf. A.J.SARAIVA & Luís de ALBUQUERQUE. "As navegações e as origens da mentalidade científica". In: A.J.SARAIVA, *História da cultura em Portugal*. Lisboa, Jornal do Fôro, 1955, v.2, p.476. JOSÉ ADERALDO CASTELO chama-a "litera

* Versão francesa de Gustavo Ribeiro da Gama.

- tura informativa sobre a terra" (cf. id. "O Séclo XVI e a literatura informativa sobre a terra". In: id. *A literatura brasileira*; v.1, Manifestações literárias na era colonial (1500-1808/1836). São Paulo, Cultrix, 1969, p.31-57), enquanto AFRÂNIO COUTINHO (cf. id. "Do barro ao rococó". In: id. *Introdução à literatura no Brasil*, 3.ed., Rio de Janeiro, São José, 1966, p.79) refere-se a esses mesmos textos como "uma singular literatura de catálogo e exaltação dos recursos da terra prometida", ou ainda, "ciclo de literatura do descobrimento".
- 2 Cf. Célia Marques TELLES. *As categorias de MODO, TEMPO e ASPECTO em textos românicos do século XVI*. Salvador, UFBA/Pós-Graduação em Letras, 1982. f.10.
 - 3 Manuscrito NTV/7.
 - 4 Cf. Jean Hvgves de LINSCHOT. "Le Grand routier de mer...". Nouv. trad. de flameng en françois. In: id. *Histoire de la navigation aux Indes Orientales; contenant diverses descriptions des lieux iusques à present des couverts par les Portugais...* 2.ed. augm. Amsterdam, Chez Jean Evetsz Cloppenburch, Marchand Libraire, 1619, p.3-8 e 16-19.
 - 5 J.H.LINSCHOTEN não o atribui a Diogo Afonso, como se pode observar, mas não resta dúvida quanto à autoria do roteiro, como se pode ver no *Roteiro da navegação e carreira da Índia* de Gaspar Ferreira Reimão (1612) (cf. Gaspar Ferreira REIMÃO. *Roteiro da navegação e carreira da Índia, com seus caminhos, & derrotas, sinais, & aguageis & diferenças da agulha: tirado do que escreveu Vicente Rodrigues e Diogo Afonso, pilotos antigos*; Agora novamente acrescentado a viagem de Goa por dentro de São Lourenço, & Moçambique, & outras muitas cousas, & advertências. 2.ed. Lisboa, Agência Geral das Colonias / Divisão de Publicações e Biblioteca, 1939, p.53 (1.371-376 da nossa edição), p.56 (1.288-297) e p.57 (1.326-332).
 - 6 Cf. Gaspar Ferreira REIMÃO, op.cit.
 - 7 Cf. Jaime CORTESÃO. "A língua portuguesa como expressão histórica". In: ANAIS do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula; em comemoração do Centenário de Rui Barbosa, promovido pela Academia Brasileira de Letras, sob os auspícios do Ministério de Educação e Saúde. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1957. v.2, p.316: "Não tardou que esses pilotos, tipo humano mais característico do Portugal de Quinhentos, adquirissem a consciência do valor universal dessa cultura, fazendo-a pagar, como faziam, quando se expatriavam, por moeda, a mais preciosa e a de melhor custo."
 - 8 Cf. José Augusto do Amaral Frazão de VASCONCELOS ("Os pilotos dos séculos XV e XVI e a nobreza do Reino". Sep. da rev. *Historia*, Lisboa, 1932, p.9, n.1) que assinala

- o fato de alguns pilotos, nos séculos XV e XVI, merecerem "ascender a varios graus da nobreza do Reino, a qual não era uma classe fechada: a tolerância da Corte portuguesa em assuntos de nascimento era a maior possível."
- 9 D.João III tece considerações, em carta ao Conde de Castanheira (3 de março de 1535) sobre o piloto Manuel Álvares:

"Comde, amigo, Eu, elRei, vos emvio muito saudar como aquele que muyto amo. Fernam d'Alvarez me dise que Jorge Lopez escrevera que, por Bernaldo Perez estar doente, nam podia ir por este ano a a India, na sua naao Sam Bertolameu, como lhe escrevy que fisesse; e que me pedia que quisese escrever a Manoel Alvarez, piloto, que quisese nela ir; e que ele o satisfaria com a ventagem dos outros pilotos. E porque Fernam Perez d'Amrdrade de seja levar na sua naao o dito Manoel Alvarez, segundo me Fernam d'Alvarez dise que lhe ele disera, por ser mais soficiente e espermetado na carreira da India que ho Martỹ Vaaz qui ele cõsygo leva, escrevo ao dito Manoel Alvarez, encomendando-lhe que me vaa este ano servir nesa armada da India, e que, por estaar tã apique, vaa logo ffalar comvosco e faça o que lhe mandardes. Por tanto vos encomento muyto que, se vos bem parecer ir ele na naao de Fernã Perez, façaes de maneira que o Martỹ Vaaz se pase a a de Jorge Lopez, e se nam vaa na naao do dito Jorge Lopez, pois esoutro jaa estaa nesoutra nao, como vos melhor parecer. E eu o leixo a vos, porque o que vos niso fizerdes averey eu por mais meu serviço, damdo presa ao dito Manoel Alvarez que, pera aver de ir ã hũa ou outra, se faça prestes com toda diligencia posyvell pera poder ir ã companhia d'esoutras naaos, se esperarẽ por ele. (...)" (Cf. LETTERS of John III, King of Portugal, 1521-1557. Cambridge, Mss., Harvard University Press, 1931, c.181, p.219-220).
 - 10 Cf. Joaquim Barradas de CARVALHO. "Literatura de viagens",... p.283b-284a.
 - 11 Cf. id. ibid.: "E estes homens, estes escritores da literatura de viagens, como quaisquer outros escritores do tempo pertenciam à nobreza, mas na maior parte dos casos eram de origem burguesa, tendo, porém, a sua vida ligada à nobreza, se não mesmo à realeza. Podem, no entanto, ser classificados entre os primeiros intelectuais de uma burguesia que acaba de nascer, ainda indeseja, ainda sem consciência da sua existência como classe social. Por estas épocas são sobretudo as profissões que os distinguem, profissões ligadas a actividades que são outras tantas alavancas da burguesia nascente."

- 12 Cf. Joaquim Barradas de CARVALHO. "A mentalidade, o tempo e os grupos sociais; (Um exemplo português da época das descobertas: Gomes Eanes de Zurara e Valentim Fernandes)." *Revista de História*, São Paulo, 15:49, julho-set.1953.
- 13 Cf. Jaime CORTESÃO. "A língua portuguesa como expressão histórica",... p.315-316: "Ao lado duma cultura náutica erudita e especulativa, cujo representante máximo foi D João de Castro, surgiu uma cultura náutica popular, formada na experiência diuturna de grumetes, marinheiros, mestres e pilotos — lição magistral aprendida na luta com o Mar e o Céu."
- 14 Cf. id. *ibid.*, p. 316.
- 15 Cf. A. Fontoura da COSTA, [Prefácio]. In: Bernardo FERNANDES. *Livro de marinharia*; c. 1548. Lisboa, Agência Geral das Colônias/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1940, p.viii: "Esses apontamentos, muitas vezes ilustrados com figuras geométricas, cartas parciais de marear, planos hidrográficos e vistas de terra, eram sobretudo interessantes quando escritos por pilotos, suficientemente cultos, com habilidade para o desenho."
- 16 Cf. Quirino da FONSECA, "Introdução". In: ____, ed. *Diário da navegação da Carreira da Índia nos anos de 1595, 1596, 1597, 1600 e 1603*; manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa publ. por ordem da mesma Academia. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1938, p.viii: "Além disso, essa documentação, patenteada integralmente, revela-nos o grau de instrução não só técnica, mas literária dos pilotos daquele tempo, circunstancia bem interessante a surpreender nas páginas íntimas dos seus diários, assim como através dessa linguagem por vezes confusa, surgem expressivos traços psicológicos dos nossos antigos mareantes, ou ajuizamos da sua capacidade profissional."
- 17 Cf. Luís de ALBUQUERQUE. *Ciência e experiência nos descobrimentos portugueses*. Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983. p.99-100.
- 18 Cf. Luís de ALBUQUERQUE. *Curso de história da náutica*. Coimbra, Almedina, 1972. p.256; Luís Felipe BARRETO. *Descobrimientos e Renascimento*; formas de pensar nos séculos XV e XVI. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983. p.127; António José SARAIVA & Óscar LOPES. *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto Editora/ Empresa Literária Fluminense, s.d.p.238.
- 19 Cf. António José SARAIVA, *História da Cultura em Portugal...*, v.2, p.161.
- 20 Cf. id. *ibid.*, p.184-185.
- 21 Isso aparece claramente na afirmativa de D. João de Castro no *Prólogo do Roteiro de Lisboa a Goa*. Cf. João de

- CASTRO, "Prefácio". In: ____. "Roteiros de Lisboa a Goa". In: Armando CORTESÃO & Luís de ALBUQUERQUE, ed. *Obras completas de D. João de Castro*. Lisboa, Acad. Int. Cult. Port., 1968. v.1, p.121-122.
- 22 Cf. id. *ibid.*
- 23 Leça e Matosinhos situam-se no Distrito do Porto, Concelho de Matosinhos, na Beira Litoral.
- 24 Cf. Manuel ALVARES, "Colecção de roteiros"; c.1545. In: ROTEIROS portugueses inéditos da Carreira da Índia do século XVI;... Lisboa, Agência Geral das Colônias/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1940, nota de A. Fontoura da Costa nº 2, p.81.
- 25 Cf. Jean Hvgves de LINSCHOT, op.cit., p.3.
- 26 Cf. o título do *Roteiro de navegação* de Gaspar Ferreira Reimão, citado à n.5.
- 27 Cf. A.THEVET. *Les Singularités de la France Antarctique*. Paris, Le Temps, 1982, p.13b-14a.
- 28 *Fonema* é tomado aqui como *unidade fonética*, não com o sentido de *unidade fonológica mínima*.
- 29 De acordo com Duarte Nunes do Leão não existe correspondente sonoro para [tʃ] (cf. Duarte Nunes do LEÃO, *Orthographia* ... p.112-115 " ... Otro soido lhe [ao i] damos improprio, quando he consoante que he falso, & alheo da natureza d'esta letra o qual e commum a.g. da maneira que o nós pronunciamos com .e.i. que he hua pronunçiação Mourisca, tam alhea da propriedade do .g. como do .i. Porque dizemos: *janelta, jejum, Joanne, justiça*. Em as quaes palauras, não sentimos na pronunçiação algua seme lhança do .i. consoante dos Latinos:(...)" (cf. id. *ibid.* p.113).
- 30 <s> equivale ainda a [sts], em posição medial, no primeiro roteiro da *Coleção*.
- 31 Equivalência mais frequente a partir do roteiro X, *Conheçença da terra de Moçambique*.
- 32 No primeiro roteiro da *Coleção* aparece uma vez em posição final, mas em palavra apocopada.
- 33 A que se deve acrescentar a africada [ts], acima exemplificada.

Celina Scheinowitz
Universidade Federal da Bahia

"Nós somos daqueles que postulam que a tradução é de competência da fala. Como todo ato de fala, ela consiste em olhar as palavras 'pelo direi-to', isto é, na relação única e contingente que estas mantêm com a idéia expressa em uma mensa-gem particular ou, dito de outra forma, com seu sentido. O lingüista da língua, quanto a este, quando compara dois sistemas lingüísticos, não opera sobre o sentido mas sobre o significado. Como o poeta segundo SARTRE — mas de um outro belvedere — ele 'olha as palavras pelo avesso'."1

RESUMO

A partir de discussão sobre as convergências e divergências no tratamento referente à análise contrastiva e à tradução, propõe-se verificar a aplicabilidade de uma tipologia contrastiva dos léxicos do francês e do português no campo da tradução. Esta é considerada não somente como atividade humana, mas também como tarefa a ser confiada à máquina, lançando-se uma hipótese acerca da tradução automática para as duas línguas em questão, através de rudimentos de proposta para uma programação informática.

A análise contrastiva e a tradução são atividades que pressupõem o confronto entre duas línguas. A partir desta identidade de postura inicial, estabelece-se uma divergência no tratamento da questão: o lingüista, ao comparar dois sistemas de línguas, trabalha com o significado, enquanto que ao tradutor interessa o sentido. Na tradução, lida-se com conceitos, idéias e argumentos — constitutivos

da mensagem — ao passo que, na análise lingüística, trata-se com palavras, lexias e sintagmas — os elementos da sentença. É o que se especifica no texto que colocamos em exórdio e que introduz a discussão objetivando situar os estudos contrastivos com relação à prática da tradução.

Para Benveniste,² o léxico pode ser considerado, em decorrência da dupla dimensão da significação por ele formulada, como elemento semiótico, cuja função é significar, e como expressão semântica, com o papel de comunicar. No primeiro caso, está em questão a realidade intrínseca da língua, uma vez que o semiótico se caracteriza como uma propriedade genérica, definida por uma relação paradigmática; no segundo caso, trata-se de uma aplicação particular da língua, tendo em vista que o semântico resulta de uma atividade circunstancial do falante, realizada por uma forma sintagmática. Esta dualidade se justifica pelo fato de que as palavras, instrumentos da expressão semântica no discurso, são ao mesmo tempo signos do repertório semiótico. Com efeito, a língua é o único sistema cuja significância se articula em ambas as dimensões, pelo modo semiótico e pelo modo semântico, os outros sistemas se caracterizando por sua significância unidimensional ligada a apenas um desses modos. Entretanto, se o semantismo de uma língua é traduzível no de outra língua, o mesmo não ocorre com o seu semiotismo, que é próprio a cada sistema lingüístico e não pode ser transposto de uma língua para outra.

O escopo da teoria semântica é atribuir às frases o sentido que lhes é associado e para isso leva em conta a significação nos níveis lexical e frasal, bem como a que está implicada no processo de comunicação; na perspectiva lexicológica, a significação se reduz, entretanto, a um elemento de um dado global, dotado de propriedades sintáticas, semânticas e fonológicas.

Nossa proposta de análise consiste em um estudo
Estudos (10): 135-151, dez. 1990

contrastivo dos sistemas lexicais do francês e do português³. A primeira constatação importante que fazemos com base na comparação dos itens lexicais das duas línguas revela que cada um dos signos comparados possibilita diferentes atualizações semânticas, em função do que se convencionou chamar de polissemia. A confrontação das metalexias das duas línguas revela ainda a não coincidência de seus significados, ou seja, que os vocábulos não são polissêmicos da mesma maneira mas que cada língua organiza os dados da experiência segundo uma visão lexical que lhe é peculiar.

As diferenças de extensão entre as palavras das duas línguas constituem, sem dúvida, a característica lexicológica mais elementar que se depreende na comparação lingüística e foi essa não coincidência do universo das metalexias que nos serviu de ponto de partida para criar categorias lexicais contrastivas. Formulamos, em nosso trabalho, uma tipologia contrastiva dos léxicos das línguas objeto de análise — o francês e o português — e fazemos uma aplicação prática a partir de um *corpus* representativo do vocabulário dessas duas línguas.

Com relação à problemática da tradução, não visa o trabalho a investigar o mecanismo da tradução no nível da mensagem, mas a estudar as condições lingüísticas nas quais a tradução opera e dessa forma estará oferecendo subsídios ao tradutor. Com efeito, o estudo lingüístico comparativo apresentado não implica em determinar critérios avaliativos das equivalências de mensagens na tradução; tem por objetivo, aprofundando o estudo dos significados lingüísticos, e de sua relação com o sentido, mostrar que o critério dessa avaliação não se fundamenta em uma simples substituíbilidade dos significados das duas línguas e examinar as razões pelas quais a intraduzibilidade das palavras não conduz em si a uma impossibilidade de traduzir men
Estudos (10): 135-151, dez. 1990

sagens de uma para outra língua.

A tipologia contrastiva que apresentamos parece-nos assim abrir perspectivas para o campo da tradução, ser vindo primeiramente de subsídio para o trabalho realizado pelos tradutores. Várias equivalências que apresentamos não figuram em nenhum dicionário bilíngüe dos que conhecemos e assim poderiam ser de utilidade ao tradutor. Citemos, entre as lexias complexas, *appel d'offres* = concorrência; *coeur de palmier* = palmito; *pantalon à pattes d'éléphant* = calça de boca larga; *sous presse* = no prelo; *match nul* = empate; *chèque sans provision* = cheque sem fundos. Alhures, propomos novas equivalências, como nos exemplos seguintes: *flambant neuf* = novos em folha; *se mettre le doigt dans l'oeil* = estrepou-se; *tape-à-l'oeil* = espalhafatoso; *à Pâques ou à la Trinité* = no dia de São Nunca; *ne pas vouloir la mort du pêcheur* = não querer ver a caveira de ninguém; *faire le poirier* = plantar bananeira(s); *prendre quelqu'un en grippe* = emburrar com alguém; *cela se voit comme le nez au milieu de la figure* = está na cara; *ce n'est pas demain la veille* = pode esperar sentado! não vai ser para tão cedo! não vai ser hoje nem amanhã!; *allez voir là-bas si j'y suis* = vá ver se estou lá na esquina; *faire un somme* = dar um cochilo, tirar uma soneca, tirar uma pestana (às quais traduções não hesitamos em acrescentar uma recordação de nossa infância, dar uma madorna (p. 386 do III volume), arcaísmo ainda vivo em algumas localidades do Estado da Bahia).

Uma pessoa que conhece bem as duas línguas é capaz de exprimir na língua-alvo qualquer mensagem codificada na língua-fonte. Dominando o jogo ortossêmico das lexias, é dotada da faculdade de resolver as questões colocadas pela polissemia e pela homonímia, escolhendo o equívale apropriado a cada situação, sem nem mesmo notar as outras interpretações que o sistema propicia. O mesmo não

Estudos (10): 135-151, dez. 1990

acontece quando se trata de confiar à máquina estas operações. Com efeito, embora não existam limites de princípio ao tratamento automático da linguagem natural, na prática a automação do processo de tradução encontra dificuldades teóricas de ordem geral e obstáculos específicos ligados a cada situação de tradução. A análise lexical diferencial que propomos poderá ser útil, acreditamos, para atender a estes dois níveis de preocupação. As categorias contrastivas, ordenando-se no sentido que caminha da proximidade dos conteúdos analisados para o de seu afastamento, parecem-nos fornecer elementos para uma hierarquização do tratamento da informação. Quanto à colocação em contexto sintagmático de cada divergência lexical, dada no Dicionário contrastivo que apresentamos, permite o estabelecimento de instruções precisas para identificar os empregos polissemicos, homonímicos, sintáticos e outros que devem ser transmitidos à máquina.

Com base nesses dados, permitimos-nos agora lançar uma hipótese acerca da tradução automática concernente ao francês e ao português, propondo rudimentos de uma programação informática, que passaremos a esquematizar.

A pista de trabalho que estamos apresentando — e que poderá posteriormente ser confirmada ou infirmada — segue um encaminhamento inverso do apresentado no Dicionário contrastivo: o programa de tradução automática consulta primeiramente a última categoria deste, o dicionário das locuções estereotipadas, agrupadas na categoria LCCT (lexias compostas, complexas e textuais), a fim de discriminar as seqüências lexicais memorizadas em competência, distinguindo-as das lexias que guardam uma individualidade funcional. Como nossa categorização prevê as equivalências nos dois sentidos, do francês para o português e do português para o francês, adotamos os índices 1 e 2 para especificar o primeiro e o segundo casos, respectivamente, como

Estudos (10): 135-151, dez. 1990

se discrimina abaixo. Esta operação preliminar permitirá considerar que toda sucessão de palavras gráficas do texto reconhecida como locução seja, a partir de então, tratada como uma lexia. São separadas, nesse momento do programa, as formas da língua-fonte que se integram em uma lexia composta, complexa ou textual, cuja significação não se pode reduzir à significação de seus componentes nem de sua articulação sintática, do tipo:

- LCCT1 - fr. *aide-mémoire* - pt. manual, compêndio
 fr. *blanc-bec* - pt. fedelho
 fr. *rester sur sa faim* - pt. não ficar satisfeito, não matar a fome
 fr. *mettre bas* - pt. parir
 fr. *ainsi va le monde* - pt. e a vida continua, são coisas deste mundo
 fr. *donner sa langue aux chats* - pt. entregar os pontos
- LCCT2 - pt. amor-perfeito - fr. *pensée* (nome de flor)
 pt. cabra-cega - fr. *colin-maillard* (jogo infantil)
 pt. guarda-chuva - fr. *parapluie*
 pt. dar com a língua nos dentes - fr. *avoir la langue trop longue, parler avec indiscretion*
 pt. lançar mão de - fr. *se servir de*
 pt. plantar bananeira - fr. *faire le poinier*
 pt. dar o bolo - fr. *poser un lapin*

Em uma segunda fase, o programa trata as ambigüidades relacionadas com as diferenças de classes sintáticas e, então, as regras de desambigüização se estabelecem pelo exame da estrutura sintática do contexto, através da consulta à vizinhança imediata da lexia. Por exemplo, para o português desenho, que equivale em francês a *dessin* (subst.)

e a *je dessine* (verbo), os testes contextuais incidem sobre a presença ou ausência de um adjetivo ou de um determinante de sintagma nominal à direita ou à esquerda ou de um pronome sujeito à esquerda (que pode, aliás, se apagar em português). Estes casos em que a resolução é essencialmente sintática estão agrupados em duas categorias, as lexias de classes sintáticas diversas (LCS/D) e as lexias de classes sintáticas e de estruturas sêmicas diversas (LCS/SSD), segundo que do ponto de vista semântico as duas formas sejam aparentadas, ou independentes, como exemplificamos a seguir:

- 1) LCS/D (lexias de classes sintáticas diversas)
 LCS/D1 - fr. *marin* - pt. marinho (Un courant marin) (Adj.)
 - pt. marinheiro (Les marins bretons) (Subst.)
 LCS/D2 - pt. alimentar - fr. *alimentaire* (Seguir um regime alimentar) (Adj.)
 - fr. *alimenter* (Você precisa se alimentar melhor; alimentar-se de água e pão) (Verbo)
 (Inclui-se também aqui o exemplo citado acima de pt. deseenho - fr. *dessin* e *je dessine*)
- 2) LCS/SSD (lexias de classes sintáticas e de estruturas sêmicas diversas)
 LCS/SSD1 - fr. *lire* - pt. ler (Lire un livre) (Verbo)
 - pt. lira (Un foulard italien qui coûte 200 mille lires) (Subst.)
 LCS/SSD2 - pt. livro - fr. *livre* (Ler um livro) (Subst.)
 - fr. *je délivre, je me débarrasse* (Livro vocês deste problema) (Verbo)

As categorias arroladas neste grupo representam casos em que não há paralelismo contrastivo no nível do funcionamento sintático das lexias, não ocorrendo simetria na escolha da forma do significado realizada pelas duas línguas. Trata-se inicialmente da categoria lexias de classes sintáticas diversas (LCS/D), quando, em uma dada língua, uma mesma substância semântica é moldada em duas formas diferentes, através de dois gramemas diversos que lhes permitem entrar em relações sintáticas diferentes e que, na outra língua, uma única forma é utilizada para os dois empregos em questão. São os casos de mudança de categoria gramatical de uma mesma substância semântica ou de derivação imprópria, com três tipos de combinações de classes sintáticas: subst./adj., subst./vb. e adj./vb., segundo o tipo de visão que lhe é atribuído, de independência semântica, no caso do substantivo, ou de dependência, quando se trata do adjetivo ou do verbo. A análise componencial das palavras desdobradas apresenta semas nucleares idênticos ou análogos, semas contextuais diferentes e semas virtuais indiferentes; as palavras desdobradas mantêm entre si relação lógica de participação, inclusão ou intersecção.

A categoria lexias de classes sintáticas e de estruturas sêmicas diversas (LCS/SSD) compreende as lexias com formas sintáticas diferentes de uma língua dada cuja análise componencial patenteia uma constituição sêmica completamente diversa e que, em contextos diversos, correspondem a uma só lexia da outra língua. As palavras desdobradas guardam relações de independência semântica e sintática.

Uma nova etapa do programa leva em conta fenômenos de homonímia e de polissemia, os primeiros sujeitos a um tratamento sintático e semântico e os segundos a um tratamento mais propriamente semântico. No primeiro caso, tratamos com as lexias de estruturas sêmicas diversas

(LSSD), caracterizadas pela independência semântica, em função de sememas que não possuem nenhum sema comum, como nos exemplos que se seguem:

- LSSD₁ - fr. *livre* - pt. livro (Lire un livre) (Para ler)
 - pt. libra (1. La livre vaut vingt schillings; livre australienne, égyptienne; 2. acheter une livre de sucre, de café) (Unidade monetária ou de peso)
- LSSD₂ - pt. líquido - fr. *liquide* (Um gás que passa ao estado líquido) (≠ fr. solide, pt. sólido)
 - fr. *net* (Peso líquido = poids net; benefício líquido = bénéfice net) (≠ fr. brut, pt. bruto).

No segundo caso, a ambigüidade propriamente semântica agrupa as lexias de distribuições diversas (LDD), as lexias de núcleos sêmicos análogos (LNSA) e as lexias de conotação diferente (LCD). Para identificar o semema da língua de partida que vai permitir a tradução conveniente na língua de chegada, o programa lança mão, de um lado, do exame dos traços genéricos, os que marcam a filiação a classes muito gerais do tipo /animado/ ou /humano/, levando em conta as recorrências de semas prescritas pelo sistema funcional da língua (a lei de isossemia). Por outro lado, a análise incidirá sobre os traços específicos e os traços virtuais que vão permitir a desambigüização pela aferição de índices de caracterização. Este procedimento recursivo se completa com as regras de reagrupamentos progressivos das unidades lexicais e dos sintagmas. Estas permitirão que as ambigüidades não resolvidas por ocasião das etapas especialmente previstas para este objetivo sejam solucionadas.

A seguir ilustraremos com exemplos as categorias cujo tratamento automático acabamos de especificar e procederemos depois a uma descrição sucinta das categorias relacionadas com essa nova etapa do programa:

1) lexias de distribuições diversas (LDD):

LDD₁ - fr. *luxe* - pt. luxo (Faire étalage de luxe; un appartement de grand luxe)
- pt. profusão (Raconter un accident avec un luxe de détails; s'entourer d'un luxe de précautions)

LDD₂ - pt. carta - fr. *lettre* (Receber uma carta)
- fr. *carte* (1. Ele apresentou a carta aos convidados, depois escolheu uma moqueca de camarões; 2. você gosta de jogar cartas? restam-me três cartas na mão: o ás de paus, o rei de copas e o dez de ouro) (1. - no restaurante, lista de pratos e de bebidas; 2. no baralho)

2) lexias de núcleos sêmicos análogos (LNSA):

LNSA₁ - fr. *lettre* - pt. letra (L'alphabet français a vingt-six lettres)
- pt. carta (Ecrire une lettre à un ami)

LNSA₂ - pt. letra - fr. *lettre* (O alfabeto francês tem vinte e seis letras)
- fr. *écriture* (A letra desta criança é muito bonita)

3) lexias de conotação diferente (LCD):

LCD₁ - fr. *légume* - pt. legume (Manger des légumes)
- pt. medalhão (Une grosse légume)

145
LCD₂ - pt. banana - fr. *banane* (Comer bananas)
- fr. *mou* (Ele é um banana).

As lexias de estruturas sêmicas diversas (LSSD), em nossa proposta de análise contrastiva, têm lexemas diferentes numa dada língua, com análise componencial apresentando semas inteiramente diferentes e que, em contextos diversos, correspondem a um só lexema da outra língua com significante equivalente a um dos dois significantes correspondentes. Nesses casos, o recorte semântico no nível das metalexias se faz de maneira bem diversa nas duas línguas, estabelecendo-se, na consciência do falante bilíngüe, uma relação do mesmo gênero que a da homonímia para o falante monolíngüe. As palavras desdobradas mantêm relações semânticas de independência.

As lexias de distribuições diversas (LDD) se definem por sua análise componencial, que revela, para palavras de significantes equivalentes nas duas línguas e que se desdobram em uma delas, semas nucleares idênticos ou similares, semas contextuais diferentes e semas virtuais indiferentes ou diferentes. Os primeiros são os menores traços significativos que integram a significação e os segundos os que indicam suas características combinatórias. Em oposição a estes semas denotativos, responsáveis pela significação de base dos signos, os semas virtuais, com função conotativa, se atualizam facultativamente em certos contextos e caracterizam de modo subjetivo a significação. Propomos que, na consciência do falante bilíngüe, ocorre um processo mental semelhante ao da variação polissêmica para o falante monolíngüe. Esta polissemia decorre de fatores formais, baseados em critérios de ordem distribucional, bem como de fatores semânticos, baseados em processos de ordem metafórica. As relações semânticas mantidas pelas formas desdobradas são as de intersecção: a polissemia de um da-

do lexema corresponde a sememas que têm pelo menos um sema em comum.

As lexias de núcleos sêmicos análogos (LNSA) revelam, em sua análise componencial, para palavras de significantes equivalentes que se desdobram em uma das duas línguas, semas nucleares análogos, semas contextuais diferentes e semas virtuais indiferentes ou diferentes. Para o locutor bilíngüe se estabelece uma relação do mesmo gênero que a variação polissêmica baseada em processos metonímicos para uma dada língua. Quanto às relações de conteúdo das formas bifurcadas, são de participação, em que a polissemia de um dado lexema corresponde a sememas onde um funciona como sema do outro.

A categoria lexias de conotação diferente (LCD) se distingue das duas anteriores, porque, enquanto para as LDD e para as LNSA a caracterização é dada pelos semas denotativos, as LCD se especificam por seus semas conotativos. Com efeito, esta categoria compreende os casos em que um emprego conotativo de uma lexia de uma língua não se conserva na outra língua que, para exprimi-lo, serve-se de uma outra forma lexical diferente. Embora consideremos a metáfora e a metonímia como processos vivificantes da função conotativa e assim impliquem na atualização de semas virtuais para as categorias LDD e LNSA, reservamos para as LCD os casos em que a virtualidade sêmica se atualiza de maneira mais determinante. Enquanto que os processos metafóricos constituem a apreensão de uma afinidade no seio da analogia universal, para a categoria LCD não se trata de associação com vocação universal mas de uma significação com valor afetivo e pessoal que se torna em seguida uma aquisição sócio-cultural. A análise componencial apresenta para os vocábulos de significantes equivalentes que se desdobram em uma das duas línguas e que se classificam como LCD, semas nucleares indiferentes ou análogos, semas con-

textuais indiferentes ou idênticos e semas virtuais diferentes. As relações semânticas mantidas pelas formas desdobradas desta categoria são de dois tipos, associação e inclusão; no primeiro caso, a polissemia de um lexema dado corresponde a sememas em que um, perdendo suas características denotativas, conserva apenas as provenientes de associações de ordem conotativa disponíveis na competência dos falantes. No segundo caso, a polissemia de um lexema dado corresponde a sememas em que um representa um subconjunto do outro.

Este embrião de programa para tradução automática que estamos apresentando não inclui todas as categorias propostas em nosso trabalho. Dentre as que aqui não figuram, estão as lexias homossêmicas (LHM), que compreendem os casos de univocidade entre as duas línguas (Exemplo: fr. *laboratoire* - pt. *laboratório*). Não apresentando estas nenhuma dificuldade para a máquina, já que, em todas as circunstâncias, os dois termos que a compõem se equivalem, excluem-se, assim, da problemática, sendo que, desde o início do programa, esta instrução de equivalência é consignada à máquina, a qual se encarrega de, no momento adequado, efetivar a transposição.

Outra categoria que não consta da presente programação são as lexias com divergência de lexicalização (LDL), assim como as unidades lexicais do francês que são usadas no português como empréstimos (EMPR).

No primeiro caso, listam-se os lexemas de uma dada língua que representam sememas estranhos aos falantes da outra língua. São os casos de impossibilidade teórica da tradução ou de impossibilidade da tradução no nível lexical. Recorre-se, então, na transposição para uma outra língua, à perífrase, a uma tradução aproximativa do termo em questão ou então costuma-se conservar a forma estrangeira na língua de chegada, grafada entre aspas. As lexias

com divergência de lexicalização são a constatação de que as culturas materiais não se recobrem e por conseguinte não se traduzem exatamente e que "todo sistema lingüístico encerra uma análise do mundo exterior que lhe é própria e que se diferencia da de outras línguas ou de outras etapas da mesma língua".⁴ Como exemplo de lexias com divergência de lexicalização, lembramos:

fr. (Alp. Esqui) *baignoire* - pt. trilha deixada no gelo; vestígio deixado na neve por uma queda.

pt. leal - fr. "leal", *ancienne unité monétaire portugaise*.

No caso dos vocábulos do *corpus* que classificamos como empréstimos (EMPR), parece-nos que devem ser tratados em um programa de tradução mecânica como os demais itens lexicais, sem levar em conta a sua presença no sistema lexical do português, ao qual se integram, com adaptações fônicas e, geralmente, redução ou deturpação significativa. Esta questão é independente da problemática da tradução e uma não deve ser correlacionada à outra. O empréstimo pode, entretanto, ser visto de outro prisma, que não é relevante para a nossa análise contrastiva, uma vez que nosso *corpus* de partida, os três mil vocábulos do Francês Fundamental, constitui uma amostragem reduzida da língua-fonte que exclui essa possibilidade, a qual interessa à tradução: trata-se da presença na língua-fonte de empréstimos oriundos das mais diversas línguas. Quando estes são vocábulos inteiramente integrados ao novo sistema, a automação encontrará facilmente as soluções adequadas, mas tratando-se de citações ("xenismos" ou "peregrinismos", na terminologia de Louis Guilbert)⁵, ou seja, de empréstimos individuais, não integrados ao sistema, acreditamos que irão fazer parte do rol das grandes dificuldades com que se depara a tradução mecânica.

Para finalizar, situaremos ainda as categorias lexias heterossêmicas (LHR) e lexias parassêmicas (LPR) no contexto da tradução. O problema que se coloca ao tradutor humano com relação a estas categorias, a máquina vai resolvê-lo facilmente, pois ela não é sensível, como o homem, às interferências do tipo fr. *attendre* ≠ pt. atender, fr. *lame* ≠ pt. lama (LHR) ou fr. *violon* ≠ pt. violão, fr. *cigare* ≠ pt. cigarro (LPR). No primeiro caso, trata-se de unidades com sememas de constituição sêmica diferente que se prendem a lexemas equivalentes nas duas línguas. São os "falsos amigos" da literatura pedagógica, cujas formas cognatas podem provir de um único étimo em que a pequena divergência morfológica e fonológica decorrente de sua evolução histórica se acrescenta uma divergência total na significação; outras vezes a homonímia provém de étimos inteiramente diferentes cujas formas convergem nas duas línguas para formas similares. No segundo caso, são segmentos com parentesco semântico que se prendem a lexemas equivalentes em ambas as línguas. Neles, a pequena divergência morfológica e fonológica resultante de suas diacronias se acrescenta uma distorção semântica. A análise componencial das palavras com significantes equivalentes nas duas línguas revela uma composição sêmica aparentada, com alguns semas comuns e outros diferentes.

Os pontos de vista que aqui levantamos constituem apenas uma tentativa de enxergar a utilidade que uma pesquisa acadêmica pode representar para uma "ciência aplicada", no caso a tradução. A proposta, todavia, não encerra conclusões, antes abre a discussão para um tema que pode vir a ser promissor na sociedade moderna e tecnológica em que vivemos.

A partir de la discussion sur les convergences et les divergences dans le traitement accordé à l'analyse contrastive et à la traduction, on propose de vérifier l'applicabilité d'une typologie contrastive des lexiques du français et du portugais dans le domaine de la traduction. Celle-ci est envisagée non seulement comme une activité humaine, mais aussi comme une tâche susceptible d'être confiée à la machine et l'on formule une hypothèse concernant la traduction automatique des deux langues en question, en proposant des rudiments d'une programmation informatique.

NOTAS

* Conferência pronunciada no Encontro Nacional de Pesquisadoras de Lexicologia e Lexicografia, GT de Lexicologia e Lexicografia da ANPOLL, Brasília, 10 a 12 de novembro de 1988.

1. Cf. PERGNIER, M. L'envers des mots. *Etudes de linguistique appliquée*, n° 24, oct. déc. 1976, p.92 (A tradução é nossa).
2. Cf. BENVENISTE, Emile. *Problèmes de linguistique générale*, II vol., Bibliothèque des Sciences Humaines, Paris, Gallimard, 1974, 2^e chapitre, pp. 43-66.
3. Cf. SCHEINOWITZ, Celina de Araújo. *Analyse contrastive des systèmes lexicaux du français et du portugais*. Thèse de Doctorat d'Etat, présentée à l'Université de Paris-Sorbonne (Paris IV), 1987, 3 volumes, 1.443 páginas.
4. Cf. MOUNIN, Georges. *Los problemas teóricos de la traducción*. Madrid, Editorial Gredos, 1971, p.94 (A tradução é nossa).
5. Cf. GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Coll.

Estudos (10): 135-151, dez. 1990

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURQUIN, Guy e BOURQUIN, Marie-Claude. Les problèmes de la traduction automatique; aspects de l'expérience anglais-français du Centre de Recherches Linguistiques en Traduction Automatique de l'Université de Nancy. In: BALLARD, Michel, org. *La traduction*. Lille, II, 1984. p. 65-78.
- JANIOTIS, Amelia e JOSSELSOON, Harry H. La polysémie dans la traduction automatique. In: CONFÉRENCE INTERNATIONALE SUR LA TRADUCTION MÉCANIQUE ET L'ANALYSE LINGUISTIQUE APPLIQUÉE (1961: Teddington). *Traduction automatique et linguistique appliquée*. Paris, PUF, 1964, p. 157-68.
- KJAERGAARD, Paul S. REFTEX - Un procédé de traduction assisté par ordinateur. In: COLLOQUE INTERNATIONAL CNRS. En hommage à Charles Muller (1985: Nice). *Méthodes quantitatives et informatiques dans l'étude des textes*. Genève-Paris, Slatkine-Champion, 1986. v.2, p. 902.
- LAURIAN, Anne-Marie. Stylistique et automatisme: à nouvelle approche, nouvelles définitions. In: COLLOQUE INTERNATIONAL CNRS. En hommage à Charles Muller. *Méthodes quantitatives et informatiques dans l'étude des textes*. Genève-Paris, Slatkine-Champion, 1986. 1, p. 555-64.
- LANGAGES. Sémantique et intelligence artificielle. Paris, n° 87, sept. 1987. Organizador: François Rastier.
- POTTIER, Bernard. Linguistique et intelligence artificielle. *Langages*, (87): 21-31, sept. 1987.
- RASTIER, François. Représentation du contenu lexical et formalismes de l'intelligence artificielle. *Langages*, (87): 79-102, sept. 1987.

Estudos (10): 135-151, dez. 1990

RASTROS DE VELHO MISTÉRIO!*

(Sobre estudos de variação e mudança
na fase arcaica do português)

Rosa Virgínia Mattos e Silva
Universidade Federal da Bahia

Para o
Professor Luíz Filipe Lindley Cintra

R E S U M O

Este texto foi escrito para um evento determinado: o Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística (maio de 1988), em homenagem ao Professor L.F. Lindley Cintra, filólogo e lingüista que tem dirigido a maior parte de seu trabalho à pesquisa do período arcaico da língua portuguesa. Apresento o direcionamento da minha pesquisa, que foi profundamente influenciado pelos ensinamentos de Lindley Cintra, embora redimensionados, levando em consideração abordagens mais recentes no tratamento da Linguística Histórica. Informo também sobre estudos que tenho elaborado sobre variação e mudança, nos níveis morfossintático e sintático-semântico, que ocorriam no período arcaico do português (séculos XIII a XV).

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Guimarães Rosa, em um de seus dispersos reunidos em *Ave, palavra*¹, intitulado *Uns índios (sua fala)*, ao narrar a sua experiência de lingüista amador, ou talvez com mais precisão, de amador de línguas, depois de descodificar algumas expressões recolhidas aos índios Terena de Aquí-

dauana, reconhece que as suas hipóteses para outras descobertas fugiam pelos "fundos da lógica" e então nos presenteia com uma afirmativa exemplar:

Toda língua são rastros de velho mistério.

Como o Professor Cintra, a quem a Associação Portuguesa de Linguística homenageia neste Encontro, me situo entre aqueles que se fascinam pelos velhos mistérios que a documentação remanescente dos tempos mais recuados do português recobre.

Ao receber a Circular da Associação, em que se pretende "ver reunido o maior número de pessoas que, na sua carreira e no seu estudo, foram influenciadas pelo Prof. Cintra" e em que se espera que seja esse momento "mais uma das reuniões de alunos e amigos que ele sempre teve tanto prazer em organizar", julgando-me uma das premiadas pessoas que tiveram a sua carreira e o seu estudo influenciados, na sua essência, pelo Professor Cintra, além de ex-aluna e amiga, não tive como não participar dele, mesmo estando na outra margem do Atlântico.

Sendo exíguo o prazo para elaborar um estudo especial para o Encontro, achei que valia informar sobre estudos que venho realizando, com a intenção de, no futuro, poder chegar a desvendar alguns rastros de velhos mistérios ainda não desvendados, ou não completamente desvendados, de aspectos da Língua Portuguesa no seu processo de constituição ao longo da História.

2 UM POUCO DO PASSADO

Em 1961 um universo linguístico-cultural desconhecido se entreabriu para mim e minhas colegas de turma quando, guiadas pelo Professor Nelson Rossi, na Universida

de da Bahia, iniciamos, ainda estudantes, a trabalhar sobre o manuscrito trecentista do *Livro das Aves*². Não sabia que aquela era a porta para, em 1967 e 1968, chegar a ser aluna do Professor Cintra em Lisboa.

Muito antes de conhecê-lo, entretanto, em 1962, enfrentei o meu primeiro encontro com ele, quando comecei a palmilhar os complexos caminhos da historiografia medieval portuguesa e hispânica pela leitura (que valeu como um curso de Filologia Medieval Hispânica) do volume de introdução à *Crônica Geral de Espanha de 1344*³. Definiu-se então, naquele, agora longínquo mas ainda presente, semestre, uma linha de estudos que persigo desde então: a da História da Língua Portuguesa na sua fase mais antiga e a da Filologia Medieval portuguesa, sem a qual, a história da língua, no seu período arcaico, não pode ser construída.

Cheguei a Lisboa, bolsista da Fundação Gulbenkian, com a leitura crítica das três versões medievais portuguesas dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*⁴ feita; aparato crítico construído.

O Professor Cintra abriu-me todos os caminhos: bibliotecas, arquivos, encontros para discutir o trabalho em curso, autorização para assistir aos seus cursos de Introdução à Linguística, Linguística Românica, Literatura Medieval e aos seminários semanais para discussão de dissertações de Licenciatura em andamento, além da participação nas excursões de 1967 e 1968 a aldeias trasmontanas e beirãs, para ouvir e documentar a diversidade do português regional.

Refiz, por seu conselho, a leitura crítica, com base em outros critérios editoriais, e, conseqüentemente, o aparato crítico. Preparei com sua orientação os estudos que fundamentam a edição crítica. Ainda por seu estímulo, reforçado pelo entusiasmo de Maria Helena Mira Mateus, de quem desde então me tornei amiga, tive coragem de me lan-

Estudos (10): 153-177, dez. 1990

çar a codificação do material lingüístico da versão portuguesa mais antiga, a trecentista, dos *Diálogos de São Gregório* para processamento no Centro de Cálculo Científico da Gulbenkian, abrindo mão do tradicional fichário manual. Disso resultou o que chamei de fichário mecanográfico⁵ que me forneceu não só a listagem geral dos itens lexicais do texto, mas também umas dezenas de listagens de fatos gráficos, fonéticos e morfo-sintáticos que me serviram de base para, dez anos depois, construir a monografia - *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*⁶.

Pronta essa monografia, cumpri um objetivo que me pareceu e parece essencial para estudos posteriores de variação e mudança na fase arcaica do português: ter um *corpus* do português arcaico descrito sistematicamente e avaliado em termos quantitativos, tanto no que se refere à morfologia e à morfo-sintaxe como à sintaxe do enunciado. Sem esse trabalho prévio, iniciado graças ao meu tempo de aluna do Professor Cintra, de quem fui e continuo a ser discípula, não teria como partir para o empreendimento de rastrear os mistérios que permeiam o percurso de mudanças lingüísticas que se processavam no português antigo.

3 ALGUMAS REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE O ESTUDO DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA

3.1 De uma maneira geral escanteados para as margens da Lingüística nas seis primeiras décadas do século XX, os estudos de Lingüística Histórica no seu sentido estrito⁷, ou seja, da mudança lingüística no chamado tempo real, começaram a voltar à cena nos fins da década de sessenta pelos caminhos abertos pela "diacronia sincrônica", ou no tempo aparente, a partir do ensaio programático de *Estudos* (10): 153-177, dez. 1990

U. Weinreich, W. Labov e M. Herzog, *Empirical foundations for a theory of language change*⁸, sem dúvida um dos textos motores da Sociolingüística americana. Mais recentemente, alguns especialistas da "theory of grammar", de raiz chomskiana, têm afirmado que tanto o processo de aquisição da linguagem, como o da constituição dos crioulos, a mudança lingüística deverá fornecer argumentos essenciais para a construção da teoria da gramática. Com isso parecem mudar os ventos em relação à Lingüística Histórica nesse fim do século.

Embora a Sociolingüística americana e a "theory of grammar" persigam objetivos diversos e utilizem metodologias distintas, exigidas pelas teorias que fundamentam essas duas vertentes da Lingüística contemporânea, creio não estar ousando demais se afirmar que os contrários dessas teorias se encontram quando, por exemplo, W. Labov, em 1982, afirma:

A aliança que Weinreich-Labov-Herzog propunham entre Dialectologia, Sociolingüística e Lingüística Histórica é orientada para um tipo de teoria que equilibraria a balança entre explicação histórica e sincrônica, corrigindo o viés a-histórico da Lingüística Geral do século XX. A estratégia de WLH é então contribuir para a teoria geral da língua pelo caminho da teoria da mudança lingüística.⁹

e quando David Lightfoot, um dos grandes estudiosos das teorias chomskianas e certamente o mais destacado especialista em sintaxe gerativa diacrônica, diz em 1980:

Tal como as propriedades específicas da língua de um adulto normal refletem a estrutura de nossa faculdade de linguagem, de maneira como uma língua muda pode esperar-se que se revelem propriedades de nossa dotação biológica e portanto pode esperar-se que seja ela explicada por essa dotação,¹⁰

E, em 1984:

Se olharmos para o ponto em que certas mudanças ocorrem, podemos obter informações sobre os limites de gramáticas possíveis, sobre o momento em que o ambiente lingüístico muda de tal maneira que desencadeie um diferente tipo de gramática.¹¹

Vendo, com muita clareza, que o objeto da Sociolingüística é a língua enquanto fenômeno sócio-histórico e o da "theory of grammar" é a faculdade humana da linguagem, fenômeno bio-psíquico, percebo, contudo, que essas teorias lingüísticas antagônicas convergem quando levam em consideração a importância da mudança lingüística para uma teoria geral da linguagem humana.

Esse encontro das teorias em causa, ambas hegemônicas no panorama da Lingüística contemporânea da América e da Europa Ocidental, pelo menos, é, sem dúvida, um fator de peso que justifica a afirmativa de que a Lingüística Histórica no seu sentido estrito está, certamente, voltando à cena nessas últimas décadas do século XX, como um campo de pesquisa necessário para fundamentar teorias sobre o fenômeno da linguagem.

Exemplos de pesquisas realizadas sobre a mudança lingüística no tempo real segundo as propostas da Sociolingüística estão mencionados no ensaio-resenha de 1982 de W. Labov, *Building on empirical foundations*, sobretudo no item intitulado *The analysis of variation in historical texts*¹²; também começam a surgir teses acadêmicas sobre sintaxe diacrônica com o objetivo de testar proposições teóricas da "theory of grammar"¹³

Não deixaria de mencionar neste tópico de rápida reflexão sobre a posição dos estudos de mudança lingüística nas teorias lingüísticas contemporâneas o fato de que, desde os neogramáticos novecentistas, as questões sobre mudança fônica, mesmo sem prioridade, já que os estudos *sin* *Estudos* (10): 153-177, dez. 1990

crônicos predominaram por todo o século XX, nunca deixaram de ser explorados: a teoria da fonologia diacrônica estruturalista que teve em R. Jakobson e A. Martinet seus mais conhecidos proponentes e os dados de fonologia diacrônica que, desde os anos sessenta, com M. Halle se introduzem nos argumentos das fonologias gerativas, são exemplos.

O mesmo não poderia ser afirmado da sintaxe diacrônica, por razões de vária ordem, explicitadas com muita precisão nos *Principles of diachronic syntax* de D. Lightfoot, mas, sobre todas, o fato de não ter nem o século XIX, nem o século XX estabelecido "uma teoria adequada de possíveis descrições sintáticas (sincrônicas)"¹⁴.

Não fecharia esse item sem lembrar que muito da fonologia diacrônica estruturalista de A. Martinet está presente no que chamei de texto programático da Sociolingüística americana, o *Empirical foundations for a theory of language change*¹⁵ de Weinreich, Labov e Herzog. Não se pode esquecer que Uriel Weinreich foi discípulo americano de A. Martinet e que W. Labov, por sua vez, foi discípulo de Weinreich o que explica a presença da fonologia diacrônica estruturalista em alguns aspectos dos estudos de mudança fônica de linha laboviana, mas em um novo e ampliado redimensionamento do problema ou dos problemas que envolvem essa questão. Há certamente uma continuidade entre os estudos estruturalistas de mudança lingüística e da Sociolingüística, sobretudo quando inserem uma mudança no contexto lingüístico e não apenas sociolingüístico de que faz parte (trata-se do denominado "embedding problem" dessa teoria).

3.2 Independentemente, entretanto, das orientações das correntes lingüísticas hegemônicas, a história das línguas não deixou de ser pesquisada. De umas mais, de outras menos, na maioria dos casos segundo a tradição filo *Estudos* (10): 153-177, dez. 1990

lógica, erudita, porém, em geral, atomizante, mas também segundo propostas de descrição estruturalistas e mesmo segundo propostas gerativo-transformacionais.

Dentre as línguas ocidentais mais estudadas estão, sem dúvida, o inglês e o francês. Sobre o francês medieval, por exemplo, saíram na década de setenta pelo menos três importantes trabalhos de conjunto de orientações estruturalistas no seu sentido amplo, de J. Batany, de G. Moignet e de R.-L. Wagner, mais recentemente outro na orientação das teorias enunciativas atuais, o de B. Cerquiglini¹⁶. Para o inglês cumpre destacar a sintaxe histórica de F. Visser, uma coletânea de tipos de sentenças inglesas, indicando a história da construção, das datas de sua primeira documentação e da atestação final de uma forma obsoleta¹⁷, trabalho que pressupõe um levantamento sistemático e exaustivo de documentos seqüenciados.

Os estudos que tomei como exemplo valem aqui como indicadores de que, nessas línguas mencionadas, se torna menos difícil, por causa da documentação já previamente organizada, trabalhar sobre questões de variação e mudança em estágios passados.

Aceitando-se a definição de Labov para a Linguística Histórica no seu sentido estrito, ou seja, aquela Linguística que pesquisa a mudança através do tempo, como sendo

A arte de fazer o melhor uso de maus dados, no sentido de que os fragmentos da documentação escrita que permanece são os resultados de acidentes históricos para além do controle do investigador.¹⁸

fazer-se tais estudos aplicados à fase mais antiga documentada da Língua Portuguesa adquire proporções de dificuldades maiores, pela razão de que se encontrará o pesquisador não só com a natural documentação fragmentada a que se refere Labov, mas sobretudo porque, embora existam dados re-

Estudos (10): 153-177, dez. 1990

colhidos, classificados e analisados dessa fase da Língua Portuguesa, são eles de natureza e qualidade bastante diferenciadas, que não permitem a necessária inter-comparação para que se chegue a estabelecer o processamento da mudança ao longo das sincronias sucessivas e a definir a cronologia desse processo.

Antes de desenvolver esse ponto de vista na demonstração dos trabalhos que tenho tentado fazer sobre o processo de mudanças em curso no português arcaico, não deixo de destacar alguns trabalhos essenciais, de épocas e abordagens distintas, que são, sem dúvida, balizas de que o pesquisador desse tipo de fenômeno se pode valer, sobretudo se quiser laborar sobre mudanças fônicas ou mórnicas. A situação se torna bastante difícil de transpor se o objeto de pesquisa for a mudança sintática.

Neste último caso só contará de fato com os dados imprecisos e rarefeitos da única sintaxe histórica do português existente, a de Epifânio da Silva Dias¹⁹; com as observações valiosas, mas lamentavelmente reduzidas, de Said Ali²⁰ e com as informações muito bem organizadas, mas restritas de Joseph Huber na sua ainda indispensável obra sobre o português arcaico²¹. Todos esses trabalhos são das primeiras décadas do século XX, talvez a época áurea dos estudos da história da Língua Portuguesa.

Raríssimas monografias existem sobre problemas de sintaxe histórica do português. Anthony Naro que apresentou a Língua Portuguesa com estudos de sintaxe diacrônica²², segundo propostas da teoria gerativo-transformacional, mudou o rumo de seus interesses, com prejuízo certo para o conhecimento científico da história do português em estágios passados.

Tal situação muda de figura, sem dúvida, se o campo de trabalho for a fonética e a morfologia históricas: há as gramáticas históricas do português e algumas monogra-

Estudos (10): 153-177, dez. 1990

fias exemplares da primeira metade do século XX, além de estudos mais recentes da documentação não literária, como a tese do Professor Cintra sobre a *Linguagem dos Foros, de Castelo Rodrigo*²³, de 1959 e a *História do galego-português* de Maria Clarinda Maia, de 1986²⁴. Ambos, com o objetivo de demonstrar a variação dialetal na documentação em estudo, esgotam a informação fornecida pelos *corpora* analisados constituindo trabalhos comparativos dos dados examinados; em confronto com o latim, segundo os moldes clássicos da Filologia Românica.

Não se pode deixar de destacar a importância de muitos glossários que acompanham edições críticas de textos medievais portugueses, como fonte essencial para estudos de mudança lingüística no período arcaico da língua. A queles que se podem considerar exaustivos são os de maior peso para o fim em causa, uma vez que, a partir da localização dos vocábulos indicados se pode ir ao texto não só para depreender os contextos sintáticos em que ocorrem, mas ainda para avaliar a frequência das ocorrências. É óbvio que esse tipo de fonte se torna indispensável, já que não se dispõe de documentação classificada à semelhança da atrás referida de F.Th.Visser para a língua inglesa²⁵.

4 SOBRE ESTUDOS DE VARIAÇÃO E MUDANÇA NA FASE ARCAICA DO PORTUGUÊS

4.1 Os estudos de mudança lingüística na fase arcaica do português que tenho realizado, defino-os como ensaios ou tentativas de descobrir os rastros históricos de mudanças em curso, a partir da documentação duplamente fragmentária — como atrás explicitada — de que se dispõe e construindo uma técnica de observação sugerida pelos proprios dados, mas tendo em mente as leituras feitas de estu
Estudos (10): 153-177, dez. 1990

dos teóricos de qualquer vertente sobre o fenómeno da mudança lingüística, quer da mudança no tempo real, ou seja, a diacronia longitudinal, quer no tempo aparente, ou seja, a diacronia transversal. Concordo com W. Labov quando afirma:

Nunca podemos reivindicar ter resolvido decisivamente uma questão histórica como temos a possibilidade de fazê-lo para um problema sincrónico; o melhor que podemos fazer é depreender o que seja o mais plausível nos eventos passados, à luz de outros dados tanto do passado quanto do presente. Sugerimos que a Lingüística Histórica pode continuar a beneficiar-se do rico e inesgotável conjunto de dados a ser encontrado no estudo de mudanças em curso.²⁶

O objetivo desses ensaios é, antes de mais, tentar precisar fatos da antiga história sintática da Língua Portuguesa, e não têm a pretensão de contribuir para tornar mais adequadas as teorias sobre a linguagem. Não é impossível que no futuro possa chegar a esse outro patamar. São ensaios, portanto, taxionômicos, descritivos, em que as metas principais são: localizar no tempo do português arcaico variações lingüísticas que são indicadores de mudanças em curso e depreender os condicionamentos estruturais a elas favorecedores. Acompanhados de avaliações quantificadas, os dados analisados permitem opinar com mais segurança sobre a maior ou menor vitalidade do fato observado.

Não posso definir esse conjunto de estudos e outros que venha a fazer nessa linha como um projeto no sentido acadêmico estrito, que já deve começar com princípio, meio e fim definidos e, se possível, com um cronograma de desenvolvimento previsto. As contingências do quotidiano universitário em que vivo não me permitem mais do que batizá-lo de projeto aberto, realizando-o nos interstícios das variadas tarefas do dia a dia. Sem um tempo contínuo para a ele dedicar-me, optei por selecionar tópicos a serem ob-
Estudos (10): 153-177, dez. 1990

servados e desenvolver sobre eles estudos que têm me conduzido aos ensaios mencionados, todos eles independentes entre si, mas unindo-os os mesmos objetivos e as técnicas de observação empregadas.

A monografia que elaborei entre 1979 e 1981 sobre o *corpus* extenso da mais antiga versão em português dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* e que resultou nas *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico* é que me conduziu para estes estudos de variação e mudança na fase arcaica da língua. O fato de dispor de um *corpus* medieval sistematicamente observado e quantitativamente avaliado, graças às listagens classificadas elaboradas em 1967-1968 com o auxílio do Centro de Câculo Científico da Gulbenkian, não só me deu uma baliza ou um alicerce para fundamentar os estudos de variação e de subsequente mudança, superando, em parte, a documentação fragmentária existente nos estudos de sintaxe do português arcaico, como me despertou para determinados fatos que, em variação no *corpus*, indicavam ser de interesse para estudar o curso dessa variação em outras sincronias.

Além disso, a avaliação necessária dos trabalhos disponíveis sobre o português medieval para a construção das *Estruturas trecentistas* me levantou questões que não cabia discutir naquele estudo descritivo de um *corpus* pré-determinado, para não sair do seu rumo, mas que valiam ser observadas e, se possível, explicitadas pela utilização de outros *corpora* entre o século XIII e o XV.

4.2 Os cinco ensaios realizados no âmbito dessa linha de pesquisa não têm todos a mesma abrangência. Dois deles se limitam a observar a variação no *corpus* da versão trecentista dos *Diálogos de São Gregório*, determinando os contextos sintáticos em que ocorrem e daí depreendendo hipóteses sobre a direção da mudança que deve ser observada

em outros *corpora*. Tratam, respectivamente, da concordância verbo-nominal e da variação *ser/estar* e verbos correlatos em estruturas atributivas.

O primeiro, intitulado *Sintaxe e grafia: contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses*²⁷, surgiu da observação de casos em que no *corpus*-base trecentista a concordância verbo-nominal da 3ª pessoa do singular e plural não se apresentava como regra categórica. O fato de J. Huber²⁸ mencionar casos de não concordância me levou a procurar determinar sistematicamente os condicionamentos que favoreciam a variação, isto é, a não aplicação da regra categórica (sujeito singular: verbo singular; sujeito plural: verbo plural).

As conclusões a que cheguei indicam que a variação pode ocorrer: 1) quando o sujeito é um nome que apresenta os traços [+singular -singularidade]; 2) quando o sujeito é constituído de um único elemento, mas está distanciado do verbo; 3) quando o sujeito é constituído de mais de um elemento, sendo eles parassinônimos; 4) quando o sujeito vem posposto. Fatores sintáticos outros, de natureza secundária, mostraram também poder interferir na aplicação ou não da regra geral de concordância verbo-nominal.

A não extensão desse problema a outros *corpora* medievais deveu-se, principalmente, a dois motivos: a disponibilidade de tempo para um levantamento exaustivo em documentação representativa e ao fato de que, tal problema, fundamentalmente, terá de valar-se de edições diplomáticas ou de edições críticas em que esteja explícito o tratamento dado à representação gráfica da nasal em posição final, para que não se corra o risco de a marca de nasalidade, típica da 3ª pessoa do plural verbal, não ter sido introduzida pelo editor crítico.

colôquio de Crítica Textual e me pareceu de interesse contribuir com tais informações para o estabelecimento de leituras críticas de documentos da fase arcaica da língua, em que, muitas vezes, a marca da nasalidade da 3ª pessoa do plural não está indicada pelo sinal gráfico *til*, fato que nem sempre deve ser interpretado como *lapsus calami* do escriba medieval, mas como uma possibilidade de não aplicação categórica da regra de concordância.

Outro que se deteve também apenas no *corpus*-base, intitulado *Ser, estar, jazer, andar no português tercentista*²⁹ apresenta uma análise da co-ocorrência desses verbos em estruturas verbais atributivas do tipo locativa e do tipo descritiva, com o objetivo principal de verificar para tornar precisa a extensão do uso de *estar* em relação a *ser* já que o primeiro iniciava a sua difusão sobre o campo de uso do segundo.

Essa análise permitiu duas conclusões principais que considero como hipóteses a serem testadas em *corpora* de sincronias anteriores e posteriores: 1. a escolha de *estar* já então dominava a localização espacial relativa, competindo contudo com a seleção de *ser* (p.ex.: "cousas que *derredor* estavam"/ "todolos que *en aquel* lugar eran"); 2. a escolha de *ser* dominava ainda na expressão do atributo transitório, convivendo entretanto com *estar* (p. ex.: "fez sa oraçon *estando* el-rei presente"/ "as donas que *enton* presentes foron, contaron-no aas outras").

Os dados permitem supor que *estar* com atributos transitórios parece ter-se firmado primeiro nos atributos do tipo locativo, generalizando-se depois para o outro tipo de atributo transitório. Permitem também afirmar que, no estágio lingüístico analisado, não se definiria a oposição *ser/estar*, como expressão *lato sensu* de permanência/transitoriedade, tal como veio a definir-se no decorrer da história da língua, em momento a ser determinado.

Não estendi tal estudo a outros *corpora*, no momento da elaboração desse ensaio, por falta de tempo de processar dados de outras sincronias. Pela natureza do fenômeno em causa, a sua frequência é muito alta, basta dizer que no *corpus*-base desse estudo trabalhei com 1648 ocorrências de *ser*, 238 de *estar*, 154 de *jazer* e 136 de *andar*³⁰.

Os três outros ensaios de que aqui darei notícia partiram do *corpus*-base, os fatos sob análise foram, entre tanto, estudados em *corpora* de outras sincronias da fase arcaica do português.

O mais antigo deles, intitulado *Um aspecto do auxiliar no português arcaico*³¹, originou-se do fato de ter observado que no *corpus*-base o verbo *ter*, variando com *haver*, seguido de particípio passado não deveria ser analisado como auxiliar, uma vez que não constituía com o particípio o que se convencionou chamar de tempo composto. Para isso foram examinados todos os contextos sintáticos em que ocorriam, tanto no texto-base como nos outros. Além da concordância do particípio passado com o sintagma nominal complemento (p. ex.: *todolos bêes* que mh'á feitos/aquelas *cousas* que *ten* aparelhadas), a liberdade de posição de *ter/haver* em relação ao particípio passado, que ficou demonstrada pela variada distribuição documentada (*ter* + PP + SN; *ter* + SN + PP; SN + *ter* + PP; PP + *ter* + SN; SN + PP + *ter*), foi outro fator que levou à conclusão acima.

O fato de historiadores da língua como Said Ali³² e Mattoso Câmara Jr.³³ afirmarem que os tempos compostos se constituíram depois da perda da flexão do particípio passado, que concordava com o seu complemento, o que se documenta ainda no século XVI, e, contrariamente, A. Naro e M. Lemle, em estudo sobre difusão sintática³⁴, recuarem a data da existência de tempo composto para o século XIV, foram motivações que me levaram a observar o problema já detectado

no *corpus*-base trecentista em documentos da 1.^a metade do século XV: na versão datada de 1416 dos *Diálogos de São Gregório*, na *Lenda do Rei Rodrigo*³⁵, a partir da leitura crítica de um manuscrito que se situa entre 1410 e 1420, embora cópia de manuscrito do século XIV; na *Cronica de d. Pedro* de Fernão Lopes, que pode ser situada entre 1419 e 1454, cuja leitura crítica utilizada se fundamenta em vários manuscritos da obra, sendo três deles do próprio século XV, aí incluído o que serviu de base à edição crítica³⁶. A escolha desses textos foi condicionada não só pela sua datação, mas pela qualificação do editor crítico, da qualidade da edição e também da extensão do texto, já que levantamentos manuais de textos longos se tornam quase impossíveis quando não há uma dedicação exclusiva a esse tipo de trabalho.

Desse estudo de variação e mudança retirei a conclusão de que, se se admitir a categoria "verbo auxiliar" e entre esses *ter/haver* nas construções com particípio passado, em português, parece dever admitir-se que essa construção é uma inovação que se difunde, a meu ver, se outros dados não vierem a invalidar a informação que depreenho dos dados analisados, ao longo do século XV.

Para essa conclusão, dos dados recolhidos é argumento significativo o fato de, em 153 ocorrências nos *corpora* mencionados, em apenas uma, *A Lenda do Rei Rodrigo*, não ocorrer a concordância esperada:

E a molher do conde que já havia sabido de sua filha toda sa fazenda. (Cap. VIII, ls. 15-16)

além de outra, que indica que as duas possibilidades já coexistiriam naquele momento (admitida, é claro, a gramaticalidade de ambas):

O nom sabedes vós quanto afam e trabalho avedes tomado [e não tomados] e quantas espada-

das e seetadas havedes levadas. (Cap. X, 13-14)

Outro ensaio, o último realizado, tem também os verbos *ter* e *haver* como centro, intitula-se *Variação e mudança no português arcaico: ter ou haver em estruturas de posse*³⁷. Os dados do *corpus*-base indicaram que, em estruturas possessivas, *haver* e *ter*, com predominância do primeiro, não estão em variação livre, como à primeira vista pode parecer, mas a escolha de um ou outro verbo está condicionada, pelo menos, pela natureza semântica do "objeto possuído" ou "atributo", como se queira classificá-lo.

Sabendo-se que *habere* é o verbo de posse, por excelência, no latim e que a inovação portuguesa se constitui no uso de *ter* (< *tenere*, secundariamente verbo de posse em latim) nessas estruturas, observei no *corpus* trecentista e em documentação quatrocentista — do começo do século XV (*A Lenda do Rei Rodrigo*), da segunda metade do mesmo século (*Imitação de Cristo*, entre 1468 e 1477)³⁸ e na *Crônica de D. Pedro*, entre 1419 e 1454, intermediária entre os dois outros — a difusão do uso de *ter* nos contextos semânticos a seguir enunciados e verifiquei que do século XIV para os fins do século XV *ter* avança do contexto "objeto adquirível material" (I) para o de "qualidade adquirível imaterial" (II) e, por fim, para o de "qualidade inerente" (III).

Em síntese, e considerando as sincronias extremas: no *corpus* dos fins do século XIV, *ter* predomina no contexto I, ocorre raramente no II e não aparece no III; no *corpus* dos fins do século XV, *ter* ocorre em todos os contextos e *haver* está em claro recesso em todos os contextos, inclusive no III. Assim, *haver* que era o verbo generalizado na expressão das estruturas possessivas na sua 1.^a fase do português arcaico é substituído por *ter* que, das estruturas do tipo I, se difunde primeiro para as do tipo

Estudos (10): 153-177, dez. 1990

II e daí para as do tipo III, fatos que ocorrem do século XIV para o XV.

Este ensaio deve ser complementado por outro que analise a variação e mudança nas estruturas existenciais em que o verbo selecionado, de acordo com a história seria *ser*, ainda documentado no português trecentista, que será substituído por *haver*, na origem não existencial, mas possessivo, como vimos. Esse fato indica, portanto, que, na fase arcaica da língua, o recesso de *haver* possessivo em proveito de *ter* está interrelacionado com o avanço de *haver* existencial e no correlato recesso de *ser* existencial. Além disso, a estrutura possessiva pode ser expressa por *ser de*, desse modo mais uma vez *ser* se relaciona a *haver* no português arcaico e, como ainda no atual, a *ter*.

Os fatos assinalados indicam que merecem uma análise de conjunto os verbos *ter*, *haver*, *ser*, *estar* nos vários contextos semânticos e sintáticos em que podem ocorrer no português arcaico, com o objetivo de uma compreensão integrada das mudanças interrelacionadas que entre eles ocorreram, juntamente com outros verbos correlatos (p.ex.: *jazer*, *andar*, *ficar*, *tornar-se...*), na fase arcaica da língua.

O último ensaio de que darei notícia é de elaboração mais antiga que o anterior e foi publicado em Lisboa — *Pero e porém: mudanças em curso na fase arcaica da Língua Portuguesa*³⁹. Motivado por fatos observados no corpus-base, apresenta um estudo de variação e mudança que envolve a mudança semântica de *pero*, etimologicamente *por isso*, para o sentido adversário de *porém* e a mudança análoga de *porém*, etimologicamente também *por isso*, para o sentido adversativo.

A análise de documentos das últimas décadas do século XIV (*Orto do Esposo*, entre 1380 e 1390)⁴⁰, da metade do século XV (*Crônica de D. Pedro*, entre 1419-1454), *Estudos* (10): 153-177, dez. 1990

da 2ª metade do século XV (*Imitação de Cristo*, entre 1468-1454) e dos *Lusíadas*, um século depois, 1572⁴¹, levou às seguintes conclusões quanto à difusão das mudanças em causa: 1. no que diz respeito a *pero*, convivem nos séculos XIII-XIV as duas acepções-conclusivo-explicativa e adversativa; 2. do século XIV para o XV desaparece a acepção etimológica e permanece a adversativa; 3. no século XVI o item *pero* desaparece do *lexicon* da língua. Paralelamente ocorre a mesma mudança semântica em *porém*, só que em sincronia posterior: 1. *porém*, etimológico, conclusivo-explicativo e *porém*, adversativo convivem nos séculos XIV-XV; 2. decresce, ao longo do século XV, o uso de *porém* etimológico, que vem a desaparecer; 3. permanece o sentido adversativo que se mantém até os nossos dias.

Demonstrado pelos dados quantificados o processo de difusão da mudança, o estudo procura explicitar condições estruturais que favoreceram esse curioso exemplo de mudanças gêmeas, já observadas, mas não interrelacionadas, nem localizadas com boa margem de precisão, por Said Ali⁴² e Carolina Michalilis de Vasconcelos⁴³.

A constituição das conjunções portuguesas merece um estudo de conjunto interrelacionado com o estudo de expressões adverbiais do qual, certamente, emergirão correlações semelhantes a essa que ocorreu com *pero* e *porém*⁴⁴.

5 PALAVRAS FINAIS

Esse gosto pela busca dos rastros de velhos mistérios que constitui a arte de fazer o melhor uso (ou o melhor uso possível!) de maus dados, objeto da *Linguística Histórica* no sentido estrito, sem dúvida foi em mim incentivado pelo Professor Cintra há, pelo menos, vinte anos. Se continuo hoje a perseguir esses mistérios linguísticos, *Estudos* (10): 153-177, dez. 1990

é porque o seu antigo estímulo me levou a construir não só a edição crítica (ainda inédita) do texto trecentista, do qual vim a fazer uma descrição sistemática (em impressão), que tem sido o ponto de partida para esses ensaios que acabo de resenhar e de outros que ainda pretendo fazer, além de incentivar outros a fazerem.

Na outra margem do mar, longe das origens da Língua Portuguesa, não são no espaço como no tempo, alinhom-me com o ponto de vista de W. Labov quando defende que o presente e o passado de qualquer linha histórica são duas faces de uma mesma moeda, que a história sincrônica como a diacrônica são complementares e por isso se pode iluminar o presente pelo passado, da mesma forma que o rastrear o passado se ilumina pelas trilhas abertas no presente.

Disso tive prova concreta, guiada pelo Professor Cintra, quando em 1967 e 1968 vi e ouvi falarem as aldeias raianas de Trás-os-Montes e aldeias beirãs da Serra da Estrela.

ABSTRACT

This text was written for a definite event: the Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística (May, 1988), held in honor to Professor L.F. Lindley Cintra, philologist and linguist who has directed most of his work to research on the ancient period of the Portuguese language. This paper presents the concerns of my research, deeply influenced by Lindley Cintra's teachings, though redimensioned taking into account apports of recent trends in Historical Linguistics. Here I present information about studies I pursue on variation and change, at morpho-syntactic and syntactic-semantic levels, that took place during the old

portuguese period (XIIIth-XVth centuries).

NOTAS

- * Não tendo saído ainda as *Atas do Encontro* para o qual este texto foi escrito e, quando saírem, terão circulação restrita, no âmbito, sobretudo, dos associados da A.L.P., não considerarei inoportuna a sua apresentação neste número de *Estudos*.
- 1 *Ave, palavra* é uma miscelânea póstuma, organizada por Paulo Rónai, que reúne publicações de Guimarães Rosa fruto de sua colaboração de cerca de vinte anos em revistas e jornais brasileiros, entre 1947 e 1967. *Uns índios (sua fala)* está nas páginas 93 a 95 da 3a. edição (Rio, Nova Fronteira, 1985).
 - 2 Edição crítica coordenada por Nelson Rossi e com a participação de Vera Rollemberg, Jacyra Mota, além de mim; publicada em 1965 pelo INL, Rio.
 - 3 *Crônica Geral de Espanha de 1344*. Vol. I. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1950.
 - 4 Edição crítica intitulada *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*, perfazendo quatro volumes com Introdução (I), Leitura Crítica (II), Aparato Crítico (III) e Índice Geral das Palavras Lexicais (IV). Foi aprovada como tese de Doutorado na Universidade de São Paulo em 1971 e aceita, em 1983, para publicação pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda de Lisboa.
 - 5 Sobre esse fichário dei notícia em "O fichário mecanográfico de um texto antigo". Artigo publicado em *Universitas* (8/9, 1971. Salvador. p.73-72), revista da Universidade Federal da Bahia; e em "O estudo lingüístico de um texto antigo" (*Boletim de Filologia*, XXII, 1973. Lisboa. p.263-80).
 - 6 Em fase final de impressão na Imprensa Nacional — Casa da Moeda.
 - 7 A propósito de *Lingüística Histórica stricto sensu e lato sensu* desenvolvi uma reflexão em "Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Lingüística Histórica no Brasil", publicada em *DELTA* (4(1), 1988. São Paulo. p. 85-113),

revista da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

- 8 Este ensaio, basicamente de Uriel Weinreich, foi seu último escrito. Não tendo ele podido levar avante as suas proposições, vieram a ser desenvolvidas por W. Labov e sua escola, que se dedicam sobretudo à Sociolinguística sincrônica e à mudança no tempo aparente. Publicado em W. LEHMANN e Y. MALKIEL (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas, 1968. p.95-188.
- 9 Cf. "Building on empirical foundations". In: W. LEHMANN e Y. MALKIEL (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia, J.B. Publishing Company, 1982. p.17-92.
- 10 Cf. "Explaining syntactic change". In: N. HORNSTEIN e D. W. LIGHTFOOT (eds.). *Explanation in Linguistics*. London, Longman, 1980. p.209-240.
- 11 Cf. *The language lottery: Toward a biology of grammars*. Cambridge Mass., MIT Press, 1984. p.149.
- 12 Cf. op. cit. à nota 9, p.34-38. Nesta orientação é a tese de doutoramento de F. TARALLO, *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*, apresentada na Universidade de Pennsylvania em 1983, em que estuda a relativização na sincronia atual e em documentação brasileira dos sécs. XVIII e XIX.
- 13 Cito como exemplo a dissertação de MARIANNE P. ADAMS, *Old french, null subjects and verb second phenomena* (mimeo.). aprovada na UCLA, em 1987.
- 14 Cf. p.10 desta obra de Lightfoot (London, Cambridge University Press, 1979). Esse livro constitui, certamente, um marco na teoria da sintaxe diacrônica, integrada nas teorias gerativas chomskianas. No seu capítulo primeiro (*Preliminaries*, p. 1-80) o autor discute, em detalhe, as dificuldades para uma sintaxe diacrônica que ultrapasse o limite do apenas taxionômico, embora destaque a importância das coletâneas de dados para os estudos de mudança sintática.
- 15 Cf. op. cit. à nota 8.
- 16 J. BATANY, *Français Médiéval*. Paris, Bordas, 1972; G. MOIGNET, *Grammaire de l'ancien français*. Paris, Klincksieck, 1973; R.-L. WAGNER, *L'ancien français*. Paris,

Estudos (10): 153-177, dez. 1990

Larousse, 1974; B. CERQUIGLINI, *La parole médiévale*, Paris, Minit, 1981.

- 17 F.Th. VISSER, *An historical syntax of the English language*. Vols. I-IIIb, Leiden, Brill, 1963-1973. D. Lightfoot considera esta obra como um dos fatores que permitem tirar novos desenvolvimentos nos estudos de mudança sintática no inglês (cf. op.cit. à nota 14, p.13).
- 18 Cf. op. cit. à nota 9, p.20.
- 19 *Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa, Clássica Editora, 1918 (1a. edição).
- 20 *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1921-1923 (1a. edição).
- 21 *Gramática do português antigo*. Lisboa, F. Calouste-Gulbenkian, 1986, tradução de M. M. Delille do original alemão (*Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg, Carl Winter, 1933).
- 22 Destaco a sua tese inédita apresentada em 1968 ao MIT, intitulada *History of portuguese passives and impersonals* e o artigo *The genesis of the reflexive impersonal in Portuguese* (*Language* 52(4), 1976. p.779-810).
- 23 Publicada pelo Centro de Estudos Filológicos de Lisboa e recentemente re-impressa pela IN-CM, Lisboa. No exame de uma família de foros o Professor Cintra determina traços leoneses na documentação examinada, em confronto com os galego-portugueses do que resultou um trabalho único no seu gênero na bibliografia portuguesa, ou seja, de dialectologia hispânica aplicada ao séc. XIII.
- 24 Tem como sub-título esse estudo monumental: *Estudo linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI* (com referência à situação do galego moderno). Coimbra, INIC, 1986. Renasce com esta obra as orientações de Cintra no trabalho citado na nota anterior, só que diferente o campo de observação: mais de duas centenas de documentos escritos entre os séculos XIII ao XV e localizados do Cantábrico ao Douro.
- 25 Cf. op. cit. à nota 17.
- 26 Cf. "On the use of the present to explain the past". IN: LUIGI HEILMANN (ed.). *Proceedings of the 11th In-*

Estudos (10): 153-177, dez. 1990

- ternational Congress of Linguistics. Bologna, Societa Editrice Il Mulino Bologna, 1972. p.825-851. A citação está à p.848.
- 27 Publicado em *Estudos lingüísticos e literários* 4. Salvador, 1985. p.103-151 e posteriormente nas atas do Congresso para o qual foi enviado: *Actes du Colloque de Critique Textuelle Portugaise*. Paris, 20-24 octobre 1981. Paris, F. Calouste Gulbenkian - Centre Culturel Portugaise, 1986. p.85-98.
- 28 Cf. op.cit. à nota 21 §§ 446, 447 e 448.
- 29 Publicado na *Miscelânea* em homenagem a Paul Teyssier (*Arquivos do Centro Cultural Português*, XXIII. Paris-Lisboa, Fundação Calouste-Gulbenkian, 1987. p.31-47).
- 30 Oriente, atualmente, dissertação de Mestrado de Ma. do Socorro Sepúlveda Neto em que tais hipóteses estão sendo observadas em *corpus* da 1a. metade do século XV.
- 31 Publicado na revista *Tulane studies in romance languages and literature*, 10. Tulane, 1981. p.93-109. Este número da revista de Tulane foi em homenagem a Agostinho da Silva.
- 32 Cf. "Haver e ter". In: *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio, Acadêmica, 1957. p.117-128.
- 33 Cf. *Uma forma verbal portuguesa*. Rio, Acadêmica, 1956. p. 82.
- 34 "Syntactic diffusion". *Ciência e Cultura*. 29(9). São Paulo, 1977. p.259-268.
- 35 Edição de L.F.Lindley Cintra, Lisboa, Verbo, 1964.
- 36 Edição de G.Macchi, Roma, Ateneo, 1966.
- 37 Trabalho entregue para publicação em *Miscelânea* em homenagem ao Professor Celso Ferreira da Cunha.
- 38 Edição de I.V.Lepeda, Lisboa, CEF, 1962.
- 39 Publicado no *Boletim de Filologia*, XXIX, 1984. Lisboa, p.129-151.
- 40 Cf. *Glossário* de B.Maler, publicado em Estocolmo em 1964.
- 41 Cf. A.G.Cunha, *Índice analítico dos Lusíadas*. Rio, *Pré Estudos* (10): 153-177, dez. 1990

sença, 1980.

- 42 Cf. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio, *Me*lhoramentos, 1964; p.187 e 225 da 3a. edição.
- 43 Cf. *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. Separata da *Revista Lusitana* XXIII, 1920. p.1-95.
- 44 Em início, encontra-se a dissertação de Sílvia Rita de Olinda que, sob minha orientação, trabalha sobre as conjunções *ca/pois* no português arcaico.

Impresso na Gráfica Univer
sitária do Centro Editorial e Didático da
UFBA, Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus
Universitário da Federação, 40.210 Salva
dor, Bahia, Brasil. Atendemos pelo reembol
so postal.

Capa: Larry Guerra Santos
Composição gráfica: Maria da Conceição Moura Tourinho